

REVISTA DE COIMBRA

FOLHA BIMENSAL



N.º 1

Sexta feira 1 de Dezembro

1865

INTRODUÇÃO

Não tentámos inaugurar um periodico de debates escolares, e fazemos desde já esta declaração, para que se não julgue que vamos entrar em polemica fastidiosa com um, ou outro escriptor, cujas obras, por ventura, incitassem animadversão da parte dos seus collegas nos trabalhos litterarios: não visa a tão alto scopo esta humillima publicação. Queremos sómente aligeirar as horas de mais serios estudos.

Houve quasi sempre entre nós uma folha litteraria, quasi sempre exclusivamente litteraria, em que escrevíamos as impressões agradaveis da mocidade, os deliciosos sonhos de nossas almas, inspirados por esta natureza vivificante e bella, e pela idade das crenças, das esperanças, e das aspirações á virtude divina da formosura e da verdade; e foi sempre assim que se formou a litteratura de Coimbra, singela, desataviada de posições galas dos velhos sabios, moça no colorido e no sangue, alegre e entusiasta, scismadora, por vezes, porque no meio das flores da sua varzea esplendida olhava tambem para o ceu do futuro.

Esta nossa litteratura nunca teve pertenções a formar proselytos — porque nunca formulou as regras da sua escola, se não as pôde encontrar no caminho do seu ideal: mas os que olham para as sombras do passado admiram-se de que nós vaguemos assim na incerta via, uns e outros em direcções encontradas, e dizendo sempre o que sentimos com multimodas manifestações.

Pouco importa: escreveremos tudo o que julgarmos bom e util, sem nos embrenharmos nas estereis discussões de principios particulares, que por serem patrimonio d'um homem notavel, ou

d'uma escola illustre, nem por isso poderão servir de norma absoluta a quem sonha entre os vergeis da imaginação com as rosas do ceu.

Publica-se esta folha para nos distrahirnos das graves lucubrações da sciencia; não fazemos com isto mais nada, do que empregar bem o tempo do descanso. Este periodico é para todos os que no silencio do seu quarto, antes de abrirem os livros, querem voejar entre os jardins da imaginação a delibar o nectar dos deuses, e mostrar depois o sentimento suavissimo das suas almas.

F. Guimarães Fonseca.

ROMANCE DO CYCLO GRECO-ROMANO NA POESIA POPULAR PORTUGUEZA

I

Romance de Virgilio

A tradição popular deslumbra-se não só com os Heroes, mas tambem com os Sabios; ao lado do romance de *Alexandre*, de *Carlos Magno* e do *Cid*, encontra-se tambem a figura de *Aristoteles* com o grotesco do *Fabliau*, e *Virgilio* personificado segundo as diferentes evoluções de uma mesma legenda; argumentam os *Sete Sabios*; *Apolonio* transforma-se no Christo pagão; e *Salomão*, sentenciando nos seus dialogos com *Marculpho*, como grande advinhador de enigma, serve-se dos anexins da idade media para exprimir a sua moral severa e conjuntamente cynica. Factos semelhantes se encontram na vida dos poetas gregos: *Homero*, *Eschylo*, e *Sophocles* foram romanceados pelos eruditos alexandrinos.

Virgilio foi o personagem dilecto d'estas creações byzantinas; retrataram-n'o com as côres moraes do tempo; ora é um feiticeiro que vive folgadoamente em uma opulenta ociosidade que a sua vara magica inventa. Ideal de uma sociedade a esphacelar-se, o Baixo Imperio. Ora segue aventuras d'amores, que o expõem aos sarcasmos e

9
(3)
20
29

irrisão, de que elle sabe vingar-se admiravelmente. Agora fazem-n'o um padre da igreja entre os padres da igreja, e vem testemunhar o Verbo; logo os juriconsultos consultam a integridade da justiça que o sentimento do bello lhe deixou entrever. Elle está á altura de cada espirito, ou revelando o futuro nas palavras soltas dos seus versos, ou dirigindo no reino das sombras o genio da Renascença. Quem não ha de amal-o! A legenda da descida aos infernos tinha-se desenvolvido successivamente desde o Purgatorio de S. Patricio e a visão de Oenus e Tundal, até á visão do monge Alberich. Foi Dante quem descobriu na *selva* o *ramus aureus* de Virgilio, que dava entrada no reino das sombras; é justamente na mesma nuvem da rainha Dido que lhe apparece a criação pura e sublime de Francesca de Rimini. Virgilio dirige o espirito da Renascença; vem retemperar de novo a alma humana na contemplação da natureza, odiada pelos mysticos; é como a *dolce color d'oriental zaffiro*, de que fala o gibellino, que illumina o abrir dos tempos modernos. Em cada logar retrataram-n'o com traços caracteristicos; os grammaticos byzantinos fundam nas eclogas um romance licencioso da sua vida; os mysticos da idade media tiram do nome de Virgilio o horoscopo da virgindade de sua alma. Como o haviam de representar debaixo d'este clima apaixonado da Hespanha? É um cavalleiro andante, vive da aventura de amor; o galanteio vae mais longe. O rei manda prendel-o por ter seduzido uma dama, talvez sua filha? Condemna-o á morte; é a offendida que o salva, servindo-se do sublime direito cavalleiresco da mulher. Eis como elle anda nos Romanceiros de Hespanha:

ROMANCE DE VIRGILIOS

Manda el-rei prender Virgilios
E a bom recado o metter,
Pela traição commettida
Dentro dos passos d'el-rei.
Uma donzella forçára
Chamada Dona Isabel,
Sete annos o teve preso
Sem que se lembrasse d'elle;
E estando um domingo á missa
Começou de pensar n'elle:
— Meus cavalleiros, Virgilios
O que será feito d'elle? —
Logo fala um cavalleiro
Amigo de Virgilio era:
— Preso o tem a vossa alteza,
Preso mettido entre ferros.
— A comer meus cavalleiros,
Cavalleiros a comer,
Depois de termos comido
Virgilio iremos ver. —
Ali falára a rainha;
— Eu não comerei sem elle. —
Para os carceres caminham

Aonde Virgilio pena.
— Que fazes aqui, Virgilios,
Virgilios, o que fazeis? —
— Penteio, senhor, as barbas
E tambem os meus cabellos;
Aqui me foram crescidos
Aqui hão de embranquecer,
Que hoje se acabam sete-annos
Que me mandaste prender.
— Cala-te lá oh Virgilios
Já tres faltam para dez. —
— Senhor vossa alteza o manda
Aqui ficarei de vez.
— Virgilios, por tal paciencia
Commigo hoje vás comer.
— Rotos tenho meus vestidos
E não posso apparecer.
— Eu te darei uns, Virgilios,
Elles aqui virão ter. —
Bom grado dos cavalleiros,
E mais tambem das donzellas,
E mais agradou á dama
Chamada Dona Isabel.
Logo ali um Arcebispo
A desposava com elle,
Que pela mão a levava
A retirado vergel.

Este romance hespanhol — que traduzimos segundo o gosto popular — appareceu pelo seculo XVI nas primeiras collecções. Não ousámos affirmar positivamente que seja o poeta Virgilio o personagem; a grande popularidade do mantuapo, e a paridade de lendas semelhantes, levamos a crer que seja uma reminiscencia d'aquelle que tanto satisfiz o espirito da Renascença. Entre nós são raros os romances do cyclo greco-romano, se assim considerarmos varias allusões de Gil Vicente á tradição da Guerra de Troia, as cantigas de Ullyses, e a fundação de Lisboa; contudo o romance de Virgilio parece ter existido, porque no romance de *Reginaldo* se encontra a fusão de duas acções differentes; a primeira parte constitue um romance de per si, que anda na tradição oral de Traz-os-Montes, e do Alemtejo e Minho com o nome de *Gerinaldo*; em outra parte o pagem d'el-rei está mettido n'uma torre, d'onde é tirado depois para casar com a filha do rei; pouca differença faz na acção do romance de Virgilios. Eis o fragmento que se encontra sómente nas lições do Ribatejo e Beira Alta:

Já o mettem n'uma torre,
Já o vão encarcerar,
Mas anno e dia é passado,
E a sentença por dar.
Veio a mãe de Reginaldo
O seu filho visitar:
— Filho quando te pari
Com tanta dôr e pezar,
Era um dia como este,
Teu pae estava a expirar.
Eu co'as lagrimas dos olhos,
Filho te estava a lavar;
Cabellos d'esta cabeça

Com elles te fui limpar.
 E teu pae já na agonia,
 Que me estava a encomendar:
 Em quanto fosses pequeno
 De bom ensino te dar,
 E depois que fosses grande
 A bom senhor te entregar.
 Ai de mim triste viuva,
 Que te não soube criar!
 A el-rei te dei por amo,
 Que melhor não pude achar:
 Tu vaes dormir com a infanta
 De teu senhor natural!
 Perdeste a cabeça, filho,
 Que el-rei t'a manda cortar!
 Ai meu filho antes que morras
 Quero ouvir o teu cantar.
 — « Como hei de eu cantar, mi madre,
 Se me sinto já finar?
 — Canta, filhinho, canta
 Para haver minha benção,
 Que me estou lembrando agora
 De teu pae n'esta prisão.
 Canta-me o que elle cantava
 Na noute de Sam João:
 Que tantas vezes m'o ouviste
 Cantar c'o meu coração.
 — Um dia antes do dia
 Que é dia de Sam João,
 Me encerraram n'estas grades
 Para fazer penação.
 E aqui estou pobre coitado
 Mettido n'esta prisão,
 Que não sei quando o sol nasce
 Quando a lua faz serão.

De suas varandas altas
 El-rei estava a escutar;
 Já se vae onde a princeza,
 Pela mão a foi buscar,
 «— Anda ouvir, oh minha filha,
 Este tão lindo cantar,
 Que ou são os anjos no ceu,
 Ou as sereias no mar.
 — Não são os anjos no ceu,
 Nem as sereias no mar,
 Mas o triste sem ventura
 A quem mandaes degollar.
 «— Pois já revogo a sentença
 E já o mando soltar;
 Prende-o tu, infanta, agora
 Pois contigo ha de casar.

Rom. t. II, p. 164.

São fundamentaes as analogias d'estes dous romances para considerar as versões de Ribatejo e Beira Alta como uma peça destacada. Em ambos elles é um cavalleiro ou pagem que fez uma traição no palacio de el-rei, que é mettido em uma torre aonde o rei se esquece d'elle. A sua lembrança acode casualmente á memoria do rei, e é a rainha, ou a filha da rainha, que o protege, rematando o desenlace com a dama ou a infanta offendida que aceita em casamento o prisioneiro. No direito symbolico da idade media a mulher salvava o condemnado á morte, casando com elle. Isto se encontra tambem entre os arabes.

A lenda de Virgilio era conhecida em Hespanha e Portugal na idade media; foi sobre que se fundou o romance; nada mais natural. Na antiga comedia da *Celestina* o apaixonado quer justificar-se, porque não resiste ao amor de Melibea e exclama: « Dize-me porque é que Adão, Salomão, David, Aristoteles e Virgilio, todos aquelles de quem costumam falar, se sujeitaram ás mulheres? » (1). Cita justamente os personagens que formam o cyclo erudito, *de quem costumam falar*. A lenda grotesca de Aristoteles sellado e montado pelas ruas de Athenas, e a de Virgilio logrado pela astucia da Lanuce, conhecidissimas na idade media, andam nas allusões de quasi todos os poemas. Em Portugal no regimento das Coudelarias, reformado nos annos de 1566 e 1579, Virgilio vem como auctoridade legal a proposito do tempo, em que os poldros devem ser apartados das mães (2).

De facto as Eclogas e Georgicas eram as mais populares de todos os livros de Virgilio; e foi d'elles, como adiante veremos, que dimanaram todas as fórmulas da sua legenda.

(Continúa)

Theophilo Braga

HISTORIA DE MAGDALENA

I

Quando eu me ajoelhei ao pé do altar da Virgem para receber a primeira vez o pão do amor, que ella formára do seio purissimo, senti-me presa ao olhar suave da mãe dos meus sonhos, porque ella foi quasi desde o berço minha adorada mãe.

Oh! quem me dera a devoção infantil, com que eu ouvia os canticos sagrados, a musica religiosa do orgão, a toada solemne das orações da igreja, e o arroubamento em que eu aspirava todos estes perfumes das primeiras crenças da meninice!

Como o templo coberto de galas, com as formosas vestes do culto sagrado, me encantava a mim, pobre creança, me deliciava, banhando-me a alma de suavissimas alegrias! Que pressuroso afadigar, quando nos arranjavamos para ir á festa; como nós escolhiamos os melhores vestidos, os mais lindos enfeites, todas as joias mais preciosas!

Foi ahi que se accendeu pela primeira vez o lume d'este coração; foi alli que eu sagrei aos pés do altar da Virgem o meu primeiro amor.

Embalaram-nos no mesmo berço, gozámos os primeiros sorrisos da idade d'ouro, dos sonhos

(1) Germond de Lavigne, *Celestine*, pag. 22.

(2) J. Pedro Ribeiro, *Dissert. Chronol.* t. IV, part. II, pag. 196.

da infancia, e germanámos a nossa vida e as nossas aspirações n'uma unica esperança: — a felicidade do nosso amor.

Como tudo nos parecia alegre então! Como as flores, que nós colhiamos aos domingos, para adornar o altar da Mãe de Christo, perfumavam os nossos innocentes affectos!

Ao diadema de rosas brancas, que cingia a fronte da Virgem, era semelhante o pensamento de duas almas, que a primeira benção da felicidade uníra para sempre na terra.

Para sempre? Vejo-o ainda nas saudosas reminiscencias do meu passado. Lembro-me d'este desabrochar da imaginação aos quadros floridos dos meus sonhos infantis, e tenho saudades.

Não sei se aquillo seria um amor profundo, como o soffri depois; mas era um amor sancto, uma devoção suavissima, como a primeira oração pelo somno de minha mãe no seio de Deus.

Não me saltava o coração no peito, quando o via; não se me incendiavam os olhos do lume da paixão febril, quando o beijava; mas sentia esmaecer-se em minha alma uma doçura ineffavel, e banhar-se todo o meu corpo n'uma voluptuosidade purissima.

Era assim o meu amor; sereno como o primeiro e ultimo sorriso do anjo da alvorada, quando a noute vae acoutar-se na profundidade do seu abysmo.

Havia entre nós uma intimidade descuidosa, como sóe ser a de dous irmãos.

Dormiamos no mesmo quarto, levantavamo-nos á mesma hora, com o desabrochar da manhã, iamnos offerecer as primicias do nosso coração, unidos em doce abraço, ao altar onde minha mãe nos ensinára as primeiras orações, e vinhamos depois para o trabalho com o sorriso nos labios, e a alegria a irradiar-nos do rosto.

Eu assentava-me a bordar no caramanchão do jardim, nas lindas manhãs de primavera, e elle ia estudar as mais bonitas paisagens d'aquelles pittorescos arredores, para as copiar depois em traços e côres formosissimas.

Eu amava todas as suas obras desde a mais imperfeita, e gostava de todos os seus enlevos de artista, quando elle me mostrava, inundado de alegria, o desenho mais lindo e mais acabado, pedindo os meus gabos e a minha approvação.

Tenho ainda no meu album, unica memoria d'elle, retratados todos os logares da nossa ignorada felicidade.

Apraz-me recordar mais uma vez a bonita paisagem, onde elle me levou, em dia do seu anniversario, para alli passarmos as doces horas da sesta, e que depois elle pintou na ultima pagina do meu album, como o seu ultimo presente de amores.

Como eramos formosos então, com os nossos deliciosos annos, na candida verdura da mocidade, espelhando as nossas alegrias nas perolas do rio, nas esmeraldas do valle, no azul do ceu, e nos matizes das flores!

— A collina elevava-se graciosa, toda frescura e louçania, com as galas da primavera.

Coroavam-n'a as comas verde-escuras dos pinheiros, e banhavam-lhe as faldas as aguas crystallinas, que murmuravam por entre as sebes floridas do valle d'além. Nós estavamos assentados á beira do rio, vendo fronteira a nós uma enorme pyramide de rochedos pardacentos, cuja crista era beijada então pelos raios do sol.

Um silencio suavissimo era apenas interrompido pelo derradeiro canto das aves, ultimo adeus de despedida ao esmorecer da tarde.

O doce abraço do crepusculo era o nosso abraço voluptuoso; o ultimo beijo do sol o nosso beijo de noivado.

Que triste prophecia!

Os nossos amores deviam esmaiar assim; e só os poderia illuminar depois alguma estrella perdida na immensidade do ceu.

O ceu... o ceu! o que é elle para uma alma, que viu partir-se-lhe na terra o vaso de crystal, a amphora d'ouro, onde estavamos encerrados todos os balsamos d'uma felicidade presentida?

Quem inventou o ceu para um coração partido em saudades e desesperanças?

Onde vive o Deus, que levanta até si as lagrimas obscuras d'este amor do pensamento atribulado?

Tenho aqui na ultima pagina do meu livro de infancia a realidade dos meus sonhos de creança.

Guardo este thesouro, como o avarento, porque é o sacrario, onde se vela entristecida a minha innocencia, e a minha primavera.

Estreito-o ao coração todos os dias e todas as noutes, e sagro-lhe as minhas derradeiras... esperanças e saudades.

— Eu quero fazer-te um presente no dia de teus annos, minha Magdalena, disse-me elle uma vez, beijando-me com toda a suavidade d'uma afeição repassada de ternura.

— Então que é? perguntou-lhe o meu sorriso inundado das rosas do amor.

— E o teu retrato, que eu vou principiar hoje. Ha muito tempo que ando a estudar essa cabeça d'ouro; tenho procurado inspirações para interpretar a tua formosura em todas as formosuras da terra e do ceu. Ha de ser um bonito quadro; ha de ser a minha obra prima, a minha estrella d'artista, o meu ideal. Tenho-o sonhado tantas vezes com as estrellas e com as flores; desenhando-o com os raios do sol, e com os raios da aureola da Virgem; vendo-o nas horas da minha medita-

ção, quando o mundo se abraça com Deus, ás horas melancolicas da noute, aos alvóres suavísimos da lua... És tu sempre que me appareces d'entre os vãos do meu pensamento para o ceu. Como hei de ser feliz, quando acabar o teu quadro, Magdalena!

E abraçava-me, e beijava-me, e eu deixava-me cahir nos seus braços com esta languidez dulcíssima, que deve ser o preludio de todas as delicias, que se podem gozar no seio do amor

— Vamos para o meu gabinete de pintura. Quero principiar a minha obra já.

E fomos ambos entrelaçados no mesmo desejo, com a felicidade e a innocencia no coração, com o riso nos labios, presentindo todos os prazeres dos anjos no pequeno mundo das nossas alegrias.

II

Eu estava toda vestida de preto. Uma corôa de rosas brancas pousava-me sobre as madeixas do meu cabello, fluctuando em ondas d'ouro. Os meus peitos semi-nús desmaiariam na alvura os da Esposa dos Cantares. Brilhavam-me nos olhos todos os lumes do amor e do extasi, e na face a terna pallidez da commoção e da ternura.

A visão beatifica devia ser assim para o artista mais illuminado.

Era bella como Deus; e o meu quadro por mais exagerado escureceria sempre o brilhantismo da minha formosura sobrehumana.

Elle beijou a tela para onde subia toda a inspiração da sua alma, e começou com as lagrimas nos olhos a traçar os primeiros lineamentos do meu rosto.

Depois deixou cahir o pincel das mãos tremulas, e fitou-me com uma melancolia profunda.

Pouco e pouco incendiou-se-lhe com brilho esplendido a fronte elevada, coruscou-lhe em raios de luz divina o olhar já quasi esmorecido, agitaram-se-lhe convulsos os labios, e cahiu de joelhos diante de mim, arroubado não sei em que doloroso imaginar d'alma, que se internava amargamente no meu coração.

Eu inclinei-me suavemente para elle, e beijei-lhe a fronte escandecida, e entrelacei os meus dous braços ao seu pescoço, e apertei-o contra o meu seio palpitante, e dei-lhe todos os calores da minha paixão ardente, perdida d'amores, perdida por elle.

Então senti labios de fogo a queimarem-me os peitos, uma commoção indefinível, misto de prazer e de dor suavíssima a inundar-me em delicias todo o corpo, o desmaio d'um extasi voluptuoso a enlevar-me o intimo d'alma; senti Deus ao pé de mim, o ceu n'um longo e ultimo beijo.

Depois, ao acordar d'aquelle sonho dos eter-

nos deleites dos anjos, vi-me nua como a primeira mulher, ao comer o pomo da arvore vedada.

Subiu-me o rubor ás faces, e quiz esconder-me de mim mesma, e fugi.

Entrei no sanctuario das saudades de minha mãe, no quarto, onde ella morrêra, e onde a sua imagem me apparecia sempre nos sagrados penhores, que ella me legára da sua afeição sanctíssima, e chorei as primeiras lagrimas do arrependimento.

— Porque será, dizia eu, que não podemos beber o calix do nectar do amor, sem que nos amargue o ultimo trago? Será a previsão do amor eterno de Deus, do eterno prazer da beatitude divina, que nos attrahe, e se deixa preadivinhar n'este desfallecimento, que segue todas as grandes emoções da alma humana?

Eu invoquei o espirito de minha mãe, e pedi-lhe que me asserenasse a angustia dolorosa, que me apertava os seios d'alma.

O espirito d'ella não esvoaçou por diante do meu pensamento atribulado, e a solidão a mais profunda deixou-me arrancar todos os suspiros.

Onde era o espirito de minha mãe?

Religião! religião! nem tu me abriste os braços, nem tu elevaste nas azas brancas da crença e da esperança a infeliz, que se queimara na luz do amor.

A Cruz sumia-se-me entre as lagrimas do remorso, e Deus era uma cousa mysteriosa, vaga, impalpavel, que me fugia como a ultima sombra da noute, como a derradeira estrella do ceu, ao destender-se o longo manto d'ouro e purpura no horizonte illuminado dos primeiros fogos do dia.

Eu tinha adivinhado a terrivel sciencia do mal.

O mundo abria-se-me, panorama vastissimo de velados desconfortos, de prazeres mentirosos, de alegrias assassinas, de felicidades traiçoeiras, de omnimoda desolação.

E eu corri para elle com os braços abertos, porque me animava a esperança, de que talvez no fim achasse a grande verdade da minha alma, o ansiado repouso do meu coração.

(Continúa)

F. Guimarães Fonseca.

O FIM DA ORGIA

(Fragmento)

Assim como á luz formosa das estrellas e ao delicioso alvor da lua se erguem com brilho phantastico as truncadas columnas e os quebrados capiteis de arruinado templo, e pelas goticas ogivas murmuram as harmonias do genio solitario da noute, e por entre os derrocados altares perpas-

sam as sombras de sonhadas fórmulas da imaginação, assim ao voluptuoso crepúsculo d'uma sala onde os tenues raios do lustre vão esconder-se entre as franjadas ondas do cortinado branco, e desmaiar na penumbra ao tremulo esmorecer de luz indecisa, — mais bellos se descobrem os seios palpitantes de mulher anciada, mais deliciosas se arredondam as curvas da jaspea columna, tombada sobre o velludo azul do flácido recosto, mais luxuriantes se desatam as tranças do cabello revolto, mais languidos são os gemidos, mais famintos os beijos, e mais suspirado o mimoso choro do prazer; — e como tambem a luz da alvorada dissipa as poeticas sombras das ruinas, e amarellece o musgo das muralhas derruidas, e despe o mysterioso recinto dos imaginosos sonhos da phantasia, assim os raios do amanhecer ao penetrarem na sala da orgia desnudam as deliciosas creações da voluptuosidade, e sacodem as nuvens iriadas do gozo, ficando de pé hirto e repellente o esqueleto da realidade.

TANCREDO

POEMA HEROI-CÓMICO

A C.

CANTO PRIMEIRO

I
O sócco d'um eterno monumento
Vou erguer no Heliconio sonoro,
Salvando de letthal esquecimento
Um heroe singular e portentoso.
É de grande pujança o meu intento,
Pois se um pulso não tenho vigoroso,
Ao pôr no pedestal o meu trabalho
Talvez fique debaixo do cascalho.

II
Nasceu Tancredo Pires na cidade,
Que ostenta por brazão a tripa vil,
Ao som de estridulosa hilaridade
Da gente, que lhe viu o corpanzil.
Mudou-se porém logo em anciedade
O gesto, o riso á turba mulheril:
Soltou o monstro um berro de tal guisa,
Que a todos causa horror e atemorisa.

III
Parou, ouvindo o som desconhecido,
A gente que na rua caminhava.
Um dizia, n'um grupo, ser grunhido
De porco, que alli perto se matava;
Um outro — que talvez fosse estampido
De tormenta, que ao longe rebentava.
E foi de modo perturbada a paz,
Que chegou da policia o troço audaz.

IV
Entrou na casa a força, denodada,
Mas logo recuou espavorida,
Julgando ver a besta tão fallada,
Que tem de apparecer no fim da vida.

A cousa que julgou mais acertada
Foi ser a auctoridade prevenida.
O aborto no entanto dava urros,
Que illudiam ao longe uns pobres burros.

V
Entrou azafamado o regedor,
Que d'est'arte fallou á turba attenta:
«Eu acho que é castigo do Senhor
«Aquillo que alli vedes, agua benta!
«Porém, venha de pressa um professor
«O phenomeno ver, que se apresenta.»
E dizendo soltou um tal arrote,
Que poz todo o auditorio em alvoroto.

VI
Estudava o doutor philosophia
Nos livros d'Allemanha, com proveito,
E por tanto deu logo á luz do dia
Um discurso de pólpia e de conceito,
Em que a todos provou com energia
Que tinha para o vago muito geito.
Julgaram porém ver na conclusão
Que teria o brutinho alma e razão.

VII
O pae, ainda ha pouco acabrunhado
Leva a nova feliz a toda a gente,
E manda ser o dia celebrado
Por toda a populaça alegremente.
Sobe ao ar o foguete festejado,
Retumba o bombo altivo em furia ardente,
«E as mães que o som terribil escuitaram
Aos peitos os filhinhos apertaram.»

(Continúa)

João Penha.

ESTUDOS POLITICOS E SOCIAES

I
Vós conhecereis a verdade, e ella vos
libertará. S. JOÃO.

Pour atteindre la verité, il faut une
fois dans sa vie se defaire de toutes les
opinions qu'on a reçues, et reconstruire
de nouveau tout le système de ses con-
naissances. DESCARTES.

O pensador que hoje olhar para o estado da Europa, para os seus governos estabelecidos, para as suas tendencias, e para os seus interesses, acha um campo vastissimo, onde se dão mil contradicções, entre estas alguns lampejos de verdade, a falta d'uma ideia, e sobre tudo de firmeza nos principios, que uma vez sancionados no codice da humanidade, no Evangelho, parecia não deverem morrer jamais.

Procurar a causa d'estas contradicções, da lucta mortifera de todos contra todos, da apparencia brilhante que envolve profunda gangrena, e emfim da descrença geral, campeando solitaria na época d'hoje, tal é o fim que tem em vista o auctor d'estes breves estudos.

À beira da estrada, por onde passa a moderna geração, o auctor vê atrás do carro triumphante de Cesar o escravo vencido, no centro das indus-

trias a labutar constantes o pauperismo e o proletariado; e quando os prophetas das gerações porvir ajoelham reverentes ante a estrella, que se levanta para além das sombras do futuro, o auctor sente a tristeza infinita d'Hamlet, ao ouvir os gritos e ancias de agonia que se escapam dos infernos artificiaes, que hoje se criam no meio da civilisação!

Dar a paz e o conforto aos martyrios desconhecidos, a consolação e o resgate aos que morrem na sombra abraçados á sua cruz, é a missão e o dever do pensador.—A semente que uma vez cahiu no sulco, germina mais tarde em hastes e frondes, os lirios rebentam pelas encostas e vales; e em quanto os povos se não abrigarem fraternalmente debaixo da mesma arvore, o seareiro da ideia não pôde acabar o seu dia com a fronte reclinada sobre o Evangelho. Até lá a lei da justiça escripta na consciencia humana obriga-nos ao trabalho, a legenda do Judeu errante segreda-nos — o caminha: e só a realidade das palavras do Christo nos podem dizer: — o descança.

Tirar das contradicções da politica a harmonia é o primeiro passo; chamar a sociedade inteira á governação publica, não desconhecendo os elementos hominaes — natureza e espirito, é o grande problema, que, resolvido, trás consigo a paz e o progresso das gerações.

Reservar ao espirito uma parte maior que á natureza, isto é, dar mais ampla esphera á liberdade que á auctoridade tal é o nó gordio do presente; se alguns governos estabelecidos parecem ter realisado este desejo, uma analyse demorada demonstra o contrario.—Uma classe que outr'ora se chamava burguezia é quem hoje predomina no poder; ligada á monarchia, e não a temendo em virtude da divisão dos poderes, dirigindo o mecanismo social em virtude da centralisação, sopeando o povo que não pôde predominar na republica, porque não paga imposto, a burguezia campeia só e explora no interesse d'uma classe.

O principio da auctoridade estreita assim a sociedade nos seus elos de bronze: — se a multidão parte os grilhões e pertende sentar-se ao banquete dos livres, por meio do *suffragio universal*, então a classe media augmenta o numero das baionnetas, e o povo aspirando á victoria, mas vencido pelo exercito, cahe ainda uma vez acorrentado, mas como Prometheu sentindo nas convulsões a aguia a devorar-lhe as entranhas.

E todavia a historia que apresenta a lucta, pôde finalmente dar-nos o descanço: a humanidade que atrás dos seculos tem deixado seus filhos pelos campos de batalha, pôde enfim deixal-os dormir descançados ao lado das ossadas dos maiores: — mas a caravana das gerações já de sobejo

tem vagueado através do direito da vida; a tenda do repouso, e a palmeira do conforto devem levantar-se no epilogo d'este jornadaear constante, d'este sangrento romance dos homens, onde se tem florejado algumas verdades, mas onde ha ainda muita sombra, e muita escuridão.

(Continúa)

Luiz Jardim.

CHRONICA

A chronica não faz programma do que ha de ser.

Se só narrativa, se tambem critica, ou exclusivamente litteraria; se amiga da adulação, ou fiel observadora da imparcialidade, a chronica não promette para não faltar.

Como a *grande alfandega* onde têm de entrar para o registro os grandes acontecimentos do dia, occupa-lhe o primeiro logar a questão levantada entre as duas escholas litterarias, a de Lisboa, de que se diz *magnus sacerdos* o Sr. A. F. de Castilho, e a de Coimbra, de que este mesmo Sr., sem lhe dar chefes visiveis, apresenta como apostolos aos Srs. Anthero do Quental, Theophilo Braga, e Vieira de Castro.

A eschola de Coimbra foi alcunhada de desprezadora do *bom-gosto*, e do *bom-senso*; o jury que proferiu esta sentença foi o Sr. Castilho.

Quem nos diria que depois de correr certo numero d'annos, o Sr. Castilho taxaria a eschola de Coimbra de mau-senso e de mau-gosto... elle que, annos a esta parte, nos disse no nosso palco, que «pasmava como a eschola litteraria de Coimbra «não tinha morrido, e como a vinha encontrar «toda vida e toda esperanças!»... elle que para nos acalentar o seu *bom-gosto* e o seu *bom-senso* nos recitava as *metamorphoses do macaco*!

Para manifestar ao mundo *sensato* e ao mundo *sisudo* que em Coimbra não existia nem o bom-gosto nem o bom-senso da sua eschola, prometia-nos, ha poucos annos ainda, que aqui viria fazer a sua função bucolica na Quinta das Canas!!!

Realmente, padre conscripto, sois incoherente! a eschola d'então, — a mesma que a d'hoje, — era vossa predilecta, e agora já a achaes insensata?! Porque será?

.....
O caso é que a luva foi lançada pelo Sr. Castilho, escrevendo a proposito do livro do Sr. Pinheiro Chagas, que por motivo de doença ainda não lemos; o que *brevemente* faremos, talvez.

Como o rifão diz que quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle, tendo o Sr. Castilho alcunhado a eschola de Coimbra de falta de gosto e de senso, — necessario era que alguém, que tivesse esses dous requisitos negados, protestasse

contra a affirmação, e appellasse para a opinião publica para reformar similhante sentença.

Dicto e feito: o Sr. Anthero do Quental publicou uma Carta dirigida a S. Ex.^a, em que o erudicto auctor se esforça por demonstrar que o Sr. Castilho não podia ser juiz em materias fóra da sua jurisdicção: era pois questão de incompetencia; e o Sr. Castilho tinha de se retirar para o seu tribunal, visto ser leigo nas materias, em que queria pronunciar o seu *verdictum*.

E dizem-me que, realmente, S. Ex.^a goza melhor saúde á *sombra da opaca faia*, do que ouvindo o susurro insupportavel da philosophia das religiões! que tem mais vida, escutando uma pagina d'algum velho poeta, do que qualquer estrophe dos modernos philosophos da historial que se sente remoçar, recordando-se da origem fabulosa de Romulo; e que sente enfraquecer-se-lhe o entendimento ao pronunciarem-lhe o sancto nome de Vico, e ao repetirem-lhe as eternas verdades de Hegel.

O Sr. Castilho receia a invasão d'estes *barbaros do Norte*; mas pelos geitos que as cousas vão levando, V. Ex.^a tem de succumbir diante da *sciencia nova*; e o edificio que V. Ex.^a edificou, tem de desabar para sobre elle se levantar o novo imperio!

Foi a sorte de Roma; é a sorte que a eschola de V. Ex.^a espera depois do ataque que de continuo lhe fazem os que V. Ex.^a chama barbaros: — V. Ex.^a então exclamará com a firme consciencia, que lhe reconhecemos, o fatidico — tinha de ser — e dormirá o somno da historia, para principiarem o seu reinado os modernos — Vandalos!!!

Depois, Ex.^{mo} Sr., virá outro Wiseman fazer o paralelo entre a Roma antiga e a Roma moderna, e V. Ex.^a ficará transmittindo á posteridade, como representante do bom-gosto e bom-senso, o que os novos Borguinhões fizeram retirar da arena inutil, para ceder o campo aos missionarios d'hoje, cuja predica se resume na *simples futilidade* da meditação constante das leis da historial!

Á carta do Sr. Anthero do Quental respondeu o illustre parodiador do D. Jayme, e em um folheto singelo e sem aspirações a galas d'estylo, mostrou *à contrario sensu*, que o bom-gosto e o bom-senso existia na eschola de Coimbra!

O Sr. Roussado em vez de defender o Sr. Castilho como se colligia da epigraphe de sua Carta, tracta de applicar as regras da arte ás Odes modernas do Sr. A. do Quental, e concluir que a obra está imperfeita; e n'um grosso volume como o é a obra citada, achou só meia duzia de versos dignos de censura!

Estranha o digno parodiador que a obra cus-

tasse 400 réis, e eu não sei se é pelo confronto que faz com o preço, por que se vendeu a Parodia ao D. Jayme.

A resposta precisava de revisão feita pelo auctor; ha ali ausencia d'aquelle delicado *espírito*, de que vem recheado o *Dominio dos Ajiotas*: ha falta da graça proverbial do Sr. Roussado; mas tambem para que empregal-a, se nós homens *faltos de gosto e bon-senso* não sabiamos dar-lhe o merecimento?

Falla-se ali em azeitonas, e em vinho, e ainda n'isso a eschola de Coimbra é inferior á nossa rival.

A batalha está principiada: o general de Lisboa é conhecedor da velha tactica, os barbaros do norte militam com regras differentes, manejam armas diversas, a luta é impossivel, o combate seria uma traição, — militámos em campos diversos: os nossos inimigos não nos entendem (dizem elles) *viemos das nubes*; a linguagem que elles fallam já, é por nós esquecida; usava-se d'ella no *cyclo bucolico*; e nós hoje vivemos no *cyclo philosophico*.

E eu ia-me esquecendo, de que isto era uma chronica —: falta o Sr. Pinheiro Chagas a pagar o imposto — fica para o numero seguinte: a sua fazenda ainda não foi despachada: — supponho que é contrabando; brevemente a *analysaremos*.

Morreu o pae do actual ministro da Justiça. depois d'um longo soffrimento entregou a alma a quem lh'a tinha dado. Optimo pae, excellente chefe de familia, distincto jurisconsulto, e mestre consumado, a sua morte é digna de ser chorada como perda irreparavel.

O theatro de D. Luiz dá recita no dia 1.º de Dezembro: vae á scena o *Ermitão da Serra de Cintra*.

Vae apparecer em breve um volume, contendo uma refutação á Carta do Marechal Saldanha por o Ex.^{mo} Sr. Dr. Garcia: o auctor não tracta só d'este ponto, apresenta as suas ideias sobre muitos negócios de Portugal; — o nome do auctor é garantia do livro.

J. Valle

Expediente

A REVISTA DE COIMBRA — assigna-se:

Em Coimbra — na Imprensa Litteraria.

Preço

Por trimestre..... | Coimbra..... 300 réis
| Fóra de Coimbra .. 360 »

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte á Redacção da — REVISTA DE COIMBRA — rua do Corpo de Deus, n.º 53.

REVISTA DE COIMBRA

FOLHA BIMENSAL

N.º 2

15 de Dezembro

1865

ROMANCE DO CYCLO GRECO-ROMANO NA POESIA POPULAR PORTUGUEZA

II

Formação das lendas de Virgílio

Na festa do *Asno*, assim designada por apparecer entre os prophetas da Lei velha Balaam montado na sua jumenta (1), Virgílio era tambem invocado para vir testemunhar o Messias. «*Vocatores: Maro, Maro, vates Gentilium, da Christo. — Virgilius in juvenili habitu, bene ornatu, respondeat: Ecce polo demissa solo.*» O nome de *Vates*, designa perfeitamente a ideia que formavam de Virgílio, propheta e poeta. Com elle era tambem invocada a Sybilla: «*Tu, tu Sybilla vates illa. — Sybilla coronata, et muliebri habitu ornata, dicat: Judicii signum tellus sudore.*» A idade media unia o ridiculo aos sentimentos mais sublimes; Virgílio agora é representado com as côres do grotesco e com esta licença e desenvoltura da nova burguezia animada pelas Universidades e Communas, que se nota em todos os velhos fabularios com que satyrisava os senhores feudaes e a igreja. Albert de Eib na segunda parte da sua *Margarita poetica*, conta a historia d'uma meretriz romana «*laquelle ayant suspendu Virgile à my estage d'une tour dans une corbeille, «il fit esteindre pour s'en vanger tout le feu qui «estoit à Rome, sans qu'il fust possible de le rallumer si l'on ne l'alloit prendre ès parties secretes de cette mocqueuse, et ce encore de telle sorte, que ne pouvant se communiquer chacun «estoit tenu de l'aller veoir et visiter, etc.* (2)» Seguindo Gabriel Naudé, Gratian du Pont imprimiu em Thoulouse em 1534 um poema sobre esta anedocta:

«*Que dirons nous du bon Virgile,
Que tu pendis si vray que l'Evangile,
Dans ta corbeille jadis en ta fenestre,
Donc tant marry fut qu'estoit possible estre,*

- (1) Opinião de Du Cange, *Glossarium*, vbo. *Festum Asinorum*.
(2) Naudé, *Apologie pour les grands hommes*, Chap. XXI, pag. 614.

A luy qui estoit homme de grand honneur,
Ne fis pas un tres grand deshonneur,
Helas si feis, cas c'estoit de dans Rome,
Que là pendu demeura le pauvre homme,
Par ta cautelle et ta deception,
Un jour qu'on fit grosse procession
Parmy la ville, donc dudit personnage
Qui ne s'en rit ne fut estimé sage.» (3)

Este facto tem uma grande analogia com a lenda de Heliodoro, já observada por Gorres na *Mystica diabolica*. O espirito byzantino das velhas legendas de feiticaria mostra vestigios sensiveis na de Virgílio, principalmente na appropriação da historia de Thalia, mulher de Heraclida, que perseguia Heliodoro Mago por mandado de Constantino Copronymo e Constantino Propyrogeneta (4).

O caracter desenvolvido da idade media encontra-se até nas lendas da Virgem. Umavez ella visita na solidão da cella o pobre monge, limpalle as chagas, dá-lhe o leite de seus peitos (5); protege tambem dous amantes, que se evadem da prisão, onde deixa dous demonios em vez d'elles, que levam a honra e o dinheiro do pobre marido (6); compassiva d'outra vez vem tocar aventuras amorosas fóra do mosteiro. O *Fabliau* é essencialmente licencioso e sarcastico; o que mais se respeita, é justamente o que apoda e moteja. É a reacção da liberdade burguezia protegida, chasqueando o clero e os senhores feudaes que longo tempo a trouxeram esmagada.

As *Eclogas* de Virgílio, mais lidas do que a *Eneida*, por isso que as encontramos mais imitadas, deram origem a quasi todas as lendas em que o poeta nos apparece ora como andromaniaco, apaixonado por Alexis, o amor da fórmula, puramente grego, voluptuoso mas não lascivo, que a idade media como asceta não comprehendia.

A *Ecloga* II de *Alexis* deu origem á lenda da noite da Natividade de Jesus, em que morreram

- (3) D'après Naudé, op. cit.
(4) Gorres, tom. III, pag. 109 e 128.
(5) Gautier de Coinsy, *Les Miracles de La Vierge*,
(6) Lenient, *Satyre en France au moyen âge*, pag. 103.

todos os sedomitas, sendo Virgilio tambem d'esse numero (7).

A Ecloga III dá origem a outro conto desenvolvido, em que Virgilio expande uma certa ironia fina, que não era da sua época, e menos do seu caracter. Varus, poeta tragico, era casado com uma dama muito erudita, com quem Virgilio tinha suas conferencias particulares. Virgilio offereceu-lhe uma tragedia que ella apresentou como sua ao marido. Varus apropriou-se da obra e recitou-a em publico. Os commentadores, que expremem todos os textos, e querem achar uma intenção em cada palavra para personalisar o auctor, descobriram n'estes versos da Ecloga III uma referencia á aventura licenciosa:

An mihi cantando victus non rederet ille,
Quem mea carminibus meruisset fistula, caprum?
Si nescis, meus ille caper fuit (8).

Virgilio considerado como padre da igreja tem a sua lenda fundada na Ecloga IV. Nem sempre a palavra selvagem e aspera de Tertuliano se ergueu para abafar a harmonia dispersa das lyras do paganismo. Nem sempre o architecto da *Cidade de Deus* soltou dos labios o *dulcissime vanus* (9) para stigmatisar a poesia antiga! Lactancio e Sancto Agostinho procuraram na Ecloga natalicia de Virgilio o presentimento do Messias. Quizeram reconhecer a incarnação do Verbo n'aquelles versos sybillinos:

Ultima Cumaei venit jam carminis aetas;
Magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.
Jam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna,
Jam nova progenies coelo dimittitur alto.

E quando Sancto Agostinho (10) perguntava se aquelle Poeta fecundissimo ao falar da *nova progenies* não dava um testemunho de Christo, mostrava a contrariedade do coração humano, renovando o culto que lhe fizera soltar uma lagrima sobre o episodio doloroso da rainha Dido. Tambem S. Bazilio procurava nas harmonias profanas de Hesiodo a vereda que leva á perfeição e virtude. S. Fulgencio estuda Menandro. S. Gregorio Nanzianzeno medita sobre esses monumentos, restos de uma civilização extincta. Muitos hym-

(7) Naudé, *Apologie*, Chap. XXI, pag. 628 e 29, onde cita a auctoridade de um famoso jurisconsulto, apud Emmanuel de Moura, lib. de Eusalm. sect. 3, cap. 4, n. 12.

(8) Servius, in Virg. Ecl. III, vs. 20: *Aut hoc; Varus tragediarum scriptor, habuit uxorem litteratissimam, cum qua Virgilius adulterium solebat admittere: cui etiam dedit scriptam tragediam, quam illa marito dedit tanquam a se scriptam. Hanc recitavit pro sua Varus: quam rem Virgilius dicit per allegoriam Nam tragaediae praemium caper fuit. — Servio rejeita a hypothese da allegoria.*

(9) S. August. Confess.

(10) Contra Judeos.

nos da igreja nasceram dos côros das tragedias gregas. Dante que tambem apparece na penumbra da idade media com a mesma altivez de um Doutor da igreja, *eximio theologo*, volta-se na sua viagem mysteriosa para Virgilio dizendo: — Por ti eu fui poeta, por ti eu fui christão. — Foi a Ecloga IV, que salvou Virgilio da barbaridade palimpsestica da idade media; o motivo da sua sanctificação.

Na Ecloga VIII parece ter a meia idade encontrado o elemento para todas as lendas de feiticaria de Virgilio. No seculo XVII ainda Virgilio era com calor accusado de magia; Naudé procurou defendel-o contra todos os ataques de Bodin e Lancre. A magia de Virgilio não era a Goetica tenebrosa, era a fascinação da harmonia, como Naudé presentiu, que ia fazendo esquecer a unção evangelica dos livres canonicos pelos Codices dos poetas antigos. Virgilio era a alma da Renascença.

A origem d'esta diversidade de lendas de magia encontra-se em um livro de Gervais, chancelier do Imperador Othão IV, intitulado *Otia Imperatoris* (11), em que conta como Virgilio fez uma mosca de bronze e a collou sobre uma das portas da cidade de Napoles, e durante os annos que lá permaneceu nenhuma outra mosca pode entrar na cidade; como fez um açougue onde a carne se não corrompia; como collou sobre as portas da cidade duas estatuas de pedra, uma chamada Alegria e bella, outra a Tristeza e feia, com tal poder, que o que entrasse pelo lado em que estava a primeira todos os negocios lhe corriam bem, e o contrario com a opposta. Tambem sobre uma montanha de Napoles levantou uma estatua de bronze com uma trombeta na bôcca, e resoava com o vento do septentrião, afastando para o mar o fumo e o fogo dos vulcões. Fez os banhos, cujas inscrições mysteriosas destruiu a eschola de Salerno; inventou um brazeiro commum; fez uma enguia d'ouro, que deitou n'um poço para livrar a cidade de Napoles de uma praga de sanguessugas; fez um jardim onde não chovia, e um palacio cercado de ar immovel que lhe servia de muro, onde construiu uma ponte de bronze pela qual ia aonde queria; e um campanario em que a torre se movia com o sino.

Attribuia-se-lhe as estatuas chamadas Salvação de Roma, que sacudiam uma campainha, quando se meditava algum ataque á republica. Raro é o escriptor da idade media que nos não apresente Virgilio como feiticeiro; era o terror que preoccupava todos os espiritos. Naudé resume os principaes: Layer falla do seu Ecco; Paracelso, das suas imagens e figuras magicas; Helmoldus da

(11) *Scriptores rerum Bronswicarum*, de Leibnitz.

representação de Napoles, que encerrou n'uma garrafa de vidro; o auctor da *Imagem do Mundo* da cabeça que fez para saber as cousas futuras; Petrarcha e Theodorico à Niem da gruta de Napoles feita a pedido de Augusto; Vignere fala do seu alphabeto; Tritheme do seu livro das taboas e calculos para conhecer o genio das pessoas; Marlow no *Fausto inglez* allude ao sepulchro construido pelo poeta.

Com as tendencias polytheistas a antiguidade não podia deixar de adorar Virgilio; o cantor da natureza era celebrado no Loureiro que fôra o horoscopo do seu nascimento. O Loureiro, segundo Donato na vida de Virgilio, era sagrado para as mães.

(Continúa)

Theophilo Braga.

A ESTATUA VIVA

(Conto)

I

Disse a critica pela bôcca de Boileau:

Rien ne beau que le vrai,

e não tardou que as fabulas, arabescos exóticos e exageros, oriundos principalmente dos tempos heroicos, perdessem toda a soberania d'antes exercida na ampla esphera das boas-lettras. Os Prometheus, os Hercules, os Theseus e os Sphinges, se não desapareceram em pó lançados aos quatro ventos, é porque era necessario que se conservassem os padrões que deviam guiar o philosopho através dos labyrinthos do passado. Por isso lá estão firmes ainda em seus pedestaes de pedrarias, mas offuscados pela luz brilhante que só vem da verdade.

Todavia não deixarei eu de confessar o amor, que sempre tive por contos de fadas, para que se não estranhem algumas murmurações, acaso fugitivas, no acto de me sacrificar ás exigencias d'esta geração pretenciosa.

Sacrifico-me. Mas, como não sou dado a transcendencias, pois abomino tanto a incognita dos mathematicos, como a Dulcinea dos Quixotes, abro sobre os joelhos uma chronica, que casualmente me veio á mão, e, aproveitando os cabe-daes da minha escolha, deixarei d'este modo de ser constrangido a inventar, no que iria grande perigo de volver costas á verdade.

O meu conto é amador do sangue azul; adora a aristocracia. Eu lhe digo, leitor: hei de levar-o a um ou dous bailes, e despertar-lhe o interesse com mysterios, amores e ciumes dos que se armasenam por esses romances de armar ao effeito.

Ora ouça, que eu principio moldando-me pela velha costumeira:

A abobada azul do ceu — como é d'uso dizer-se — allumiava com milhões de estrellas os corucheus, obeliscos e arcadas da decrepita architectura da cidade. Se estava serena a noute era tal porém a atmosphera que fazia lembrar os gelos da Siberia. E para contraste com este inverno brotava na sala do baile uma primavera aberta e resplendente. A vertigem das valsas despargia alentos que se iam transformando na febre da embriaguez.

Quem não sabe o que é um baile? E todavia sinto-me tentado a descrevel-o, sem desconhecer que n'isso irá falta de modestia, e trabalho verdadeiramente ocioso. Mil poetas no exagero de aprimorados versos têm sabido pintal-o, sem omisão de algum dos matizes, que o abrilhantam. Melhor será portanto que o leitor veja a descrição do meu baile em qualquer poema artisticamente phantasiado, porque n'isto de descripções não ha saber do mesmo terreno. Senão, aqui lhe traço um esboço pallido:

Flores das mais odorantes em gigantescos jarões de esmaltada porcellana; a arte a revelar-se por toda a parte, na moldura dos espelhos, nos paineis, nos tectos dourados; emanações balsamicas a exahalarem-se por esses recintos encantados; ao longe uma musica voluptuosa não sei de que *maestro* inspirado; e, sobresahindo a tudo, pares animados de muita vida e muito amor, abandonando-se á effervescencia das danças, correndo agora n'uma iriada mistura de côres, para ligeiros se separarem logo debaixo dos olhos curiosos dos que se contentam em ver, esteiados com certo ar estudado ao marmore das columnatas, ou recostados nas voluptuosas othomanas.

O sol magestoso d'um formoso dia de verão não se projecta mais radiante sobre as azas e sobre as petalas ricamente variegadas de mil borboletas e de mil flores, do que aquelles centenas de soes artificiaes, dardejados dos crystaes reluzentes, sobre as vestes sumptuosas, que as damas arrastavam pelos aveludados tapetes.

Como nas libações em honra do esperto Baccho, em que sacerdotes e sacerdotisas entram mornos, ou mesmo arrefecidos, para depois, ao empunharem a vigesima taça do licor fervente, deixarem rebrilhar os olhos e desgrenhar os cabellos no — evohé! — do entusiasmo, assim no baile tinha a ebriedade dos prazeres despertado sentimentos adormecidos.

Avultava comtudo ali uma vista dessocegada e inquieta, que feria sobre tudo alguns observadores, que nem curavam de occultar o phrenesi, que lhes ia na alma.

Historias do coração por certo.

Margarida é uma das mulheres fataes, que atraem irresistivelmente. Solteira, homem, que por desgraça a fitou, quer ser um Romeo; casada, não faltariam Werthers, que rebentassem o craneo para lhe merecer uma saudade.

Dezoito annos; espirito cultivado e fino; tez d'um moreno sympathico; bella como a Venus de Phidias.

Embalde se cançaria, quem intentasse carregar mais os traços subteis d'aquella mulher.

No cortejo brilhante não lhe faltava desde o primeiro titular, ao brasileiro sem titulos, cousa rara nas regiões sub-lunares. Ella era o idolo acatado de todas as religiões.

Mas para que estará no baile tão triste e distraida? Pousa melancolicamente a cabeça no hombro de seu par, e nem lhe percebe as palavras amorosas, n'aquella *réverie* feminil, que é para o homem, que ama, um inferno d'anceios e torturas. Soam onze horas. Ella treme, e relanceia pela ultima vez os olhos para a porta da entrada. Depois, desfallecida, desprende um suspiro, e deixa-se arrastar como insensivel no perpassar das mazurkas.

Por este tempo, n'uma sala apartada, fumavam dous cavalheiros: um apoiado com exquisito *dandyismo* no friso de um fogão rematado em florões caprichosos; outro prostrado n'uma cadeira, e com as pernas commodamente cruzadas em frente das brazas vivas. Alimentavam um dialogo medido e monotonico.

— Tenho esperanças — dizia com certo orgulho o que se conservava de pé, puchando das guias nascentes do bigode.

— Vaidade, D. João! — retorquia o outro. — Sou velho n'essas campanhas. Glorio-me de ter rasgado com esta mão véus do mais sagrado pudor, e comtudo Margarida...

— Margarida é mulher, ha de ter a sua hora.

— Pois sim, mas quem te assegura a victoria?

— Tudo — responde o denominado D. João, um tanto offendido pela duvida do interlocutor. — Pequenos favores concedidos, um volver d'olhos...

— Illusões do amor proprio. Olha, podes dar-me credito, — a taça de ambrozia que apaga sedes d'amor não ha de ella levar-t'a aos labios. Margarida é das poucas mulheres, que têm só um coração, para ser dado só uma vez.

— Onde aprendeste tanto da natureza feminina?

— Quando me não sobrasse experiencia propria, tinha ahi Balzac.

— Ah! — e D. João sorriu desdenhoso. — Ainda assim — continuou — posso eu obter...

— O que é d'outro, de certo que não.

— Então Margarida?..

— Ama.

— A ti, barão?

— Não, desgraçadamente.

— Pois a quem?

— Ao visconde de...

Interrompeu-o uma voz, que annunciava:

— O sr. visconde d'Aveleda!

Os dous amigos estremeceram e precipitaram-se para a porta. A dança interrompêra-se. Os cavalheiros agrupavam-se á entrada do salão. As damas ficaram turbadas e indecisas. Margarida virou o rosto jubiloso para um espelho, e, contente de si, abandonou-se sobre as almofadas d'uma othomana, escondendo por detrás do leque o rosto purpureado.

Que será?

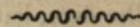
Corrido um reposteiro, viu-se despontar no limiar da porta um homem estranho. Era d'esses homens, que se não descrevem, e que devem de ser o desespero dos Rubens e dos Velasquez. Tanto poderíamos dar-lhe trinta, como quarenta annos de idade. Subia na estatura acima do regular; e no rosto pallido, mais sympathico pela barba negra, curta e fina, que o moldurava, deixava adivinhar uma longa peregrinação de amarguras. Era a perfeita realisação d'um typo ideal e mysterioso como os concebia Byron. E mysteriosa era a historia da sua vida. Dos mil extravagantes boatos, que corriam como para lhe augmentar o prestigio, só se sabia ao certo que viera da America, e que era bemquisto dos doutos e dos sensatos.

Avançou pausado e grave pelo meio da multidão fascinada. Mas n'aquelle movimento notava-se um esforço dissimulado; parecia um movimento mechanico, automatico. E seus passos soavam no pavimento, a despeito dos finos tapetes, com extraordinario ruido. O impetuoso D. João, o moço apaixonado, que o leitor acaba de conhecer, fixava-o com o olhar ardente. Tinha diante de si o homem, que soubera arrancar-lhe a mais querida das suas esperanças. Passou-lhe na mente um lampejo de raiva: aventurou-se a roçar-se por elle, indiscreto e temerario. Mas n'aquelles membros pareceu-lhe encontrar, pelo tacto, a inercia do granito. Fixou-o mais, e recuou assustado.

Julgára ver a — *Estatua ironica do commendador!*

(Continúa)

Alvaro do Carvalho.



SONETOS

I

Fumo e scismo. — Os castellos do horizonte
Erguem-se á tarde, crescem, de mil côres;
E ora desolavam ora em mil ardores
Se incendiam... vulcões d'estranho monte.

Depois, que fórmas vagas vem defronte,
Que parecem scismar loucos amores!
Almas que vão, por entre luz e horrores,
Passando a barca d'esse aereo Achronte!

Apago o meu cigarro, quando apagas
Teu facho, ó sol, — ficámos todos sós; —
É n'esta solidão que me consumo...

Ó vós, navens da tarde! ó cousas vagas!
Bem vos enendo a côr... pois como a vós
Belleza e Altura se me vão em fumo!

Julho de 1863.

Anthero do Quental.

II

Resposta

Em fumo se vae tudo, amigo. Olhando
Para as nuvens do ceu, nuvens d'aquellas!
(E não sei se te diga que mais bellas)
Anda a gente fazendo e deswanchando.

Dá-me uma saudade em me lembrando
Do bello tempo que passei com ellas,
Por essa immensa abobada d'estrellas,
Por esse mar de fogo viajando!

Andasse eu inda lá, que não me havia
De ver por estes charcos atolado,
Onde nem sol nem lua me alumia...

Andasse eu inda lá, desenganado,
Mesmo ja como estou, d'achar um dia
A patria d'onde ando desterrado!

Agosto de 1863.

João de Deus.

A VIDA

A vida é uma comedia sem sentido,
Uma historia de sangue e de poeira,
Um deserto sem luz;
A escara d'uma lava em craneo ardido,
E depois... sobre o lódo uma caveira,
Uns ossos, e uma cruz.

M. A. Alcares d'Arevedo.

HISTORIA DE MAGDALENA

III

Eu principiei a amar o bulicio, e o ruido, e os prazeres vertiginosos; e a corrente dos gozos sensuaes levou-me, ora suavemente, como embaçada á flor d'agua, ora violentamente, como impellida pelo embater da vaga.

Sacrifiquei toda a pureza da minha alma á vaidade caprichosa, ao luxo deslumbrante, ao delirio e ao requinte dos prazeres; e transformei-me d'aquella amante do ideal da formosura, e da affeição sanctissima d'um coração immaculado, n'isso a que chamam mulher de marmore com todas as exigencias desgraçadas da mulher do grande mundo.

Atrellei ao carro dos meus caprichos de momento milhares de infelizes, que vinham queimar-se na luz da minha formosura, e que eu esquecia depois, se os não torturava com o meu soberano desprezo. Gostei de todas as delicias que póde dar o ouro e o mundo; embriaguei-me com os esplendores da minha auréola de rainha, e nem mais me lembrei d'aquella corôa de rosas brancas, que fôra na época ditosa da minha infancia a felicidade do meu coração de virgem.

Elle apparecia-me ás vezes nas tristes horas da recordação do meu passado, mas essas pobres memorias eram tão fugitivas... desvaneciam-se com o primeiro baile, ao primeiro galanteio de qualquer dos meus adoradores; e se me perseguiam, mau grado meu, remorsos ou saudades, eu arrojava-me ao turbilhão, á voragem dos grandes prazeres, das grandes emoções, e conseguia esquecer-me, e viver.

Sempre me animava o pensamento de que havia de encontrar no fim o repouso do coração, a saciedade, o ultimo abraço da felicidade humana.

Quiz conhecer tudo o que o espirito póde desejar na terra: dei azas á minha imaginação, e não lhe attingi o limite a este abysmo infinito dos desejos.

Hydra de fogo o coração — incendiava-se com novas linguas de chammias devoradoras apenas se lhe esfriasse a primeira.

Junto de mim gravitavam as maiores celebriidades d'aquelle tempo. Os artistas, os sabios, os poderosos, a aristocracia do ouro, a aristocracia do talento, os espiritos fortes, os homens do mundo... tudo me rodeiava, e me incensava com as suas lisonjarias e admirações.

Eu era o alvo de todos os triumphos; para mim subiam todos nas suas mais ardidias esperanças.

Tive occasião de estudar esta grande comedia

humana, e estudei-a systematicamente com a observação escrupulosa, que procura o desconhecido, a resolução do problema, com todas as veras d'uma vontade inabalavel.

Procurei e descobri tudo; — os grandes ridiculos, as pequenas miserias, as fatuidades parvas, as excellencias do talento obumbradas pela ignorancia atrevida, a falsa virtude dos hypocritas e dos homens serios, os esplendores emprestados pelo vicio civilisado, a mentira emfim avasalandos tudo.

Conheci entre outros um homem, que o mundo appellidava virtuoso. Era ministro da religião do filho de Nazareth, e vivia na opulencia das primeiras dignidades da sua igreja. Havia sido em outros tempos sacristão no presbyterio da sua aldeia, fôra depois negociante de escravos na America, e mostrava agora aos filhos de Roma o anel brilhante do Apostolo.

Não devem admirar estas differentes phases da sua vida a quem souber o que pôde a ambição, norteadas para um fim determinado por uma vontade poderosa, como a d'aquelle homem.

O mundo apontava-o como sancto, porque elle tinha o bom senso de respeitar com exagero as ignobes paixões dos outros, velando as suas com as vestes da hypocrisia e da impostura.

Diziam-se d'elle acções que indicavam uma alma purissima, devotada ao cumprimento da religião da humanidade.

A caridade evangelica parecia resplender em todo o seu brilho soberano nos continuos auxilios que elle prestava aos indigentes, com as rendas avultadas, que lhe proporcionava a sua magica posição.

Ao mesmo tempo sabiam os que observavam escrupulosamente, que o apostolo da caridade consentia que vivesse na mais absoluta pobreza uma sua irmã, que elle abandonára aos horrores da fome, por ella se deixar seduzir pelo escolhido do seu coração.

Eu ouvia com uma impassibilidade milagrosa as admoestações virtuosissimas d'este homem, quando elle me pedia que empregasse melhor os bens que Deus me déra, soccorrendo os pobres e os ociosos, que lhe beijavam a púrpura cardinalicia, e dobravam o joelho a um aceno d'aquelle potentado de Roma.

Reconhecendo, a final, que perdia o seu tempo, impondo-me a sua detestavel virtude, resolveu-se um bello dia a fallar-me sem reboço de suas disfarçadas intenções. Conservo de côr o dialogo que se travou então entre mim e o discipulo d'aquelle outro pescador d'escravos, de quem este não era um fervoroso proselyto.

— Minha senhora, dizia elle, o homem que postergou os prazeres do mundo para se devotar

á esperança dos prazeres do ceu, pôde ainda soffrer do coração

O tom melifluo com que o bom cardeal acentuava esta declaração engenhosa ia-me suffocando de riso; mas eu estava preparada para lhe responder.

— Vossa Eminencia soffre do coração talvez porque não pôde abrir consolações a todos os que soffrem...

— O ouro abunda-me para mitigar todos os infortunios, e, como vossa excellencia sabe, o ouro enxuga todas as lagrimas, e proporciona todos os prazeres.

Tive desejos de esmagar logo este cynismo repulsante, que afrontava assim os sentimentos mais nobres do coração humano ao pé de uma mulher; mas retrahi-me ainda.

— N'esse caso, continuei, não é facil comprehender a molestia de vossa eminencia.

O ar de zombaria com que eu pronunciei estas palavras impressionou-o desagradavelmente; todavia aquella alma não era das que desanimam á menor contrariedade. Estava predisposto para se abalançar a tudo.

— A minha doença não é das que se medem pelos olhos do corpo; é toda espiritual, invisivel, impalpavel; mas por isso mesmo mais terrivel e dolorosa. O que me impressiona de ha muito é a sua formosura, minha senhora, o que me faz soffrer o coração é um amor profundo que vossa excellencia me inspira.

Ao acabar este sacrificio no altar do amor profano, o discipulo de Pedro mostrou-me nos olhos duas lagrimas de triste commoção, dando ao rosto um ar de melancolia tam simploria, que era mesmo uma cousa desgraçadissima.

Eu agarrei a seriedade pelos cabellos, e disse-lhe:

— Surprende-me a declaração de vossa eminencia, por ser feita a uma mulher desacostumada de taes pieguices, pelos costumes livres que todos lhe conhecem.

O meu coração não é cousa que já hoje se possa render ao amor; a minha vaidade de mulher, que deseja o faustio e a opulencia, essa é que pôde ser comprada por quem não tiver amor ao ouro.

Apenas lhe fiz esta profissão de fé, vi-o arrebatado abrir os braços, e cabir de joelhos diante de mim, exclamando inundado de alegria:

— Oh vós sois a maior mulher do vosso seculo! Compreendo-vos. Pedi toda a minha riqueza, que eu darei tudo por vos possuir.

— Não exijo tanto, senhor cardeal; o rendimento dos seus bens ecclesiasticos por meio anno. Serão dez contos de réis, que vossa eminencia gasta para a satisfação de um capricho de homem do mundo.

— Sim, minha querida, disse elle com a expressão do maior contentamento; esta noute mesmo lhe serão entregues, e a minha amizade para sempre. Vou já realizar essa quantia. Até á noute.

Eu estendi-lhe a mão, que elle beijou com maior devoção, do que os outros lhe beijariam o anel do Apostolo, e senti na consciencia a alegria de ter feito uma boa obra.

(Continúa)

F. Guimarães Fonseca.

CHRONICA

Na chronica passada prometti a analyse do livro do Sr. Pinheiro Chagas — o poema da mocidade e o anjo do lar, e hoje que devia occupar-me d'elle para cumprir a promessa, vejo-me seriamente vexado por não poder fazel-o. A hora do *despacho* chegou, e eu que tinha dicto que imaginava ser contrabando tal mercadoria, fiquei espantado de não ver os *fiscaes* entregarem o objecto *aprehendido*. Indagada a causa de tal desprezo pela lei cheguei a saber que a fazenda de que se tracta é das mais usuaes, que a industria litteraria de Coimbra produz; que veio ao nosso mercado um pouco cara, e que, soffrendo a concorrência dos productos nacionaes, foi retirada do mercado, e ninguem comprou.

Não exagero. Eu quiz ler o poema da mocidade, e com desejo bastante o pedi;.. é incrível, em Coimbra só havia um!

Como é outro o poema da mocidade do norte, e como é diferente o anjo do nosso lar, ninguem quiz indagar se aquillo era o *verbo* da inspiração dos filhos do sul; ou se estava ali resumido o credo philosophico d'uma escola de *bom-gosto* e *bom-senso*; se aquelle volume encerrava a esthetica moderna; ou se aquellas paginas se consagravam á philosophia do bello; se aquellas letras todas se tinham reunido para formarem a lenda da mocidade, verdadeiro Ashavero, que marcha sem um momento de repouso; ou se o Poema era o canto já tão ouvido d'uns amores já tão usados, e a expiação de dous corações vulgares, rematando pela clausura imaginada d'uma mulher adúltera, e pela morte d'um seductor mordido de remorsos; logar commum, quando o escriptor não sabe o que ha de fazer dos dous personagens que lhe restam.

Um poema da mocidade não é aquillo!

O poema que não move, que não deleita, que não instrue, será tudo menos *poema da mocidade*!

Não move porque não ha acção grande e sublime; ha uma mulher que se esquece do que é o dever, — e isto já não move, porque é trivial!

Não deleita, por que não attrahe; e não pôde attrahir, por que as bellezas, que por lá tem, não despertam a imaginação; são communs e vulgares; e um poema da mocidade, com acção velha, com caracteres velhissimos, com *costumes* immoraes, com *elocução* esquecida, e com *versificação* prosaica, será o poema da decrepitude, mas nunca da mocidade!

Não instrue, porque nem é poema didatico. Devia-o ser: philosophico, moral, critico e artistico, todos esperavam que o fosse; illusão!

O poema da mocidade reduz-se a uns amores, — é sentimentalista; — queriamos que fosse tambem racionalista. O auctor trocou a razão pelo coração, e

n'isto foi logico. — Na escola, que elles dizem verdadeira, e que tem *bom-gosto* e *bom-senso*, prepondera mais o elemento sensitivo; — na escola de Coimbra mais o elemento philosophico, talvez; — e é n'isto, confesso, que nós provamos o nosso *mau-gosto* e *mau-senso*!

Um poema exclusivamente amoroso não é o poema da mocidade, é o poema da creancia; e por fatalidade por qualquer dos lados que o encaremos, vem elle a ser o livro ou dos velhos ou dos meninos, razão que justifica este nosso desleixo por elle; se não houvesse já a anterior razão de não termos gosto nem senso!

Dou pois o dicto por não dicto: — não critico o Poema da mocidade. O que atrás vae dicto, não é meu, é uma producção inedita d'um amigo meu, que já não existe, a propósito d'um poema parecido com o da *mocidade*, e que eu faço minha, porque já não ha quem reclame pelos direitos d'auctor!

Não critico, porque criticar cousas bem pouco dignas de critica e um modo de dar-lhes merecimento: tallar d'ellas seria convencer os que nos chamaram á pugna que realmente não tinhamos nem *bom-gosto* nem *bom-senso*; e isso é o que elles queriam; era que nos confessassemos vencidos, dizendo-lhes « lemos o Poema da mocidade. » — Foi estrategia que nos queriam amarrar; — ainda a conhecermos a tempo; — não cabimos na rede; — ninguem lê o *Poema da mocidade*; — deveis de estar contentes, temos o *bom-gosto* e o *bom-senso* de nem o comprarmos!!!

Depois é necessario protestar tambem contra algumas palavras que se lêem em dous numeros da Gazeta: — refiro-me a uma carta do Sr. Castilho, e a um artigo do Sr. Vidal. — Pedem os illustres escriptores que ninguem canse na luta contra uma invasão, que pôde chegar a inundal-os, se não lhe *pozerem* obstaculos; que todos se empenhem n'esta batalha, em que os prodigos da palavra tem de morrer para só ficarem existindo os *geometros da ideia*, os defensores da *nudez celestial do pensamento*.

Se o espirito guerreiro anima os possantes filhos do sul, nós, os barbaros do norte, inscrevemos em o nosso pendão o *si vis pacem para bellum*, e cá estamos esperando a cada hora e a cada minuto pelo signal do ataque.

Ninguem contendeu, ninguem foi insultar a escola litteraria de Lisboa; mas depois de nós sermos por um d'elles insultados e que offerecemos a necessaria resistencia; e se estão preparados para o combate, ninguem lhes disse que os temiamos!

Seja o que for; quanto maior é a onda que tenta abalar a escola de Coimbra, tanto mais alta a vejo e cada vez me ufano mais em não pertencer a uma seita, que tem por fim unico ou o *elogio-mutuo*, ou a apologia da « nudez celestial do pensamento ». Analyse-mos a phrase que expressa a theoria do Sr. Vidal sobre o *maximum* e o *minimum* da palavra.

Quer o illustrado critico que se proteste contra este *systema* (se o é) de empregar palavras ócas; que se pregue a sublimidade da singeleza da phrase; que se espalhe o gosto do pouco emprego das palavras; e leva ambição a tal ponto que deseja ver realisada a sua forma abstracta da « nudez celestial do pensamento ».

Como é theoria que ainda não vi realisada; como o proprio artigo do Sr. Vidal protesta já contra ella pelas repetições seguidas do mesmo pensamento, e pelas copulativas inuteis para um homem que preconisa a forma singela da dicção; eu confesso que não entendo o que é a *nudez celestial do pensamento*; será alguma estrella que o Sr. Vidal vê despontar no ceu da grammatica futura?

Ex.^{mo} Sr. — em quanto a *grammatica* apontar figuras; em quanto a *arte* ordenar a digressão, como *enfeite e atavio*; em quanto o *bello* aconselhar a escolha da phrase; e em quanto o *ouvido* exigir a harmonia da prosa, V. Ex.^a terá como quatro inimigos da sua theoria a grammatica, a arte, o bello, e o ouvido!

Realmente é levar o laconismo a um ponto tal, que V. Ex.^a dentro em pouco, com mais uns pequenos retoques na sua theoria, verá realzada a eschoia mimica, e d'ahi a inutilidade da palavra!

O que será a *nudez celestial do pensamento*? O Sr. Vidal em vez de empregar só a *nudez do pensamento*, poz-lhe ao lado o adjectivo *celestial*, que nada diz, e que pelo contrario torna a phrase inintelligivel: contra isto tambem nós de cá protestámos; comtudo como é theoria nova respeitámos os productos da intelligencia humana, e pasmámos como os que se dizem mestres se entretêm com tão pequenas cousas, como são theorias sobre pensamentos nós!..

Não sabe V. Ex.^a para quem é importuna esta nova maneira de dizer? Eu lh'o explico: Tudo está sofrendo, por felicidade nossa, uma transformação, que alguém julga lenta, mas que eu considero rapida: tudo é victima d'esta molestia nova; e nada ha que se possa esquivar á influencia do principio revolucionario. Artes, commercio, politica, religião, philosophia, litteratura, tudo emfim está entrando no cadinho para a sua purificação

E só a lingua havia de permanecer immovel como um dogma? Só ella seria excluida de nova fórma?

Os *caturras* dizem que sim: os que tem os *olhos bem abertos* e não querem negar a luz, affirmam o contrario.

D'antes, Sr. Vidal, havia a monomania de criticar qualquer livro, dizendo-se simplesmente que estava recheiado de *gallicismos*, porque a lingua franceza era quasi a unica conhecida, e a nossa litteratura n'ella se resumia.

Hoje é outro o systema de criticar: a sentença reduz-se a duas palavras: « não entendo; é incomprehenivel; são palavras; » e V. Ex.^a de certo saberá a causa d'isto.

A litteratura e sciencia allemã são, segundo penso, responsaveis por este phenomeno. São ellas o elemento revolucionario de que fallei.

Antes fallar em Klopstock, em Goethe, em Schiller, era só permitido aos eleitos da litteratura: fallava-se só em V. Hugo, em Lamartine, em A. Chenier, em Beranger, etc. Antes poucos conheciam o *Idealismo* e *Realismo* de Jacobi, as suas cartas a Fichte, o *Woldemar*, e a sua obra sobre as *Cousas Divinas*; o nome de Fichte poucos o pronunciavam, e poucos entendiam o *Fundamento da theoria da sciencia*, a sua *Philosophia do direito*, o seu *tratado do Destino do homem*.

O nome de Schelling e Hegel, Reinhold, e Schlegel, eram ignorados pela terça parte da mocidade que estudava; e o nome de Kant ninguem o conhecia como ponto intermedio do seculo XVIII e XIX.

E para que citar nomes, se elles são tantos; e para que relacionar obras, se ellas são quasi interminaveis!

A revolução operada pela philosophia e litteratura allemã são causas directas d'esta *nova* linguagem, que nós vemos passar para a sciencia e para os escriptos litterarios; mais intrincada, e mais mysteriosa a sciencia allemã necessita de muita meditação; e não é com uma apostrophe mal dirigida que o Sr. Castilho, ou algum outro discipulo seu, pôde fazer com que nós deixemos de cultivar a sciencia, só por nos dizerem que as nossas palavras nada dizem, e que chegámos ao reinado da prodigalidade da phrase!..

A maneira pois de dizer ha de estar sujeita a nova

fórma, como tudo: e querer fazer da palavra dogma, querer retirar-a da acção do progresso, querer que se falle a linguagem da *idade d'ouro* até á consummação dos seculos; é irrisorio, senão absurdo.

Fixos no pensar, vultos venerandos do passado, homens dogmaticos, para que tentaes oppor-vos ao vôo! permaneci como attestado do tempo que foi, e deixae em paz a cohorte dos que olham para o futuro.

E quasi me esquecia de relatar os acontecimentos mais notaveis da chronica de Coimbra, onde uma noute de theatro, uma reunião de qualquer associação, um baile, um bazar, etc. devem ao noticiaria todas as considerações.

Empreguei o meu tempo, e o espaço d'esta pequenissima folha, em futilidades do « Poema da Mocidade, e das Theorias do Sr. Vidal, e esqueci-me de memorar as deliciosas noutes que a companhia do Theatro de D. Luiz, e a Zarzuela da Medina, nos têm dado n'estes quinze dias d'inverno. Já de ha muito sabem os leitores que a nossa Carlota Velloso, é uma actriz digna, a todos os respeitoes, de melhor tablado que o do mesquinho palco do Theatro de D. Luiz; — mas o que não sabem é que a sua *troupe* aneia por se approximar cada vez mais do merecimento da unica actriz, que elles ali têm.

Effectivamente, ao seu influxo, transformam-se todos em actores supportaveis, e pôde a gente ouvil-os sem bocejar. Quasi que temos uma boa companhia, digna d'um theatro de primeira ordem. Vê-se que não vão para a noute da recita estudar os papeis, como d'antes, e o publico sahe quasi sempre satisfeito.

A Zarzuela é pena que não possa aclimar-se aqui: estes ouvidos não gostarão da mimosa voz d'aquella creança, que ainda começa agora a balbuciar as infaveis harmonias da musica da peninsula, da musica originalissima dos *Vaudevilles* da Hespanha, que agrada a todos os que a escutam e a comprehendem? Fallo da Medina; e espanto-me que não gostem d'ella quando a Zamacois, prima dona da Zarzuela, que esteve no verão passado em Lisboa, e que a todos encantava, não era muito superior, no mimo e execução da parte recitada, ou cantada, á gentil Medina do nosso theatro.

Emfim — vê-la-hemos deixar Coimbra, indignada talvez, porque a não quizemos applaudir, como ella merecia.

A sociedade dos Artistas deu a sua reunião no salão da Imprensa da Universidade.

Foi uma reunião esplendida, onde a voz auctorizada d'alguns academicos mostrou brilhantemente o intuito d'estas associações, — tractando com proficiencia as questões economicas e sociaes mais importantes d'esta epocha.

O Club Academico trava renhida batalha sobre eleições: prepara-se um grande jantar no Castella, no caso de vencer certa lista. Anda tudo azafamado a pedir votos, e a pagar aos *calouros* para entrarem para socios.

Sabiu á luz um « jornal de noticias » de que é redactor o Sr. Dr. Casal e o Sr. Dr. Almeida. É uma publicação muito util para Coimbra.

Desejámos-lhe propicia carreira. J. Valle.

Expediente

A REVISTA DE COIMBRA — assigna-se:

Em Coimbra — na Imprensa Litteraria.

Preço por trimestre { Coimbra..... 300 réis
Fóra de Coimbra .. 360 »

REVISTA DE COIMBRA

FOLHA BIMENSAL

N.º 3

1 de Janeiro

1866

ESTUDOS POLITICOS E SOCIAES (1)

O ideal é uma aurora toda luz, mas irrealisavel. — Na terra onde a morte é uma transformação, e o homem um eterno rapsodo enriquecido com a experiencia dos seculos, o ideal é sempre miragem feiiceira, que quando mais parece existir nas cousas da vida, é quando menos realidade tem.

Philosophos despidos de velleidades terrenas, e que olvidaram as leis do vasto cosmos para simplesmente demandarem a terra da promissão, a verdade, quando vaguearam pedindo como Goethe — mais luz — pelas vastas sombras do vasto edificio edificado ao esforço omnipotente do genio; encontraram pallidas alegrias, e pallidos clarões, que bem depressa esmaixavam, quando outros systemas arvoravam com outras philosophias novos pendões sobre as ruinas do passado.

A alma humana assim se tem debatido; — uiaas vezes aguia erguendo vôo audacioso do abysmo para a patria da eterna luz — para o ceu; outras cançado histrião a deitar flores sobre ulceras, ou velho menestrel a chorar nas encruzilhadas sobre os restos e pedaços da lyra dos canticos.

Um dia, Pedro o Eremita, passa ao pé dos claustros, dos castellos e das cidades; então a velha Europa sonhando com os palmares do Oriente, e com o tumulo da redempção, deixou convento e castello, a patria, os lares e a familia, e partiu.

No velho continente sentiu-se o telintar das armaduras; os burguezes afiavam uma espada, porque as communas se organisavam; os servos da gleba corriam de mistura no troço guerreiro para se livrarem da escravidão; e o senhor feudal firme á sua divisa — á fé, sacrificio e amor, dizia sem saudades adeus ás torres do solar, onde se agitava a fórma aerea da mulher linda, que com as lagrimas da despedida saudava a expedição dos romeiros.

(1) Estes estudos mereciam maior desenvolvimento, mas a estreiteza do espaço, e trabalhos mais serios, nos vedam por em quanto dar-lhe maior vulto.

Qual era então o ideal? — A viagem á Terra Santa: o que resultou? — O desmoronamento d'uma classe e a elevação d'uma outra — a morte do feudalismo e o nascimento da burguezia. — A espada do christão foi embotar-se no alfange de Mahomet. — A flor d'aquella mocidade indomavel, galante, christã e valente, ficou nos areas dormindo para sempre ao lado dos irmãos d'armas: os que voltaram, acharam deserto o castello, a solidão nas vastas galerias, e nos pateos onde a herva crescida inculcava desleixo e desamparo, a mulher que tinha agitado um véu no cimo da torre, jazia na capella gothica modelada em mármore, por toda a parte o silencio. — Então o senhor feudal fez-se padre, deixou a cota de malha, e cingiu o burel, abandonou a espada na panoplia e tomou um *fos sanctorum* e uns cilicios, fugiu do solar e foi bater á porta d'um convento.

Phillipe o Bello n'esse tempo consentiu que os nobres podessem vender os bens; crivados de dividas, os que restavam d'essa romagem da Palestina cederam as propriedades aos credores — e a burguezia já forte pelas communas, principiou a tomar corpo e força pela propriedade.

Assim acabou este ideal — auspicioso no principio, enlutado no fim. — Se como querem alguns pensadores, resultou progresso para a Europa d'este choque de duas civilisações diferentes, é certo que preocupados em guerras de religião, os povos do Meio-dia esqueceram logo essas vantagens.

Todavia não se pense, que esta feudalidade que acabava de morrer com tanto brilho e esplendor, que acabava de desaparecer do mundo, mas lançando, como lampadario a extinguir-se, fulgidos clarões, que esta feudalidade, digo, não tinha tido a sua razão de ser.

A vasta centralisação romana, tinha-se seguido uma vasta descentralisação. A humanidade tinha avançado um passo para o futuro; até então a purpura dos imperadores esfria a gangrena d'um imperio, onde um só era livre e o resto dos homens eram escravos gemendo no ergastulo. Com a invasão dos barbaros a Europa ficou retalhada mas respirou um momento; na historia não existe

acaso, o batalhar dos povos é um choque de ideias; a ideia é como a onda que inunda a plaga deserta; cresce sempre, atira-se ao granito das rochas, ás algas da praia, aos ambitos do golpho, e quando por fim encheu tudo, dorme então, mas rugindo como um gigante.

Os senhores feudaes fizeram um manto dos retalhos da purpura; a burguezia d'esses retalhos fez um vestido de festa para celebrar a sua união com os reis; e os monarchas quando mais tarde quizeram dizer — o Estado sou eu — acharam um conviva desconhecido, pallido e soffredor, com a cabeça coberta, e como a pedir contas á humanidade das suas miserias — era o povo.

(Continúa) Luiz Jardim.

A ESTATUA VIVA

(Conto)

III

Um conto qualquer, que se extrahi d'uma chronica, deve ter necessariamente em vista, ou a propagação de acontecimentos memoraveis perdidos na variedade de muitos factos, ou a manifestação caracteristica dos costumes d'um povo n'uma epocha marcada. Collocar o facto no local, que lhe é proprio, é sem duvida a primeira obrigação, que em ambos os casos compete ao narrador. Não o desconheço. Porém de melhor grado me sujeitára eu ao rabujar da critica, do que a fixar a acção do meu conto n'este ou n'aquelle paiz, visto ignorar a qual pertença por uma omisão desgraçada no importante manuscrito, que tenho ao lado.

Amo a fidelidade. E n'essas simples palavras deixo a explicação da minha abstinencia no emprego de cores locaes.

Comtudo, tornava-se preciso que a scena se passasse em alguma parte.

Reflecti com a madureza, que o caso pedia, e por fim, vencido da necessidade, quasi me resolvi a levar os meus heroes para o Japão, onde qualquer sombra do extraordinario seria menos notada por sobre natural, pois, quanto mais ao longe se vêem as cousas, tanto mais ellas avultam, medidas pela imaginação, prodiga ordinariamente em ouropéis e garridices de todos os feitios. Demais o abuso, que por esse lado fizesse da boa-fé do leitor, não conseguiria empallidecer o merecimento á obra, porque sem ser patente n'ella o cumulo dos estudos trabalhados, que abrem as portas das academias, lá lhe ficava a parte moral digna de se germanar a esses contos, luxo da in-

fancia, justamente denominados — thesouros de meninos.

Oscillava n'este plano quando me veio desviar do intento a lembrança desastrada de que vivemos em tempos civilisados, tempos em que Antonio José cedeu lugar á alta comedia, no periodo aureo da circumspecta casaca e do chapéu alto.

Mal me serviria portanto o Japão. Filho da epocha irei com ella. Fôra mesmo attentado buscar modelo nos grotescos desasados do velho Portugal, quanto mais retroceder a ponto de me valer das roupagens comicas dos japonezes.

Emfim quebro o fio ás divagações para me devotar á historia, que o merece. Escolha o leitor a capricho o local da acção, que d'ahi lavo eu minhas mãos, contanto que se não ausente do paiz em que sejam lidos Dumas e Kock, e onde abundem seminarios, escandalos, e sotainas.

Supponha o baile — se lhe apraz, mesmo por commodidade ou propriedade — supponha-o em Lisboa, na faustosa habitação d'uma Ninon de Lenclos contemporanea. Lá deixámos o vulto sympathico do visconde d'Aveleda, perturbando a harmonia da festa com a surpresa da sua apparição. Agora vamos encontral-o no meio do luxuoso bulicio, opprimido de profunda melancolia; melancolia essa, que parecia reflectir-se em todos os semblantes, como se o d'elle fosse um espelho animado. Tal era a vaga expressão das nobres feições do visconde, que deixava a descoberto o quèr que fosse de semelhante ás forças attractivas e repulsivas do magnetismo. As damas sentiam-se fascinadas, os elegantes receiosos e agastados, d'esse agastamento — antes mau humor — que provém da humilhação; porque os humilhava a simples presença d'aquelle homem — que era um mytho, no dizer d'elles.

Pouco se lhe dava ao visconde do effeito que produzia. Não se erguera ainda da cadeira em que se havia deixado cahir, e, afóra algumas palavras delicadas, ou gestos a que o obrigava a cortezia, dil-o-hiam verdadeira estatua.

— Fallaste-lhe? — perguntava Margarida com vivo interesse, designando-o a uma sua amiga, a quem sahira ao encontro.

— Agora mesmo.

— Então?

— Ai menina! Não sei dizer-te o que sinto. Nunca encontrei homem assim. Se soubesses como a expressão corria suave d'aquelles labios, como o seu sorriso era triste... Não me enganaste: sei de mulher não póde sem estremecer...

Cortou-lhe a palavra um beijo affectuoso. Margarida não podéra ouvir mais. Estava pallida, tremiam-lhe os labios, e no seio offegante sentia que lhe rebentavam paixões desconhecidas. Deve de estar assim a mulher, que sem hesitar desfo-

lha as flores recedentes da virgindade aos pés do eleito do seu coração. Cahira em langoroso desfalecimento, pregando os olhos negros, apaixonados, com que a natureza faz perigosas as mulheres do Meio-dia, n'um ponto incerto, que ella não divisava, porque andava longe, na morada das formosas chimeras.

A orchestra começava uma walsa. Margarida, a ardente amadora das walsas, recusava d'esta vez a cintura delicada ao contacto libidinoso de mão masculina. E como não? Junto ao visconde d'Aveleda vira um logar sem dono. O seu unico pensamento fôra apossar-se d'elle, esquecendo — ella tão cautelosa! — que franqueava passagem á eterna maledicencia.

Do pensamento á realisação não decorreu um momento.

Foram breves as palavras, que trocou com o visconde; porém taes cousas disseram, que ficaram momentos — elle enlevado, ella commovida.

— Sabe, sr. visconde — diz ella emfim, para quebrar o silencio, que se tornava embaraçoso — sabe que nos magôa a todos a sua tristeza? Porque está tão triste?

— Não é minha a culpa, minha senhora. Déra muito a quem me ensinasse a fingir alegrias, que não tenho.

— Respeito os seus pezares. Mas creia que me admiro quando os considero.

— E pôde saber-se porque?

— Porque o vejo cercado de quanto é capaz de dar a felicidade.

— Um pouco de luxo aparente serve ás vezes para occultar a miseria. Admira-se de que haja risos, que escondam lagrimas? Pois ha.

— Tão desgraçado será...

— Não me lastimo, sr.^a D. Margarida.

— Nem eu o lastimo. Mas soffre, não é verdade? Eu não sou indifferente a soffrimentos alheios. Duvida?

— De certo. Pois para que me dá veneno n'essa mão formosa e branca como a innocencia?

— Eu?!

— V. ex.^a Vejo-lhe o mel nos labios e o inferno — consinta-me que o diga — na voz angelica, no gesto, na formosura.

— Haverá lisonjas nas suas palavras, haverá, mas não sem muita ironia. Será tal a minha infelicidade, que até com a propria presença lhe aggrave essa tristeza, essas dores?

— Faz mais que agravar.

— Mais ainda?...

— Se faz! Imagine v. ex.^a um viajante suffocado pelo calor, morrendo enfraquecido á sede junto á margem d'uma torrente, que elle não pôde tocar, e diga-me, se avalia a afflicção do desgraçado, como hei de eu fital-a, ouvir-lhe a

linguagem celeste, sem que se me desfaça o coração em lagrimas, sem que compate o que sou com o que fui, e com o que podia ser?

— Não o comprehendí talvez. Mas, sr. visconde, o viajante do seu enigma não seria tão desgraçado, que perdesse todas as esperanças no lance difficil em que o colloca. E quando ha esperanza, ainda não é completa a...

— Esperança! Eu suppunha-o perdido n'um deserto.

— Ainda assim podia valer-lhe a fé. A torrente podia deixar o antigo leito para lhe dar fartura d'agua.

— Como?

— Por um milagre da Providencia.

— V. ex.^a crê na Providencia? Por mim cancei tanto a vista a procural-a, que uma vez acordei cego. Como hei de vê-la?..

— Cego! — diz Margarida, aproveitando-se graciosamente do equivoco — cego com esses olhos, sr. visconde!..

— Antes os não tivesse; porque sem a ver a v. ex.^a, sr.^a D. Margarida, não veria como o céu é longe da terra, o impossivel entre nós ambos. Comprehende-me agora?

Margarida, vermelha de surprehendida, baixou os olhos silenciosa. Quando os ergueu estava pallida e anciada. Depois que recuperou alento, murmurou com aquelle accento melodioso e tremulo, expressão de volupia e d'amor, só sabido da mulher apaixonada:

— Pois ainda não adivinhou? É preciso que os labios digam tudo o que se sente?

Um sorriso amargo, doloroso, pungente, encrespou os labios descorados do visconde. Margarida arquejava.

— De que servem — continúa ella — de que servem certos enigmas, que inventa quando me falla como se quizesse martyrisar-me? Posso eu dar-lhe felicidade? Não imagine então distancias, nem difficuldades, que eu tenho coragem para me mostrar ao clarão d'essas luzes, em frente de quantos ahí teem labios para o sarcasmo, ainda que o rubor haja de me queimar as faces, para dizer — sou sua, pertenco-lhe.

— Impossivel.

— Impossivel!

— O cego adivinha as maravilhas da natureza e adora-as, mas sem poder contemplal-as. Eu sou como o cego, senhora D. Margarida; adoro-a, sem poder mais nada.

— Quer matar-me?

— Quero-lhe muito para a deixar n'uma vida de chimeras.

— Então que chimeras são?... Falle. Não vê que estou afflicta?

— Resume-se tudo n'uma palavra, que teria a

gravidade da situação, se não fosse consagrada ao desenlace de collisões romanescas. Essa palavra é...

— Diga-a!

— Misterio.

(Continúa)

Alcázar do Carvalhal.

TANCREDO

CEMA NENOI-COMICO

A. C.

CANTO SEGUNDO

Quizera um esto grande e sublimado Para vencer a temeraria empreza, Que tentei, sem ter antes calculado Do meu engenho a natural pobreza: Mas seria de todos reprovado, Mostrando n'este empenho vil fraqueza: Oh musa! afina agora o rude plectro; Ensina-me a tecer o novo metro.

Foi crescendo Tancredo em fealdade Como em annos crescia e malvadez; Em vão foi o trabalho d'um bom frade Em vencer-lhe a supina estupidez; Dizia o padre mestre, com verdade, Que não vira cabeça mais soez: Era cousa de medo e de receio O ver aquelle burro assim, sem freio.

Eis ajunta os parentes n'um congresso O pae atoleimado do rapaz, E pede, em nome seu e do progresso, Que digam qual carreira, nobre e audaz, Ao filho mais convem; filho sem preço, Futura luz da patria, luz de gaz. Escuta-o o ajuntamento estupefacto, E adormece, roncando, sobre o facto.

Estavam embebidos ha tres horas No meditar profundo, somnolentos, Querendo pôr em vão rijas escoras Das cabeças aos varios movimentos, Quando, como excitados por esporas, Um barulho infernal os pôz attentos: Era o cêrdo que entrava, como bola, Trazendo a turba piña atrás, na colla.

Era grande o berreiro, tôda a gente Pedia em altos brados o castigo Do brôma, que na furia insana e ardente Não poupava janella, nem postigo; Que não houve rapaz mais insolente Nem no tempo moderno, nem no antigo: O pae pôz tudo fóra sem tardança Com gestos senhoris, gestos de Franca.

Depois com voz que sôa como estoiros, Fallou assim aos seus, embasbacados:

«Esta cidade; escarneo de vindouros, «Não merece meu filho. Grandes fados «De Coimbra o chamam aos virentes loiros; «Que parta pois; e nós somos vingados.» Durou inda hora e meia a lenga-lengã Em phrase sem sabor e bordalengã.

Ao saber esta nova jubilosa Solta um brado de gôzo a populaça; Na rua estoura bomba estrepitosa, Põe bugias a moça na vidraça. Parece, ao ver-se festa tão ruidosa, Que a cidade citára uma desgraça. Entanto o meu heroe, d'esporas dando, Vae as terras da Beira demandando.

(Continúa) João Penha.

SONETO

Quando, ao esmorecer da tarde amena, O adeus do sol te esmaia o labio triste... E surge a lua pallida, que viste Banhar-te o seio nu da luz serena...

Ou... quando, á noute, na amorosa scena Em que eras minha dama, e me sorriste Ao erguer-te o pesinho, onde sentiste A pressão d'um suspiro, a doce pena.

Porque me foges, tímida donzella, Aos valles descobrindo a formosura Do que eu não pude ver, na ancia de vel-a...

Se tens no rosto a côr da rosa pura Desmaia, branca flor, á noute bella, E abre o teu calis, d'intima doçura.

HISTORIA DE MAGDALENA

III

(Continuação)

O successor indigno dos evangelisadores do amor, veio com os dez contos, e pediu o cumprimento da minha promessa.

Eu admirei a pontualidade cardinalicia, e desculpei-me com um leve incommodo de cabeça; que me impossibilitava, por emquanto, de me sujeitar á realisação do contracto.

Sua eminencia acreditou-me, e adiou para um prazo brevissimo a satisfação dos seus mais ardentes desejos.

Apenas elle sahio de minha casa, dirigi-me logo logo ao escriptorio d'um banqueiro, meu amigo, passei os dez contos para lettras de cambio endos-

sadas na irmã do cardeal, e remetti-lh'as, exigindo d'ella o necessario recibo.

Quando sahi de casa do cambista ia louca de alegria; via tudo por um prisma delicioso; tudo me sorria, tudo me elevava, — e eu sentia a dorçura ineffavel, e os louvores da consciencia, energizando-me para o caminho do bem.

O cardeal não deixava a minha casa; os seus galanteios amorosos recresciam, acaloravam-se de dia para dia. Uma vez, em que elle me estava enojando horriavelmente, trouxeram-me uma carta de letra desconhecida, que me fez saltar o coração de contentamento.

Eu suspeitava, presentia, que era da minha protegida. Abri-a, e ao principiar a leitura senti-me desfallecer. O cardeal observava-me, e perguntou-me o que soffria eu.

— Leia essa carta, senhor; eu não pude fazer feliz nma desgraçada, porque sua irmã é uma mulher d'alma; quiz castigal o, e Deus puniu-me, porque sou peccadora, e não posso exprobrar os crimes dos outros. Oxalá que a lição lhe aproveite, como a mim.

O cardeal estava pasmado. As minhas lagrimas faziam-n'o ensandecer, e aquella carta dava lhe arripios de raiva.

Acabou de lê-la, e perguntou-me com um sorriso estúpido:

— Foi para isto que vossa excellencia me pediu dez contos de réis?

Eu não lhe respondi; despedi-o por um dos meus creados.

Depois soube que o virtuoso padre da igreja, andava com a monomania de pedir ao Papa excommunições para todas as Magdalenas do mundo.

A carta de sua irmã causou-me uma impressão indelevel.

Era assim aquelle grito de suprema angustia para quem fôra perturbal-a na thebaida da sua penitencia:

«Minha senhora, eu vivo com uma filhinha, que me ficou do meu desgraçado amor. Deus não me castigou, foi o mundo; e por isso eu vivo feliz. Esperava que a minha dignidade de mulher e de mãe me pouparia n'este eremiterio á compaixão dos outros: A sua esmola veio desilludirme, apesar de me ser apresentada com uma delicadeza soberana.

Eu desejo entranhavelmente que vossa excellencia desculpe a mulher, que, para expiação d'um crime que a sociedade lhe exprobra, e a consciencia lhe perdôa, trabalha dia e noite para dar a sua filha alma e coração dignos da sua formosura. Amo-a tanto, minha senhora, e desprezei a fortuna que a sua liberalidade me offerencia, porque, acima de tudo, timbrô em dar-lhe com o meu trabalho a felicidade que ella merece.

«Perdoe-me; peço-lh'o de todo o meu coração.»

O que era eu ao pé d'aquella mãe? A minha vida soffreu uma transformação completa.

Desejei fugir do mundo e dos homens; abraçar-me como ella á cruz da rehabilitação, mas não pude.

O vicio era mais poderoso, que o grito da minha consciencia. Assim comecei de encarrar tudo pelo prisma do impossivel, da fatalidade, do absurdo.

Eu, que tinha d'antes uma alma bem formada, uma susceptibilidade próligniosa, abafei a vergonha e os remorsos, e não pude elevar-me a meus próprios olhos, e vencer as minhas depravadas inclinações.

Acreditei que o mal se tinha internado profundamente na minha natureza, e que já agora não poderia vencel-o, ainda que para isso convergissem todos os meus esforços.

Apparceram-me os sonhos deliciosos da minha infancia, como estrellas perdidas na noute do passado, cujo lume nunea mais illumina a minha felicidade extincta.

Esmaguei a minha dignidade, suffoquei os gemidos do coração, e quiz caminhar até ao fim.

Abri de todo os braços ao mal: era-me lenitivo; tudo o que podesse matar alguns bons instinctos, que me restavam, dar-me-hia a paz e o esquecimento.

E o esquecimento do que me aviltava a meus próprios olhos era um remedio.

Eu havia de morrer assim lentamente, suicidando-me pouco e pouco, entregando á grande noute corpo e alma polluidos; mas havia de beber até ao fim o calis da minha desventura.

Eu era muito fragil para resistir a esta provação.

Quando acordei d'este sonho horriavel, que durou um anno, encontrei-me abatida, desfigurada, quasi moribunda. Gastaram-me os excessos do prazer, da orgia, da bacchanal, da devassidão enfim.

Tive horror da minha fealdade, e do abandono, em que eu ia acabar.

Os que me procuravam na minha época florescente, esqueciam-se de mim agora e até me desprezavam. As memórias do meu primeiro amor, da minha meninice, passada entre as caricias da felicidade e as saudades de minha mãe, vinham em cardumes affligir a minha soledade.

No meio do mundo e segregada do mundo; o bulicio e os prazeres a rodearem-me e a fugirem-me; a formosura a dizer-me o seu ultimo adeus e a fome a bater á porta da minha mansarda!

Quem me havia de levantar do tremedal, onde eu cahira?

Recebi uma carta d'elle, quando estava nos afflictivos extremos da miseria. Vinha da Italia.

O pintor mandava-me a copia do meu retrato, e uma somma avultada, producto da venda d'outros exemplares. Eu não pude regeitar a esmola, porque tinha medo a morrer de fome. Cahi de joelhos diante da imagem do que eu fôra em outro tempo, tão differente do que era hoje, e pedi á virgem da minha infancia perdão para a mulher do tardio arrependimento.

Tinha chegado ao fim da miseria humana.

IV
Como são tristes estas horas da soledade!

Ainda ha pouco eu via-o; tinha o seu olhar tanta luz e serenidade, fitava-me com tamanho amor... e hoje... eu já o não posso ver.

São ermos estes logares de pungentissimas recordações: baixou o anjo da tristeza, e pousou aqui.

Talvez nem elle se lembre de quem n'esta longa ausencia suspira o seu nome em noutes mal dormidas e em dias atribulados.

Este era o derradeiro golpe. Sentir renascêr-lhe o coração, desabrochar-lhe o sorriso, e fugir da felicidade! O que lhe havia de dar a mulher desgraçada, como eu?

O baptismo das lagrimas: da penitencia ha de purificar-me aos olhos de Deus.

Creio em ti, luz do ceu, porque ainda me deixaste amor no coração. A felicidade ha de existir para mim.

Eu hei de ainda vel-o, como n'aquella ultima hora da despedida a pedir-me todos os beijos do meu amor.

Agora quero sagrar-lhe todos os momentos da minha saudade dolorida. Quero abraçal-o ainda com a memoria dos dias ultimos da minha ventura no mundo.

Vem ao meu coração, Livro de Deus, Biblia Sancta; eu vejo nas tuas paginas o meu bem amado, o meu escolhido, o meu esposo, o meu ideal.

Amo-tê! tu és a minha companheira do deserto, a luz que resplende no ermo da mulher penitente, a harmonia, que suspira ao meu coração o teu Cantico dos Canticos.

Diz-me, se eu o amo a elle!

Como um ramo de mirra o meu amado;
É para mim! ai quem me dera um beijo.

Do seu labio de mel entre os meus peitos!
Como a uva dulcissima de Chypre

Das vinhas de Engaddi! ai quem me dera
Ver os seus olhos, vel-os duas pombas
Voando até pousar no meu suspiro.

Como tu és formoso no meu leito,
Amado meu dormindo sobre as flores!

Tu és, a flor do campo, ou a açucena
Dos valles; açucena entre os espinhos
Rasgas-me o coração. Eu repousei-me
A sombra da tua fronde, arvore do eden,
E adormeci; os sonhos mais queridos
Desceram em sorrisos ao meu leito;
Velaram-me azas brancas do teu anjo,
Amor do ceu! eu vi-te, bem amado,
Em desmaios d'amor, a tua dextra
Levantou-me a cabeça e enlaçaste-me
Em delicioso abraço; o labio doce
Collou-se ao labio meu, suspiro tímido
Evolou-se do seio entre os perfumes
Dos meus lirios que tu beijavas soffrego!

A visão esvaeceu-se; ai d'entre as flores
Eu suspirei por ti, ó bem amado,
E as rosas do meu leito emurcheceram.
— Quem é este que sóbe no deserto,
Como linda varinha d'alvo fumo
Recendendo d'aromas e de mirra,
De incenso e de perfumes tão suaves?
Como o vermelho da romã partida
De sua face o nacar esplendece;
Seus labios como a fita d'escarlata,
E humidos d'amor voluptuoso,
Amimam beijos mil e mil suspiros;
O seu pescoco á torre de David
É semelhante na alta formosura
De varonil, excelsa magestade;
Como o cedro do Libano é seu braço
Afeito a não vergar ao doce peso
Dos desmaios d'amor, quando eu me inclino
P'ra descansar seu labio entre os meus peitos.

Amado de minha alma, os meus dous peitos
Parecem-se a dous gemeos cordeirinhos,
Pascendo entre açucenas; e as delicias,
E os segredos d'amor que estão fechados
No seu doce sacratio tu os sabes!
Ardeu-me o coração, ao suave lume
Do teu olhar, e suspirei captiva
No laço d'ouro do cabelo esparso
Em aneis d'aureas flores, como estrellas,
Que te cinjam a fronte, bem amado!
Como o favo que estilla mel e balsamos
São meus labios abertos n'um sorriso;
Como o aroma das rosas mais suaves
Recendem meus vestidos, se desvendadas
Os mysterios d'amor que elles amimam.

Eu durmo, e por ti vela entre suspiros
Meu coração ancioso; á minha porta
De cedro fabricada o meu amado
Bateu, e quando a lua desmaiando
A collina beijava saudosa
Por ver surgir o anjo da alvorada
Soltei do intimo seio a ultima ancia
Do meu amor! ó bem amado apaga
A luz da estrella d'alva para que a noute
Me escute os meus suspiros amorosos.

Abre-me, pomba minha, amada minha
Immaculada minha; o orvalho cahe-me
Dos aneis do cabelo, derramando-se
No rosto meu as lagrimas da noute;
Abri suavemente, e no meu leito
Os perfumes das flores evolveram-se;
Tremeram-me as entranhas, e eu ergui-me
Semimua, inundada de delicias...
Meus dedos distillaram mirra e balsamos,

Os meus peitos aromas preciosos?
No meu seio accendeu-se o ethereo lume
Dos desejos do amor; sófregos beijos
Anciavam meus labios!... mas ai triste,
Triste de mim! fugiu-me entre suspiros,
Filhas de Jerusalem, perdi o esposo,
O escolhido d'esta alma attribulada.

Sua cabeça d'ouro o mais subido
Era o altar onde ardiam os meus olhos;
Os seus lindos cabellos, como os ramos
Das palmeiras, o laço em que eu prendia
Meu pobre coração; como alvas pombas,
Que tem o ninho seu ao pé das aguas,
E se banham em leite na corrente,
Era a docura d'um olhar saudoso
Que eu perdi! sua face tão formosa
Como um jardim de plantas aromaticas;
Seus labios como as rosas, e os perfumes,
Da mirra preciosa e o doce balsamo;
Suas mãos d'ouro cheias de jacinthos;
Seu ventre de marfim e guarnecido
De saphiras; suas pernas mais formosas,
Que marmorea columna em bases d'ouro;
Seu pescoço gentil e magestoso,
Como o cedro do Libano! ai perdi-o!
Triste de mim, perdi-o para sempre!

Filhas de Jerusalem! trazei-me o esposo,
O escolhido d'esta alma attribulada.

V

Vêde a sua casa deserta na encosta da montanha.

Croam-na os rochedos amarellecidos ao sopro dos seculos, que foram ali os espectadores mudos e tristes dos soffrimentos d'um anjo.

Eu vi-a, á sua ultima hora, pallida e extenuada, a pedir-me que lhe sagraisse á sua memoria este logar solitario.

Os ultimos raios do sol esmaíavam por entre as flores agrestes do atrio da cella penitenciaria; suas pobres irmãs na desventura, que ella tanto amava, pendiam para a terra no ultimo raiar do dia.

Morriam, como ella morreu ao derradeiro lampejo do sol. Quando a lua se levantou por sobre a crista dos rochedos, e os seus alvares desceram suavemente o pendor da montanha, e penetraram n'aquelle sacratio de saudades e lagrimas, o seu rosto inaninado illumiu-se d'esta luz fantastica, solemne, indefinivel, que deve ser auréola dos sanctos, quando se ajoelham nos degraus do throno de Deus.

Eram lindas essas primaveras desbotadas, sumidas no sudario alvissimo da morte, esmaecidas com os ultimos perfumes das flores.

Eu beijei-lhe os seus labios, onde de ha muito haviam desmaiado os risos, e ingi-lhe a fronte de uma corôa de martyrios, e pedi aos anjos do Senhor, que lh'a transformassem no ceu em diadema de amores.

F. Guimarães Fonseca.

CHRONICA

Os factos mais notaveis, que ha a registrar, são as *Theocracias Litterarias* do Sr. Theophilo Braga; as *duas cartas* dos Srs. Julio de Castilho, e Eugenio de Castilho; e as *caricaturas* dos Srs. Ferreira e Motta. A primeira obra é resposta, que um dos insultados dá a quem o insultou: parece que foi o que mais tem ferido a familia Castilho; porque os dous athletas quebraram a *penna d'ouro* ao pae, e em vez da refutação seria ao que lá se dizia, apresentaram um *chicote physico*, e um *escarro* a quem escreveu verdades, que não gostaram de ler!

É a prova mais evidente de que o *bom gosto* e o *bom senso* habita na rua nova de S. Francisco de Paula, n.º 25!

Nós confessámos que esse campo não é o nosso predilecto!

E depois eu tenho tanta fé n'aquelle velho adagio «*furia de leão é parada de sandeiro*» que estou convencido que mesmo os representantes da eschola do *chicote physico*, ainda que quizessem chamar-nos á liça, não encontrariam aqui collegas seus, porque o elemento irracional é-nos litteralmente ignoto, e teriam de retirar-se para Lisboa a continuarem a tarefa de copiar em grande inventario os nomes dos admiradores de seu pae.

Se queriam similhante remate, para que é que nos vieram perturbar do socego, em que, *ignorantes*, sempre vivemos?

Que sombra fazia Coimbra a Lisboa para nos dizerem que roubavamos o calor, que lhes era preciso, e que nós não sabiamos aproveitar para fazer secundar o pensamento e a ideia, que lá cultivam? Se isto é a cohorte da ineptia para que descer até ella é convidal-a para o ameno recreio do *physico chicoteamento*?

Porque não deixaram antes que o amigo da instrucção nos doutrinassem com a sua sciencia, e para que substituiram a luta das ideias ao combate do *escarro*?

Porcalhões!!!

Ignorantes seremos nós, mas apostolos da sужidade sois vós, que, em vez de continuareis com a questão tal qual ella estava posta, vindes provocar-nos a uma batalha, dada no campo da immundicia!

E depois que quereis que a opinião publica diga?

Que não sabeis refutar a asserção com a contraria!

Que sois covardes, fugindo do campo para onde nos chamastes, e que, por vèrdes que vos seguimos, fugistes para outro onde a atmos-

phera é toda porquidade! Que não tinheis razão, porque lançastes o pomo da discordia, e em vez de persistirdes na vossa opinião, deixaeis o rumo primitivo, e pondeis-vos a caminho á conquista da solução com um *chicote em punho* e um *escarvo na bocca!*

D. Quixotes modernos eu vos saúdo!

Deixae-nos em paz com as nossas *futilidades*, e não penseis nunca que os *ossos moinhos no ar* cahem com medo da vossa armadura.

E depois tenho pena, muita pena d'aquella alma do Sr. E. de Castilho, que tem esperanças de encontrar o Sr. Theophilo Braga no *inferno* para lhe *partir as costellas!!*

Se fosse no ceu o encontro, não diziamos nada; mas no *inferno... no inferno... é que é o diabo*; porque Plutão (reza a historia) é amigo dos que não sabem, gosta dos ignorantes, é divindade propicia a quem lhe falta o intellecto, porque mais facilmente os attrahe ás suas diabolicas doutrinas, e lá tem o Sr. E. de Castilho de retirar-se do inferno; porque homem *esperto* não tem lá entrada;—e estas duas fugas dos campos para onde nos tem chamado, isto é d'um pessimo effeito:—fugir da terra para o inferno é ter-se de retirar d'aqui; que brilhante cousa para um *saltimbanco* de questões!

Para onde quererá depois ir? para o ceu? Não: que o reino do ceu é dos *ignorantes*, e esse pertence-nos por direito, que a familia Castilho não nos contesta!

Logo nem na terra, nem no inferno, nem no ceu nos poderemos encontrar!

Deixaram a imprensa, e trocaram-n'a pelo *chicote physico*; fizeram mal, tarde nos apanharão!

Deixem-se estar no Thibur: traduzam, decorrem, repitam o Virgilio e o que quizerem, que nós não os importunaremos!

Fizeram da *nação Thibur* monarchia constitucional, declararam-se todos *irresponsaveis* e nós annuimos á formação d'esse pequeno *estado* no grande *Estado!*

Respeitamos a sua *autonomia*; tenham a certeza de que não hão de ser por nós incommodados!

As caricaturas dos Srs. Ferreira e Motta têm tido *grande* extracção; a lembrança é felicissima; é um genero novo que principia a despontar entre nós; que a fortuna ajude os jovens *caricaturistas!*

O Theatro de D. Luiz deu recita. Subiu á scena a comedia em tres actos — *Não é com essas* — e — *O que quer minha mulher* — comedia em um acto.

Na primeira o Sr. Dias desempenhou o primeiro

papel, que, comprehendendo-o perfeitamente, fez-nos admirar o seu raro talento jocoso. Carlota Velloso, sempre a primeira em todos os papeis, continuou, mesmo n'aquelle, que não era o primeiro, a fazel-o sobresahir pela arte e mestria com que ella se sabe elevar entre os seus collegas. Amaral, o actor sem affecto, nem presumpção, natural na declamação e sem exagero na postura, agradou no papel do rapaz, que soube enganar a *avareza* com o nome de pae: o resto dos actores todos bem desempenharam a parte, que lhe coube.

Na segunda comedia—ao actor Alves tocou fazer o principal papel: conhecedor das regras da arte dramatica, e feliz em conceber o typo, que quer realisar, sempre deleita no jocoso, ou sempre move no dramatico: temol-o visto como *galant*, *centro*, e nó comico, e em tudo tem sabido aproveitar os recursos que possui.

Chegaram as ferias: tudo foi ver o Fausto. Como o diabo é o heroe da funcção, e o diabo do *Goëthe* não é o mesmo que o de *Milton*, nem tão feio como o de *Dante*, tudo tem ido admirar o que o diabo é capaz de fazer: transformou-se S. Carlos na cõrte do *diabo*; e agora é que eu atino com a razão; porque o Sr. E. de Castilho esperava o Sr. Theophilo Braga no *inferno* para lhe partir as costellas; referia-se a S. Carlos... já sei..... como a plateia costuma estar repleta, justifica-se a causa da escolha do logar... o Sr. E. de Castilho desafiou o Sr. T. Braga para logar publico e diante de muita gente *para evitar questões*, quer estar com quem os aparte, na hypothese de se deitarem á unha, fez bem; é prevenção...

Remato anhelando as boas festas a todos; e desejando-me a mim mesmo saude melhor.

J. Valle.

THEATRO DE D. LUIZ I.

Quarta feira 10 de Janeiro de 1866

RECITA EXTRAORDINARIA

Abertura da 2.^a epocha

com a 1.^a representação do drama em 5 actos

MAGDALENA
OU O INFANTICIDIO

COIMBRA — IMPRENSA LITTERARIA

REVISTA DE COIMBRA

POLEA BIMENSAL

N.º 4

15 de Janeiro

1866

DA IMPORTANCIA DA POESIA

MANIFESTADA NOS PRIMITIVOS TEMPOS DA GRECIA,
E PELOS TROVADORES DA IDADE MEDIA

Eu não m'encarrego de fazer um artigo d'erudição: mas aproveito-me de certos factos para a demonstração d'uma these.

Notei que havia certos espiritos rebeldes, que olhavam com desdem para a linguagem mais nobre, não descobrindo n'ella senão um pedantismo tolo, e ridiculas pretensões. Falo da Poesia. Terá ella a importancia, que se costuma juntar á gloria de seus escriptores? Será essa gloria mais uma futilidade do genero humano? Deixará a poesia um rasto da sua passagem nos povos, como os rios os sulcos de seus leitos, e os feitos dos grandes homens a sua gloria, perpetuada nas tradições, e monumentos?

Um dos grandes pensadores da humanidade deu uma importancia á poesia, que eu estava longe d'encontrar em seus escriptos:

Para elle os seus titulos de nobreza estão acima de todas as bellas-artes; da musica, da pintura, da esculptura, até da eloquencia. Um bom poema, diz o grande philosopho, é o meio mais effizaz que se conhece para animar o espirito; e n'uma imagem bella descreve a relação que existe entre a sciencia e a poesia. Se a inspiração poetica, diz elle, esmorece, n'um seculo, em que as sciencias absorvem o seu espirito, pensamento e actividade, é que a belleza é uma flor, e a sciencia um fructo. Para mim é ponto de fé que a poesia é quasi que uma religião. Ella é a linguagem typica: as linguas dos povos na sua origem são uma epopeia sublime da natureza. A linguagem grega influenciada pela imaginação oriental comprova isto. Ella dava animação aos objectos da natureza, e assimilhava á forma humana tudo o que podia, e via em roda de si.

Nada há mais bello que a mythologia gréga; as suas ficções serão sempre novas em quanto existirem homens sobré a terra. Que imagem bella do coração da mulher não é o consorcio de Venus com Vulcano? Que symbolo eterno de dores e pri-

vações, nas grandes concepções do espirito humano, não é o Prometheo? Que grandiosas concepções são a bóca de Pandora, as rodas d'Ixion, as Parcas, os tormentos de Tantaló, as Furias entrelaçadas de cobras hediondas que se insinuam no coração do homem criminoso, e os rochedos de Sisypho? A imaginação entre os gregos estava sempre em actividade; o povo tinha uma educação propria para isto; o seu enthusiasmo pelas narrações de façanhas heroicas, a sua hospitalidade pelos estrangeiros, o seu prazer em ouvir-os discorrer junto do lar, o seu respeito pela velhice, tudo isso contribuia, além de não terem uma religião dogmatica e official, para que fossem um povo d'artistas. A imaginação era livre; tudo que era bello tinha o seu altar na Grecia.

O genio da Grecia era o genio d'um povo livre. O clima sereno d'esse paiz, as luxuriosas searas, a pacifica oliveira, as parcas abelhas do Hymeto, annunciavam um solo hospitaleiro, e bemfazejo. As colonias vindas do Egypto, e da Phenicia, que ahi s'estabelecem, tiram partido do seu genio emprehendedor, e gozam por muito tempo da tranquillidade da vida campestre. Este socego não é perturbado até á guerra de Thebas. Antes d'isso é verdade que os caminhos eram infestados de ladrões, e quasi que não havia segurança individual; mas Hercules e Theseo colligam-se para que a industria d'um povo laborioso possa abrir caminho, e as estradas lhe sejam franqueadas.

A sua forma de governo tinha sido a monarchia; e é muito natural que um povo pouco habituado ainda aos negocios publicos, constituido ha pouco, tendo o seu tempo tomado nas occupações da lavoura, respeitando a intelligencia de seus chefes, e não podendo mostrar-se ingrato para com elles, depositasse pela extrema confiança todos os poderes n'esses homens, que os arrancaram da barbaria para uma vida melhor. Mas essa forma de governo não podia durar muito. Tendo ainda acordados os instinctos de liberdade, e não havendo para o poder real outras regalias, que uma descendencia illustre, e o respeito que lhe inspiravam os nomes de seus coevos pelos serviços prestados, facil era de prever uma

ruptura n'uma população pequena, onde elle não podia encobrir-se, nem dar a razão de todos os seus actos.

Sobre esse poder circumsrito a uma pequena esphera pesava uma grande responsabilidade. Se os reis fossem então os ungidos do Senhor como um Saul, um David, podia o throno fascinar o povo com o esplendor da omnipotencia. Facil era de prever a revolução nas pretensões d'uma familia illustre que se collocasse á testa do povo como órgão, e interprete de seus pensamentos.

Entra em scena a familia dos Pallantides, que semearam discordias intestinas, e pretenderam derribar do throno Egeo, rei d'Athenas. Theseo apresenta-se n'essa cidade; o velho rei o reconhece; o povo mostra-se grato para com os seus serviços; demonstra por factos a sua capacidade, e as pretensões dos Pallantides são illudidas. O sentimento de liberdade era tal já n'esse pequeno povo que Theseo foi obrigado a insinuar todas as classes nos negocios publicos, a classe dos nobres, dos agricultores, dos artistas, dando á constituição do paiz uma fôrma republicana. Reservou para si o titulo de defensor das leis, e general dos exercitos. Theseo fez muito em favor de seu paiz; deu unidade ás doze cidades da Attica, que se tinham engrandecido ao ponto de constituirem-se pequenas republicas, governadas por chefes independentes, onde predominavam as ideias aristocraticas, e o principio da hegemonia. Fez d'Athenas a capital; constituiu uma assembleia unica legislativa, e collocou-se á testa da republica.

A alma ardente de Theseo, as façanhas d'Hercules, o genio aventureiro, inquietavam-no. De modo algum poderia acostumar-se á vida d'um povo sem peripecias, com o extraordinario espirito das emprezas grandes. Deixou-o para ir brigar com os Centauros, lutar com as Amazonas, matar o celebre javali de Calydon, contra o qual Meleagre reuniu os principes mais valentes do seu tempo. Essas façanhas, que tiveram alguma utilidade para o paiz, depois executadas pelo arbitrio da força, como o roubo de Proserpina, d'Helena, fizeram com que elle decahisse muito no conceito dos Athenienses, e perdesse a influencia moral no povo. Quando voltou das suas excursões, encontrou o povo dividido por discordias intestinas e pela facção dos partidos. Não era só pela aristocracia que se poderia prever a ruptura entre os gregos, pela hegemonia, mas tambem pelo espirito aventureiro de seus chefes. Que foram essas colonias d'onde elles eram oriundos, que atravessaram os mares, vindas do Egypto, e da Phénecia para fertilisarem o bello solo da Grecia? Que foram Theseo, Pirithous e Her-

cules? Aventureiros. Que foram esses Argonautas que soffreram as privações d'uma longa viagem, e os perigos d'uma terra estranha, para se apoderarem do vélllo d'ouro, dos thesouros d'Actes, rei de Colchos? Um povo d'uma imaginação tão viva devia levar-se pelas primeiras impressões, e ser o jogo de todos aquelles homens que lhe inspirassem o ideal maravilhoso da gloria.

Bastava um facto para accender essa paixão no coração dos gregos. Rebenta a guerra de Thebas. O combate é encarniçado; não ha meio de terminal-o. Surge um expediente. Eteocle e Polynice odeiam-se; é por este ultimo que os gregos se empenham na luta. Casado com uma filha de Adrasto, rei d'Argos, quer subir ao throno e usurpar a corôa de seu irmão. Fixaram o dia, o lugar e a hora; os exercitos estão mudos, tudo está na expectativa; braço a braço, ferro a ferro, combatem como gigantes.

Diz Barthelemy que passava como tradição na Grecia, que ao fazer-se a hecatombe de seus corpos e ao deposital-os na fogueira, as chammias dividiram-se para não confundir as suas cinzas (1). A guerra continuou, até que vieram os chefes valentes como Diomedes, Sthenelo e outros que elevaram ao throno os descendentes de Polynice. Tres gerações depois, Thebas é uma republica; o nome da familia Edipo é pronunciado com horror por toda a Grecia, e Eschilo pinta mais tarde com vivos traços, perante os espectadores, o anathema do céu sobre o filho de Laius, e sua descendencia.

O regresso d'estes chefes ao seu paiz natal; o circulo que se apertava em volta d'elles, procurando noticias da patria; as emoções que despertam as narrações dos combates; a popularidade e glorias do vencedor, estimularam os animos dos gregos para taes emprezas. Não devia tardar muito a occasião desejada; estava proxima a guerra de Troia.

(Continúa) Aleixo dos Santos

A ESTATUA VIVA

(Conto)

III

Eu bem sei que um dialogo puramente dramatico, semeiado de interjeições e palavras grandes, mal se pôde coadunar com a realidade da *comedia humana*. Não foi sem grande dôr d'alma que colloquei o sibyllino visconde em frente de Mar-

(1) Barthelemy, *Viagem d'Anachrasis á Grecia*, pag. 62 e 63.

garida, exposto ao rir *palerma* dos que não sabem nada do coração e da linguagem, que só o amor sabe, linguagem caprichosa, que muitas vezes desdenha o presente para ir colorir-se nas eras aventurosas em que a castellã apparecia — visão aerea — por entre os tufos floridos, que lhe enfeitavam o balcão, para ouvir á luz das estrellas as canções plangentes do trovador enamorado; eras, as mais sublimemente poeticas, que cá têm vindo. Senão que o digam as mil novellas que por ahi tresvariavam a mocidade. Não sei realmente a pena em que incorreram os protagonistas d'este veridico conto (veridico á excepção de todos os contos) por irem, entre os prazeres celestiaes d'um baile, alargar azas a conversações das que só se alimentam declamando. Não sei. Póde ser que fiquem para sempre afogados na gargalhada publica. Se isto succeder é sobre a historia que deve cahir o anathema. Por mim sou simples narrador.

Tal calor e vivacidade desenvolveu o dialogo em Margarida e no visconde, que, esquecidos de quanto os cercava, cedo perderam de vista o mundo dos mortaes, a ponto de aguçarem a ironia e a curiosidade geral. Não foi sem perturbação que Margarida o reconheceu. Mas, em lances d'estes, que mulher innocente não sabe um subterfugio?

Foi com simulada alegria que ella estendeu a mão delicada a uma bella senhora, que se lhe avizinbára casualmente. Era a dona da casa.

— Supplico-lhe, minha senhora — exclama Margarida, vermelha como uma romã — supplico-lhe que me ajude a convencer este cavalheiro. Ha muito que estou a instar com elle para que nos recite alguma d'aquellas adoraveis poesias, que nós lhe conhecemos. Aos rogos de v. ex.^a sei eu que não ha de resistir.

— Oh minha senhora!.. — acode o visconde, surprehendido da lembrança providente de Margarida.

Quiz valer-se de modesta esquivança, mas n'este tempo eram varias as vozes que o instigavam a recitar. Curvou a cabeça vencido.

Formou-se repentino silencio. As damas e os elegantes tinham-se confundido em mostras de profundo interesse.

N'este momento, por detrás d'um reposteiro, podia um observador attento divisar um rosto de mancebo, cujos olhos esgazeados pareciam fusilar relampagos de quando em quando. Era D. João. Se isto, que para aqui escrevo, fosse um romance, havia de elle (D. João) apertar com a dextra febril o cabo d'ouro d'um punhal luzente. Porém, não ennodoemos a historia. Mandemos o punhal para o velho theatro ou para a floresta êrma.

Era vistoso o quadro. O jorrar luminoso dos

candelabros, reflectido nos espelhos; nos paineis heraldicos; nas cabeças toucadas de rosas já emurchecidas; na carnadura rosada dos seios desvelados, ofegantes de cansaço; o rosto nobre do visconde inundado de luz; os grupos; as posições; tudo isto apresentava um aspecto muito ao paladar da phantasia.

E a voz do visconde ergueu-se do meio d'aquelle silencio, como voz de inspirado. Tinha nos olhos o sacro fulgor da sibylla, e suas palavras eram devotamente escutadas como se fossem um oraculo.

Echo — era o titulo da poesia. Partilhava do vigor da ode, do lyrismo terno do idyllio, e da funda tristeza da elegia; porém, com tal arte, tal harmonia, que não passava uma nota, que não fosse certa ao coração.

Todo o pensamento da poesia era tirado da metamorphose da desventurada nympha.

Ella a ver e a sentir que as formas delicadas lhe vão ganhando pouco e pouco as curvas broncas d'um rochedo informe; e a sentir ainda o coração inflammado a pular-lhe lá dentro no seio de granito, com todas as paixões e ardores do seu viver de anhelos, fervente de luxuria; e o rochedo a engrossar, a engrossar... Eis o pensamento. Ouro mais fino, mais de lei, nunca o extrahiu poeta de veios explorados. Quando acabou a penultima estrophe, que parecia arrastar-lhe d'envolta parte da propria alma, não havia faces, que não estivessem molhadas de lagrimas.

Aquella voz impregnada de melancolia terna, aquelles formosos versos — que o eram — coavam, em cada peito, comoções indefinidas, venenos suavissimos!

Dir-se-hia que o visconde pranteava as proprias desgraças. Os versos traziam como que o sello da experiencia.

Margarida estava pallida como as camelias, que lhe desmaiavam ao contacto do seio inquieto. Escutou até ao fim sem respirar. Depois desapareceu por entre os grupos assombrados, e, apenas longe do bulicio, desatou em soluços, escondendo o rosto nas mãos.

A minha myopia burgueza não lhe vê razão para taes extremos; mas, emfim, a verdade é lei d'uma só interpretação. Tenho aqui a chronica que é de reconhecida authenticidade.

Quando a donzella (como lhe chamavam um romancista) voltou ao salão, já lá não estava o visconde.

Consternada, não hesitou em interrogar uma sua amiga acerca de tão inesperada ausencia. Se porém foi breve a pergunta, não lhe deveu nada a resposta, traduzida n'um riso cheio de malicia, e n'um gesto, que designava a sahida para o jardim.

Tinham-se aberto as janellas. Vinha proximo o alvor da madrugada.

Margarida vagueava no jardim de canteiro em canteiro, de gruta em gruta. Todos poderiam vê-la passar por entre o arvoredo e desaparecer na sombra como um lindo phantasma, mas, o que ninguém de certo conseguiria era ouvir-lhe o suspirar cumprido. Estava na hora funesta, em que a mulher mais pura inveja o thalamo das Messalinas. Bem via o precipicio através das flores, que o encobriam, mas adorava-o.

Na sombra, que uma das muitas arvores formava com os esgalhos espessos e descarnados, onde esvoaçavam algumas aves saudosas da alvorada, foi deparar com o pensativo visconde d'Aveleda.

E, sentada sem receio ao lado d'elle no ermo d'aquelle logar, jurou comsigo, crente no subido preço de suas seducções, que havia de ler na alma d'aquelle homem os segredos, que elle occultava com tanto cuidado.

— Eu tambem amo — diz ella — este crepusculo vago, que precede a manhã. A imaginação arrouba-se mais viva, e vê em cada objecto uma fórma agigantada e indefinida. E este indefinido não sei que alvoroços me desperta, com que suave aspiração me enleva o espirito... Diga: não sente isto mesmo?

— Bem conheço esse enlevo de que me falla, minha senhora.

— Nem podia deixar de ser. Alguma voz intima me diz baixinho que toda a alma tem uma irmã, uma irmã gemea no sentir, no pensar... Será certo?

— Que sei eu? Estou longe da abjecção do sceptico, e, comtudo, sou obrigado a duvidar sempre.

— Na desgraça.. creê.

— Essa vejo-a, apalpo-a em cada membro do meu corpo.

— Tambem duvida de mim?..

— V. ex.^a é moça e bella. Tem viçosas todas as illusões. Encontra attractivos n'este mundo, porque só o viu por uma face, pela unica face bonita. Julga v. ex.^a que se corteja ahi a virtude, a grandeza d'alma, a elevação do espirito? Engana-se. O embuste, a simples apparencia é tudo; e a suprema desgraça da minha vida está n'essas palavras. Tenho um coração ardente para o amor, e uma cabeça para o comprehender; mas nem uma mulher, nem uma só poderá encontrar em meus braços carinhos de esposo, porque toco são de carne, e por isso fracas.

— Quando acabará essa linguagem de enigmas? Li-se que tinha coração para o amor. É então certo que ama?

— Do fundo d'alma.

— E haverá mulher tão forte, que possa resistir-lhe? Deixe-me duvidar.

— É por que v. ex.^a não prevê que esta fidalguia, que me encontra no aspecto, póde abrigar um flibusteiro indigno. Quero mesmo deixar-me cegar pela vaidade para crer que sou amado. Não podia abrigar-se debaixo d'este traje o corpo corroído d'um leproso? Não poderiam lavrar ahi cancrios, gangrena e peste? Supponha; e veja que noute a do noivado para uma menina, verdadeira sensitiva em flor...

Terminou com uma gargalhada alvar. Margarida teve medo.

D'onde concluo, aqui entre parenthesis, que o systema nervoso das senhoras é mais melindroso do que o do leitor, que, certamente, não teve medo nenhum. Possa a descoberta ser de proveito á sciencia.

— Não julge pela apparencia, minha senhora — continuou o visconde com affabilidade — Agora vou dizer-lhe como eu idealiso a mulher para o meu amor: queria-a bastante casta para que me estimasse pela alma e não pelo corpo; queria-a bastante sensível para que chorasse comigo nas minhas penas, e para que soubesse consolar-me quando o precisasse... Haverá alguma assim?

Seguiu-se curto silencio.

— Ha — diz Margarida com orgulho. — Perinto que não sou uma mulher vulgar.

— Adivinhei-o. E como me consola ouvir-lho, Pois bem, consinta-me uma pergunta estranha, e mesmo original: se eu fosse um cadaver frio e inerte, animado por qualquer engenhoso mechanismo, embora me pulsasse no corpo morto um coração com vida, poderia v. ex.^a abraçar-me sem repugnancia? Queria descancar a fronte no seio de um cadaver?

— Que extravagancia! Pois olhe, sr. visconde: á estranheza da pergunta vou eu dar uma resposta igual; e Deus sabe que não minto. — Margarida animava-se proseguindo: — seja o leito das nossas nupcias no cemiterio que lá mesmo o aceito, lá mesmo o apeteço. Repare que não corei. Se me treme a voz é ao peso da verdade. Eu não exagero. Quem sabe o que é o amor, sabe que não exagero.

O rosto do visconde illuminou-se de irradiante alegria. Balbuciando, póde exclamar apenas:

— Margarida, minha Margarida!

E pousou os labios reluzentes no seio semi-nu da donzella, que, soffrega, pagou a ousadia com outro beijo, em que se lhe foi parte da vida.

Depois, o feliz visconde embrenhou-se por entre as arvores com aquelle caminhar medido do esqueleto das lendas populares.

Margarida ficou como que desfallecida; com o toucado desfeito, tranças desatadas e a cabeça pen-

dente para as espadas humedecidas pelo orvalho da manhã.

Dil-a-hiam sonho feiticeiro d'imaginação oriental.

D. João ergueu-se então em frente d'ella como obedecendo á evocação satânica d'um mago!

(Continúa) *Alvaro do Carvalho.*

TANCREDO

POEMA HEROI-CÓMICO

A. C.

CANTO TERCEIRO

Viu Coimbra entrar nos muros derrocados
Tancredo, cavalgando um burro ardêgo,
Que mostrava nos passos agitados
O pejo de fazer um tal emprego.
Espantaram-se ao vel-o os verdes prados,
Espantaram-se as aguas do Mondego;
Mas, como vagalume que mal brilha,
Sumiu-se n'um collegio o bigorriha.

II

Nas horas d'abantêsmas e pavores,
Quando gemem as aves agouzeiras;
Nas horas de vigílias, de pallores,
De sustos, de tripudio, e feiticeiras,
Entrava nos esconsos corredores
Um espectro descido das trapeiras,
E logo retumbava nos recantos.
Um concerto de couces e de prantos.

III

Andava o director espavorido
Com o caso medonho e d'espavento;
O ventre já lhe tinha emmagrecido,
Trazia o rosto cavo e macilento.
Um padre, sobre o assumpto muito lido,
Benzeu em canto-chão todo o convento;
Comtudo foram vãs as roncãs pias,
Perderam o remedio as sacristias.

IV

Certo dia, porém, o dispenseiro
Viu na adega estendido um vulto ingente,
E despregando em pávido berreiro
Fez vir a grandes passos toda a gente.
Enorme foi o assombro e verdadeiro
Ao ver o quadro feio e repelente:
O phantasma sinistro e de mau olho
Estava a cozer vinho, alli, no sôlho.

V

Descoberto o auctor do ruim bruxedo,
(Quem n'elle o meu heroe não presentiu?)
O bom viver antigo, suave e quedo,
No collegio outra vez presto surgiu;
Até o director, perdido o medo,
Os redenhos e bojo crescer viu.
O trago posto fóra a grandes soccos,
Recebeu-os a rir, porém deu trocos.

VI

Tres dias divagou pela cidade
Sendo a mira das chufas dos garotos;

Queria a previdente auctoridade
Prendel-o como causa d'alvorotos.
Quer porém a divina Potestade
Soccorro e amparo ser té de marotos:
Achou o bôrra um primo n'uma praça
Que á familia o levou, mas por chalaça

VII

A mãe, mulher de tino sobre tudo,
Que via as caras filhas por casar,
E conhecia o peso do lanzudo,
Recebeu-o com riso d'encantar;
Ficou o tolo em pasmo, quedo e mudo,
Julgando-se illudido ou a sonhar.
Cupido, que esta scena contemplava,
No carcaz setta enorme procurava.

(Continúa)

João Penha.

A MEMORIA DO LAGO

Adeus, amor adorado

Sonho breve de ventura,

Botão de rosa esfolhado

Antes de abrir-se á luz pura.

Adeus ebanos cabellos

Na meiga fronte anelados,

Olhos que accendem os gelos,

Labios que riem fechados.

Collo onde a flama escurece

De linda manhã de maio,

E a alva estrella esmorece,

Como em pallido desmaio.

Adeus bonina afagada

Dos mimos do eterno abril;

Doce visão encantada

O meu sonho juvenil.

Adeus pomas escondidas

Entre os lirios da pureza,

Gemeas flores unidas

Com amorosa firmeza.

Adeus sacrario celeste

Meu alvo divino seio...

Onde minha alma predeste,

Onde o nome de Deus leio.

Adeus cintura estreitada

Em suave adoração

Por mãos d'amorosa fada

Nas ancias do coração.

Adeus, minha doce vida,

De tanta suavidade...

Adeus filha estremecida

Nos suspiros da saudade

Se algum dia te lembrares

De quem te amou, como Deus

Vôa para além dos mares

Onde eu levo os sonhos teus...

Lá sempre ás horas da tarde

Em solitario rochedo,

Quando o sol no oceano arde,

E freme ao longe o arvoredado;

Quando os véus da noite descem
Entre flameos clarões
E os astros do céu parecem
Illuminar as soidões...

O teu nome n'um suspiro
Sahirá do peito meu;
Como a vida que respiro,
Como a estrella d'outro céu.

Adeus amor adorado
Sonho breve de ventura...
Botão de rosa esfolhado
Antes de abrir-se á luz pura.

Á BEIRA DO LAGO

Em soltos aneis d'ouro fluctuava o seu cabelo, animado pelas auras amorosas da noite; a lactea alvura da face desmaiava em morbida pallidez, e as sombras da melancolia anuviavam o rosto maguado e mesto; nos olhos humidos revia-se a tristeza scismadora, quando ella os erguia para o esplendido azul do céu, como a sonhar a luz dos olhos do seu amante na mais formosa estrella; beijando o seu collo semivelado, tremiam os raios da lua como em voluptuosas caricias, e na lisa superficie do lago iam depois esmaecer em prateado alvor, afagando nas aguas ainda a imagem do mimoso seio; a cintura abraçada por mãos de fada inclinava-se ao arfar tremente do seio, quando sobre a palma da mão alvissima descancava a fronte serena e pura do anjo. Com os seus gemidos saudosos acordavam os gorgeios suspirados da ave triste, que nas balsas florentes, nos valles e nas collinas, nos jardins da primavera, solta o canto peregrino e maguado, aquelle maviosissimo canto da noite, que tem a suave melodia das ethereas harpas dos anjos, nos sonhos da harmoniosa musica do infinito, como se a mimosa avesinha ao ver no ceruleo véu da eterna formosura os fulgores da corôa divina comprehendesse o hymno de Deus para o suspirar em saudades do céu.

Beatriz sentia vibrar-lhe no intimo d'alma a canção melancolica e sublime do genio da primavera, e quanto mais estremecida era em delicadeza de sentimento, e mais dolorida e chorada nos requebros enternecidos, — uma commoção agridão agitava mais e mais os atvós seios da pallida donzella, e uma nuvemzinha orvalhada com as suaves e amargas lagrimas, da tristeza saudosa subia ao céu dos olhos azues da esmaiada virgem a humedecer-lhe os raios de amorosa magua.

— Ao teu mimoso suspirar, ave querida, responde além nas perfumadas franças do arvoredado o gorgeio mavioso do teu amante; e só eu não

tenho junto a mim, murmurava ella em dolorido queixume, o meu esposo, o meu amante, o echo dos meus suspiros, a alma gemea da minha, a vida do meu coração.

Quando o não posso ver, é-me escura a formosa noite da primavera; e o fremito do arvoredado, e os gorgeios suspirados do rouxinol, e as auras perfumadas entre as flores, e os murmurios das aguas crystallinas — gemem no meu seio as tristes saudades da sua ausencia.

Se eu me inclinava sobre o lago junto d'elle não via no prateado espelho das aguas senão a imagem formosa do meu amante, e elle só via o meu rosto, que o mirava no extase da adoração; e assim confundidas as nossas imagens n'este enlevo da amorosa ténnura não sabiamos de quem eram os abraços e os sorrisos. Agora o crystal do lago reflecte a minha tristeza, e esconde as minhas lagrimas. Porque não vieste, anjo querido, ao seio da tua amada, porque deixaste no érmo a tua saudosa Beatriz?..

Maria Alexandrina.

O SACRIFICIO

I

É singela e tocante a elegia dos nossos amores.

Nasceram no alvorecer da primavera, e fugiram com o perfume das flores, e não esperaram que o empallidecer do outomno lhes derramasse no coração o somno da sacedade.

Eramos duas almas formadas uma para a outra.

Conhecemo-nos ao primeiro olhar; e o aroma do primeiro beijo e o balsamo da primeira lagrima, e o riso do primeiro gozo, e a dôr da primeira saudade... tudo nos foi na terra o antegosto das delicias, que se provam no céu.

Eu lembro-me de Margarida. A casa onde ella viveu e soffreu é hoje erma e triste; e apesar d'isso não sei que gozo intimo me vae na alma quando eu procuro ás horas da tarde o eremiterio, onde foram tamanhas alegrias e tão grandes desventuras.

Vejo-o agora na minha recordação amarga, só, no fundo do olival, apenas levantando da terra as paredes cobertas de musgo; e o atrio onde nascem flores agrestes, como se a natureza não viçasse de primores, onde o coração viçou com amarguras.

Assento-me ao pôr do sol junto da cruz do adro da capella, onde dorme um somno esquecido a martyr, em que se entrelaçaram uma a uma todas as angustias da terra, e onde aquelle

symbolo do sacrificio immenso já não tem o adorno das cordas de perpetuas, nem os ramos dos amores e dos suspiros.

A imagem de Margarida parece-me que se desenha com os ultimos raios do sol no altar do Crucificado, onde ella ia orar tantas vezes, e offerrecer as primicias de seus affectos, com a sua piedade celestial.

Aos pés do altar do Christo está a sepultura raza, onde Margarida dorme o somno derradeiro.

Ai quem sabe se ella ainda se lembrará n'esse mundo de mysterios do infeliz, que lhe acompanhou as ultimas amarguras com as pulsações do seu coração agonisante!

E aquella porta está fechada para sempre!

Ninguém vae alli dentro, a não ser a rajada do vento a gemer alta noite sob os frisos da parede o seu canticó de morte.

E comtudo ha cinco annos apenas, que aquella casa se illuminava com os esplendores das festas.

Então Margarida elevava ao céu os olhos fluctuando em lagrimas de anciedades intimas, e baixava-os para o seu vestido de noivado.

A minha alma era gêmea da sua, e adorou-a no fervor d'um amor purissimo, como aquelle que sóe inspirar-se d'um raio de Deus a reverbar n'um rosto de mulher.

Creamo-nos ambos no meio d'estes arvoredos; ambos passámos a infancia por estes campos a borboletear por entre as flores, e espalhámos os nossos risos por estes valles a dilatar as nossas alegrias.

Eramos bem felizes em nosso folgar descuidado.

Mais tarde sonhávamos o futuro risonho, e diziamos que nunca o braço do homem separaria dous affectos, que tinham germinado sob a innocencia de dous corações, que se amavam.— Mas o braço do homem separou-os, e nunca elles se reunirão porque a morte é a derradeira de todas as esperanças.

Quem a ha de acordar d'aquelle somno? Quem ha de aquecer aquellas cinzas? Quem ha de illuminar aquelles olhos, cerrados na perpetua escuridão da campa?

E lembro-me ainda dos seus ultimos momentos, e venho chorar sobre as suas derradeiras agonias.

Quando ella me disse o ultimo adeus, eu ajoelhei sobre os degraus d'esta cruz, vi fecharem-se-me para sempre as portas d'esse eremiterio, e apertar-se-me o coração com cada uma das harmonias d'aquelle noute de festas.

Festas?!.. para os que a levavam ao altar do sacrificio, coberta de branco, como a hostia immaculada, que não para a infeliz, que se amortalhava no seu vestido de donzella.

— Tu ficas pobre, minha filha, dissera-lhe sua mãe, nas ultimas horas da vida; e teus irmãos esmolarão a vergonha por lares estranhos, e eu não repousarei socegada no meu ultimo leito. Abafa as vozes do teu coração, Margarida, já que Deus quer que todos aqui soffrámos, e dá-me a paz d'esta agonia ultima... e dá a meus filhos o pão de cada dia...

— Não havia alma para resistir áquella supplica de mãe.

Margarida sacrificou-se. Eu mesmo calei as impulsões do meu amor ardente, para lhe aquecer o seu amor de filha. Partia-se-me o coração, mas exultava-me a consciencia.

«Car de l'homme à la fois cette terre réclame
La sueur de son front, et la sueur de l'âme.»

(Continúa)

F. Guimarães Fonseca.

CHRONICA

O theatro de D. Luiz abriu a segunda epocha com o drama Magdalena, ou o infanticidio; tem 5 actos, e acabou antes da meia noute.

Recordei-me com saudade do theatro Academico; aquella peça, se lá fosse representada, atirava pelo menos para as 4 da manhã: feliz tempo em que o espectador dormia sempre o seu primeiro somno no theatro!

O desempenho, segundo o juizo da plateia, foi bom — houve muitos applausos, e o chronista tem de fazer lei pelo que vê; por isso digo que gostaram:—e em quanto a mim tambem gostei. — Magdalena é uma camponeza, que cega d'amores por um fidalgo, teve a infelicidade de ter d'elle um filho, e enganada ao dizerem-lhe que Victor estava casado, a pobre rapariga quasi que chega a desesperar, quando o honrado André lhe diz que tudo é falso, que Victor nem está casado nem a esquecêra. — Eil-a a caminho com o filho nos braços para ver Victor; a resolução porém de tomar pelo *atalho dos cardos* para não ser vista foi causa de lhe roubarem o filho, e de todas as infelicidades que depois lhe succederam.

Perdendo o filho, é accusada como infanticida, e levada ás prisões; mas depois a virtude vence, e o crime é punido;— casa com Victor — e o que tinha urdido todo aquelle enredo é conduzido para as prisões, d'onde Magdalena sahira.

Carlota Velloso é em scena Magdalena!

Que admiravel desempenho!

Que amante, que douda, e que mãe!

Como n'estes tres differentes estados da mulher, ella soube possuir-se do caracter proprio de cada um, e como ella nos commoveu com as

lagrimas d'amante, com a alegria e cuidados de mãe, e com o soffrimento da alienada.

Foi aqui que mais nos entusiasmou; foi n'este acto que todos applaudiram a distincta actriz!

E eu gostei de vê-la applaudida, porque já tratavam de comparal-a com o sr. Palha, que fizera este papel no theatro Academico.

É sempre mau para a mulher, que cultiva a arte, ouvir este susurro das mediocridades invejosas, que tentam oppôr-se á passagem do talento com que Deus a fadou.

É pessima esta argumentação a *simile* entre os artistas!

Não quero indagar o que os outros fizeram: analyso o desempenho da sr.^a Velloso, e este foi incontestavelmente grande.

O sr. Alves era o amante de Magdalena e depois o pae da criança, que queriam furta para obstar á sua união com ella.

Possuido da parte, que lhe coube, entra em scena só no 3.^o acto, e vem encontrar douda a infeliz Magdalena; — está n'um momento lucido chega a conheel-o: — a scena agrada, e o sr. Alves é feliz no remate do 3.^o acto, quando de espingarda apontada exclama: — «O primeiro, que dá um passo, morre.»

No 5.^o acto torna a apparecer, e funcionando no tribunal de Tolosa, onde seu pae desempenhára as funcções de juiz; é encarregado da causa de Magdalena accusada d'infanticido; a luta principia; o coração diz-lhe que está innocente, mas o receio de falta de provas atormenta-o; tudo isto o sr. Alves faz ver com feliz execução; e o espectador applaude-o pelo merecimento com que desempenha o seu tão difficil papel. Jacintho executa o papel de Lambert, tão conscienciosamente, que pouco deixaria a desejar, se simplesmente o avaliassemos pelo que faz e não pelo que poderia fazer: pôde mais, porque afrouxa?

Pereira (Joaquim) demonstrou mais uma vez o seu largo tyrocínio dramatico, tomando o natural e vivo character de Jorge Landier: Maria Joanna, Carolina de Francheville, teve situações felicissimas, e a respeito de Maria Velloso diriamos mais do que — desempenhou a sua parte, se a não *deslocassem* no papel de — Mariana.

Sentimos tambem a falta de saude do sympathico actor Amaral... não o vimos...

A *chronica* reza tambem de *bastidores a fóra*; e, aqui é onde exactamente nasce a *difficuldade*: a leitora desculpará todavia o *pouco grau do bino-culo* do chronista, se apenas (por falta de vista... é claro) menciona a *pallidez sympathica* da ex.^{ma} sr.^a D. N. que occupava o logar d'honra do camarote 7.^o da primeira ordem, e o delicioso penteado da ex.^{ma} sr.^a D. M. que *destacava*, na frisa do ill.^{mo} sr. Alves...

Deus permita que a companhia do theatro de D. Luiz nos continue a mimosear com recitas, de que só se diga bem; diz-se agora mal de tudo para affastar o raio do Tibur. Agora por Tibur!!

Appareceram, n'estes ultimos dias, dous escriptores que collocam, segundo julgo, a questão — Castilho no Quental — no *seu verdadeiro campo*.

O primeiro é firmado pelo ex.^{mo} sr. Teixeira e Vasconcellos.

Sua excellencia *pede paz*, mas reconhece ao mesmo tempo que para *pedir paz* é necessario que haja *lucta*, *lucta* que não existe, pela *simplicissima* razão de que não ha gladiadores, pois que a eschola de Lisboa não existe, e a de Coimbra sabe Deus quando existirá; existe sim mas no — *typo immenso das gerações futuras*.

Em todo o caso o *lusitanismo da phrase*... o *classico da formá*, e mais que tudo a intenção do auctor convidam a sua leitura.

O segundo é assignado pelas iniciaes S. d'A., e intitula-se — Carta de Boas Festas a Manuel Roussado; — energico na dicção, substancioso na ideia, e desportencioso na fórma, insculpe o *mote*, que deveria ler-se na bandeira da eschola de Coimbra (se ella existisse), quando diz:

D'entre nós nenhum milita
sob as bandeiras d'um cego,
a quem o saber não nego,
mas nego virtude e fé.

* Pobre sr. Roussado!

Que *valvula de segurança* valerá a v. s.^o? Não se sirva da que abriu quando pretendeu salvar o sr. Castilho... senão sobe aos ares com sua excellencia por meio de *gazes*;... e aqui entre parenthesis peço ao sr. Castilho que se não esqueça de commentar n'este sentido esta passagem de Virgilio:

Sic itur ad astra.

Agora vejo eu a *teia em que me envolvi*, pedindo ao sr. Castilho que notasse aquelle hemistichio. Sua excellencia não *lé nada*; diverte-se ouvindo o *coaxar das rãs no seu tanque redondo*, que *tendo-o por dentro riem de Pelletan ás gargalhadas*; *disfructa os poetas*, que com elle se sentam no *banco de cortiça que dá bem para tres*, e escreve ao elegante estylista Camillo Castello-Branco, pedindo-lhe para que o defenda (vid. *Liberdade* n.^o 301).

Emfim esta questão diz-se ser pessoal entre o sr. Quental e Castilho. Se assim é, como acreditámos, nada temos com ella; desejámos com toda a *boa vontade boas festas* a todos, meliores do que as que teve o sr. Roussado, muita alegria, muita felicidade, e fazemos votos para que a *eigarra d'Anaereonte*, á força de cantar, não... esteire.

J. Valle

REVISTA DE COIMBRA

FOLHA BIMENSAL

N.º 3

1 de Fevereiro

1866

DA IMPORTANCIA DA POESIA

MANIFESTADA NOS PRIMITIVOS TEMPOS DA GRECIA,
E PELOS TROVADORES DA IDADE MEDIA

Um mancebo filho de Priamo é recebido na corte de Meneláo, irmão d'Agammemnon, rei d'Argos. Meneláo tem a mulher, que um povo artista adora! Os talentos de Páris, a sua educação distincta, a gentileza de seu corpo, seduzem Helena. São dez annos de fadigas! Ilion é fortificada de muros contra os chefes valentes, e muitos principes alliados que advogam a sua causa! A fome faz estragos no exercito dos Gregos, e os seus navios são frageis para resistirem ao rigor das tormentas. São rechaçados por vezes, mas não ha forças humanas que os possam fazer retirar do theatro da guerra; cahem os mais ousados combatentes; as trevas da noite augmentam o horror da peleja; o dia começa pelas lagrimas choradas sobre o cadaver dos bravos; o aspecto do sangue e da carnificina não os dobra! Troia fica fascinada diante da belleza d'Helena!

Esta guerra teve consequencias desastrosas para a Grecia. Ficou depois entregue á desesperação e ao lucto; as discordias intestinas a desgostaram; as ambições mesquinhas se disfarçaram para comprometterem a liberdade dos povos. Em quanto lá fóra diante d'Ilion, se portavam como bravos, arriscando pela patria a vida, infames no solo natal lhes davam em paga a deshonra, propria dos cobardes. Não era só o opprobrio, mas uma vida de peripecias tragicas e desgraças, que os esperava! Ulysses vaga dez annos perdido sobre as ondas; Ajax perece com a sua frota; homens que tinham servido na causa do seu paiz, como Idomeneo, Philoctetes, Diomedes, Teucro, condemnam-se a um ostracismo doloroso pelas intrigas de que são victimas; Agammemnon encontra sua mulher prostituida, que o assassina, para se entregar aos braços d'um usurpador de seu thalamo e da sua corôa; dentro em pouco desaparecem as familias as mais illustres, e uma nova geração se prepara. Assim como em Roma houve um temor sagrado pelos seus Pena-

tes, assim na Grecia devia acontecer para os descendentes de Cecrops e Danaus, que os tinham encbido de beneficios. A familia dos Heraclidas quando se propoz tomar conta do governo, foi recebida com applausos e enthusiasmo pelo povo. Elles dividem o solo da Grecia. Argos para Temenes; Messenia para Cresphonte; Lacedemonia para Eurysthenes e Proclés. Pouco depois levanta-se a lucta entre os Heraclidas e Codro. Aquelles queixavam-se d'este ter dado asylo aos descendentes d'Agammemnon. Um oraculo diz que será vencedor o exercito em que morrer seu general na batalha. Codro arrisca a sua vida pela patria. Tado propendia para a fóra republicana. Depois de Codro é abolido o nome de rei na Grecia; para memoria eterna, visto que elle se tinha elevado a uma altura inacessivel por um exemplo de dedicação sublime. Medon filho de Codro succede a seu pae; conferem-lhe a dignidade d'Archonte, com a obrigação restricta de dar contas da sua administração ao povo. A raça ia-se cruzando muito de dia para dia. Os Heraclidas tinham importado os Jonios e os Dorianos; novos elementos de discordias intestinas (1). Ella não poderia sustentar-se n'este estado de cousas se não apparecessem tres homens distinctos, de que dependeram os destinos da Grecia por muito tempo, Homero, Lycurgo e Aristomeno.

É d'Homero que me quero occupar. Homero diz Edgart Quinet, é um reformador, como Moyses foi do povo hebreu. A Illiada e a Odysseia foram o seu Deutoronomio. Um povo d'artistas recebeu a biblia da arte não escripta sobre o monte Sinai ao estampido do raio, mas ao som melodioso da cythara de Smyrna. Na sua poesia, que é um todo harmonico, elle reúne pelas mesmas crenças e sentimentos o povo grego, composto d'elementos dispersos.

Esta ideia bella de Quinet precisa de maior desenvolvimentó.

É na moralidade d'esses dous bellos poemas que devemos ir procurar a demonstração da

(1) Esta narração historica é toda tirada de Bartholemy, viagem a Anacharsis, introdução, t. 1.º

nossa these. Ha um plano nos dous poemas d'Homero, que a multidão dos episodios não faz perder de vista. Barthelemy diz a respeito da Illiada e da Odysseia: que na Illiada prova o poeta que os povos são sempre victimas da divisão dos chefes, e na Odysseia, que a prudencia junta á coragem triumpho cedo ou tarde dos maiores obstaculos. Tinha-se passado um anno depois do cerco de Troya. Achilles despeitado com Agamemnon por este lhe ter roubado a sua captiva Briseis, abandona a causa dos gregos, e invoca a colera do céu sobre todo o exercito. Os gregos primeiro victoriosos são obrigados a pedir tre-goas, e a concluir uma paz vergonhosa. São rechaçados por vezes, o medo penetra na militança; julgam a causa perdida; mandam uma embaixada a Achilles, e o heroe immovel cruza os braços ás lagrimas de seus compatriotas!

Morrem os chefes os mais valentes; de balde o exhorta Patroclo, o seu fiel companheiro d'armas, que se decida a tomar parte na causa, e a guarnecer-se das armas d'Achilles, quando vê a armada grega incendiada pelos Troyanos. Achilles toma mais algum interesse, mas não se decide. Só quando Antilocho lhe vem annunciar a morte de Patroclo, o desanimo e a posição desgraçada do exercito grego, é que Achilles vendendo-o perdido toma uma resolução rapida e vò para o combate. Embalde o velho Priamo o aconselha. Heitor é valente. A armadura d'Achilles brilha como o sol, e elle atira-se sobre o seu adversario soltando gritos de raiva. Heitor maneja a lança, mas a armadura d'Achilles repelle-a para longe de si. Pede a Deiofobo um escudo e uma lança, mas o guerreiro não está a seu lado. Julga-se perdido; espumante de raiva lança-se sobre Achilles, como a aguia n'um vôo certo na planície sobre a timida lebre. Achilles, com o seu bello capacete, e a cabelleira d'oiro que Vulcano lhe déra, mede o heroe, dá-lhe um golpe fundo no pescocço delicado, e o divino Heitor cabe por terra (2). Este nas sombras da morte com a voz fraca lhe diz: «Pede-me o que quizeres, ouro, presentes... mas leva-me a casa de meu pae para que elle me preste as ultimas honras a meu cadaver». Achilles, o coração de pedra, exclama: «Inda que Priamo te comprasse a peso d'oiro, a mãe que te deu á luz não chorará sobre teu cadaver! Oh! não ter eu animo bastante para devorar essas carnes, esses membros palpitantes... mas tu serás o pasto dos cães e dos abutres...» Todos os gregos contemplam a belleza do corpo d'Heitor; todos o querem ferir com a sua lança. Achilles manda amarrar o corpo a um carro; e a cabeça do cadaver, pende sem vida, e rola na

(2) Illiada, canto 22.º, trad. de Dugos Montbel.

poeira enxovalhando seus bellos cabellos negros...

O velho Priamo decide-se a procurar Achilles em sua tenda. Ahi beijando as suas mãos homidas, e de joelhos, falla-lhe com toda a ternura e magua de que é capaz o coração d'um pae. Isto veio, por incidente, mas tão bella é esta passagem d'Homero, que não posso resistir á tentação d'apresental-a aos leitores (3):

«Lembras-te de teu pae Achilles? Eguaes aos deoses, da mesma idade, nos approximamos das portas da velhice. Talvez que n'este momento, cercado de povos visinhos, ninguem haja a seu lado, que lhe afaste os perigos e desgraças; mas basta-lhe saber que tu vives, para regosijar-se, e que elle inda verá o seu Achilles que volta da guerra de Troya, para estar contente! Mas eu sou um desgraçado; tinha tambem filhos valentes em Troya; creio que me não resta um só. Eram cincoenta quando chegaram os filhos dos gregos! Dezenove vieram do mesmo seio, e os outros nascidos no meu palacio eram meus filhos, embora filhos d'extrangeiras. Marte m'os foi levando pouco a pouco; um só me restava, e esse era o que defendia a cidade e a nós todos; mas tu acabas de matal-o quando elle combatia pela sua patria! Heitor! Por elle é que eu venho á armada dos gregos, por elle é que eu trago esses presentes para resgatal-o! Venera os deoses, Achilles, tem compaixão de mim, e lembra-te de teu pae! Eu sou mais digno de lastima que elle; eu fiz o que nenhum mortal faria; approximei de meus labios a mão do homem que acaba de matar meu filho!»

(Continúa)

Aleixo dos Santos

A ESTATUA VIVA

(Conto)

IV

Eu lhe digo, leitor:

Acostado tragicamente ao resguardo d'um tanque, que estava ali perto de Margarida, tinha surgido de repente um vulto de mancebo, como obedecendo á evocação satanica d'um mago.

Digo — tinha — porque o caso passára-se no pino do inverno, e, agora, já as amendoeiras começavam a cobrir-se das flores da primavera.

Pelo traje do mancebo, e pela postura pretenciosa e frivola, era facil reconhecer D. João.

— Perdão, minha senhora — havia elle exclamado n'uma intonação fatal — perdão por ousar

(3) Illiada, canto 24.º, trad. de Dugos Montbel.

importunal-a. Não pude resistir á tentação de vir eu mesmo lavar o diploma da minha infâmia, declarando-lhe que assisti, escondido, a tudo o que aqui se passou; e só para me deliciar agora na sua vergonha. O seu amante, senhora D. Margarida...

— Sr. D. João!..

— Descance. Sou muito generoso para sacudir injurias sobre um rival ausente. Para eu ser discreto bastava-me a esperança de que ao menos v. ex.^a — attendendo á minha ultima supplica — irá contar ao sr. visconde d'Aveleda que me consumem desejos de experimentar se uma bala sabe abrir passagem através d'um craneo.

Um terceiro em scena teria rido talvez d'essa farfalhada theatresca. Margarida emmudeceu aterrada.

Os primeiros raios do sol, frouxamente purreados, cahiram n'este momento na face do mancebo, voltada ao oriente. Aos olhos d'ella, toldados por tantas commoções juntas, pareceram laivos de sangue. Fugiu espavorida.

Como é pois que D. João vai encontrar recolhimento no festim do nosso visconde? E, de mais a mais, no esplendido festim do noivado?

Ahi está o que admira ao leitor sisudo, e a mim tambem.

O character do visconde explica o facto. Conhecia a mocidade, que nasceu no fausto embalada por altas tradições de família para, ao desportar da adolescencia, começar de correr aventuras por botequins e lupanares até cair adormecida de cansaço sobre paginas de novellas imaginosas, e suppunha-a para tão pouco que, indifferente á ameaça, recebeu D. Joao, como d'antes, com as maneiras sympathicas em que era prodigo.

Quem sabe se fez mal!

O certo é que o festim corria esplendoroso.

Margarida, como não estaria ella! Tinha em roda de si isso que se diz — a gemma da melhor sociedade —; as suas melhores amigas; seu velho e venturoso pae; e seus dous irmãos: um, que se havia lançado nos escabrosos caminhos da magistratura; outro nas varzeas paludosas do peralissimo; e sobre tudo tinha junto de si o esposo querido da sua alma.

Que mais longe podem ir as ambições mundanas?

Parece todavia mais desmaiada e pensativa. Doce scismar deve ser o d'ella. Scismar interpretado só — cuida eu — em vespera de bodas pelas felizes meninas a quem a sorte deparou um noivo de fôrmas vigorosamente arredondadas, bôcca vermelha, dentes brancos e olhos sensuaes.

Nós, os homens, somos ímpios em excesso para nos ser dado requestrar a imaginativa ao fogo sacrosancto, nutrido por aquellas vestaes.

Ora o que se notava ali era como que um perfume do oriente, recendendo de todo aquelle luxo, o menos europeu possível. Avultava tambem não sei que desalinho, que fazia recordar confusamente a effeminada Roma, a escrava luxuriosa dos imperadores. Petronio nunca imaginára camilhas ou poltronas que mais provocassem paixões da carne; nem Voltaire serviu no Eldorado tão deliciosos acipipes. Baixella d'aquelle greço, digo-o desaffrontado, não circulou ainda em mesa de rei, nem mesmo talvez em banquete de pontífice.

O gosto e a opulencia de Lucullo, e muito mais, desenrolavam-se com ostentação mythologica.

Em duas grandes urnas de metal precioso ardiam gomas aromaticas trazidas da Arabia, que tornavam embriagante a atmosphaera.

Cada civilisação viéra depôr o seu tributo, pois que de tudo encontraria, em agradavel confusão, um espirito analysador.

Pelas innumeradas portas, abertas de par em par, que davam para os jardins, viam os alegres convivas alguma cousa de surprehendente.

Monstros collossaes de bronze, collocados em pedestaes de marmore, lançavam das largas fauces golfadas d'agua pura n'uma vasta represa, toldada de muitas aves aquaticas. E por cima da coma viçosa das lorangeiras e das acacias florentes divisava-se ao longe, no occidente, mar immenso de labaredas, que, reflectidas, tingiam ao de leve a superficie limpida das aguas com a tibia côr do sol poente.

Chegára o festim ao ponto em que o amor do tom familiar para o qual tendemos tanto nós os portuguezes, atropelando o codigo das etiquetas mais frivolas, tinha agrupado, e, por assim dizer, germanado as differentes gerarchias que estavam ali representadas por homens e mulheres, entaladas em espartilhos, veludos, cachemiras, sedas e gazes.

— Porque será — perguntava uma senhora á sua vizinha — porque será que o visconde d'Aveleda está hoje, n'um dia como o d'hoje, mais taciturno ainda do que nos outros dias? Queria que me dissessem.

— Já reparei — respondia a interrogada. — O que eu desejava saber, sobre tudo, é que originalidade é aquella de vir sentar-se á mesa com as mãos escondidas nas luvas.

— Diz-se que nunca ninguem o viu sem luvas.

— É um homem bem extravagante.

— E bem sympathico, não é?

— Sem duvida. Ainda assim havia de ter-lhe medo se acreditasse em nigromantes. Não sei que ar de encantamento se respira em sua casa!..

São distrahidas por elegantes brindes aos noivos.

Tambem D. João se levantou com o copo d'ouro na mão.

Callou-se tudo. Ninguém desconhecia o genio estouvado do mancebo, nem o amor a Margarida e o odio ao visconde, sentimentos, que elle alardeava por toda a parte. D'ahi veio a surpresa geral, seguida do temor de alguma imprudencia, acaso provocada pelos annos e pelo vinho. O barão, aquelle barão, que o leitor conheceu no baile, embalde se fatigou para o constringer a ficar quedo no seu lugar.

Era tarde. D. João exclama com voz ligeiramente tremula:

— Chegou-me a vez de queimar tambem um grão de incenso no thuribulo sancto da amizade. Considero-me feliz. E muito mais porque, esgotando o meu copo, esqueço a costameira de fazer votos pela perpetua felicidade do ditoso par, que aqui festejamos, para ir mais longe; para lhe prophetisar uma longa serie de jubilos e alegrias, iguaes ás minhas alegrias d'hoje.

Sentou-se acolhido de frio silencio. Só os desposados se inclinaram agradecendo, sem que a ironia lhes passasse desapercibida.

— Ah! estão palavras, que me parecem de mau agouro—murmuravam algumas vozes, ao tempo que D. João, pousando sobre a mesa o copo vazio, dizia ao ouvido do barão:

— Encontrei-lhe o travor do absintho.

— Não se desvaneceu ainda esse fumo?.. — pergunta o barão.

— Adoro-a como nunca.

— Desgraçado.

— Ha de fallar-se de mim amanhã. O meu amor é como o dos tigres, que ás vezes — se teem fome — devoram...

O barão não conteve uma gargalhada com que interrompeu o amigo.

— Oh Baccho! — entoa elle na força da hilaridade.

Meia hora mais tarde abriam-se as portas do salão. Ia começar o baile.

D. João, viram-no sair para o jardim, mas ninguem o viu voltar. Algum projecto meditava. Não queiramos porém devassar o que se passa no intimo dos outros. Nada temos com isso, em que pese—conforme diria um bem fallante—aos Torquemadas modernos, que ainda os ha em multiplicadas e furiosas catervas.

O baile não se descreve. Em tempos menos cultos seria tido na conta de milagre; e o visconde nem com agua-benta alcançaria esconjurar a sabida canonisação.

À meia noute estava o salão deserto. E Margarida, derramando lagrimas de pudica... de inef-

favel doçura, abraçou seu velho pae e seus irmãos, que logo se retiraram aos aposentos, que lhes esiavam destinados.

Ao transpôr o limiar do seu encautado aposento Margarida estremeceu, dando com os olhos timidos nos brancos cortinados de fina seda com grandes bordaduras de ouro parissimo, que velavam o mysterioso thalamo. Através das janelas abertas viu a lua no ceu, — infallivel em taes casos — e viu tambem a folhagem compacta do laranjal, recendente ao sopro ligeiro da embalsamada viração:

Coração de virgem, na primeira noute d'amor, enlanguedece por força, preso de encantadoras vertigens, em presença d'estas seducções, augmentadas pela vaga harmonia das esferas, que até essa se percebe então; e distinctamente, ia eu jural-o.

Mas onde está o esposo idolatrado, que não vem cahir-lhe aos pés?

Caso estranho! O visconde, no fundo da camera, inclinado no recosto d'uma poltrona, permanece immovel a curta distancia d'um enorme fogão de estructura particular, firmado n'um plano um pouco inferior ao pavimento. O fogão contém um brazido immenso, que lhe esparge no rosto sinistro um clarão avermelhado. Quem o visse a essa hora e em tal posição julgaria ver resuscitado algum dos alchymistas da idade media para continuar sonhando na transmutação dos metaes, ou no *elixir da vida*.

Margarida adianta-se com timidez.

— Henrique? — murmura ella.

O visconde fica immovel.

— Henrique, meu Henrique? — continua — Porque me não respondes?

— Estava a pensar, Margarida.

— Póde saber-se em que, sr. pensador? — torna ella um tanto ferida no seu orgulho de mulher formosa.

— Conheces a historia de Hero e Leandro?

— Li-a em pequena. Bem me lembro. Mas, que pergunta!

— É que eu estava a encontrar paridade entre aquella historia infeliz e a nossa historia, Margarida.

— Seriamente? Onde está então a tempestade, que nos ha de destruir n'um instante todas as nossas venturas?.. Oh Henrique!

— A differença está em termos entre nós uma sepultura aberta em vez d'um simples *estreiro*. Feliz eu se tivesse só a luctar com as tempestades do Hellesponto! Pobre innocente, que as não ves mais fortes a estalarem-nos sobre a cabeça.

— Jesus! Assustas-me. Que cousa no mundo póde oppôr-se ao nosso amor, póde vir separar-nos?

— Olha — diz o visconde designando sobre um bofete uma garrafa de crystal, cheia d'um liquido esverdeado — uma só colher d'aquelle veneno mata em menos de trez minutos.

(Continúa)

Alvaro do Carvalho.

TANCREDO

POEMA HEROI-COMICO

A C.

CANTO QUARTO

I

Oh Pégaso! oh cavallo illustre e ardido!
Eleva-me á bicipite collina;
Na Castallia o meu canto enrouquecido,
E a cythera, que bronca desafina,
Talvez alcance um tom brando e subido
Com que os feitos celebre d'Erecina:
Mas certas vezes prendes azas d'Icaro,
E temo para mim desfecho picaro.

II

A mãe, dona Violante de Quevedo,
Fallou assim á filha mais gentil:
«Cecilia, eu sou já velha e tenho medo
De deixar-te do mundo aos laços mil;
O lobo carniceiro, ou tarde ou cedo,
O cordeiro devora no redil.
Já te escolhi Tancredo por marido,
Que um amor lh'inspiraste desabrido.»

III

Cecilia, bella moça donairoza,
Que dado tinha a outro o coração,
Ao ouvir esta arenga ponderosa
Julgou morrer de susto e d'afflicção.
Á noute o caso triste, lacrimosa,
Contou ao fero' amante, que no chão
Batendo com o pé, e erguendo a fronte,
Defendel-a jurou do masthodonte.

IV

Passou-se um mez. Tancredo furioso
Dos modos desdenhosos da donzella,
Da vingança no golpho procelloso
Vogava, dando ao vento a panda vela;
Quando, ouvindo um «adoro-te» amoroso
Da menina, que estava na janella,
A passos d'abestrúz desceu á rua,
Meditando uma scena horrenda e crua.

V

Enlevados nos extasis d'amor,
Não viram os dous pombos o lapuz,
Que, abusando das trevas, com furor
O joven atacou sem dizer buz.
O pobre, atordoado, já sem côr,
Da vida por perdida tinha a luz,
Quando um grito da bella, como espora,
Ao pendido valor lhe poz escora.

VI

Tal como o tigre ataca o touro errante,
E nos lombos lhe crava as garras duras;
Tal o moço gentil á voz d'«avante!»
Ao rival se lançou com mãos seguras.
Era um quadro medonho e horripilante

Aquella briga horrenda, e ás escuras!
No chão já se não via em toda a parte
Senão dentes sem queixo, oblos a-Marte.

VII

Aos gritos de Cecilia, que morria
Ao ver os dous amantes aos pinotes;
Aos apupos da turba, que corria
Formando aqui e alli varios magotes;
Surgiu (oh! caso raro e d'alegria!)
O bando da policia com archotes.
O chefe viu a scena e tremebundo
Mandou-os para um carcere profundo.

(Continúa)

João Pehha.

A L. A. J. A.

Eu vou deixar-te, Beatriz querida,
Quando vem adorar-te as lindas flores
Da primavera, do prazer, da vida.

Outro ceu velará nossos amores,
E a minha alma sem ti, desfallecida
Perde os teus suavissimos alvôres.

Á noute da infinita soledade,
As horas do amargoso desalento,
As lagrimas da intima saudade;

São agora o continuo sofrimento
Á magua minha a triste anciedade,
O adeus do ermo seio, o meu alento,

Lembra-me ainda aquella tarde amena,
Em que tu no meu braço reclinada
Em suave emoção em doce pena,

Passeavas na relva matizada,
Sorrindo tristemente á luz serena,
Nas sombras do poente desmaiada.

Sentia que a tua alma ingenua e pura
Na magua scismadora, se elevava
Á saudade, que o nosso amor procura,

E depois como a pomba se voava,
Não vendo o ninho seu em noute escura,
Á aza alva da esperanza te quebrava.

Mas quando o sol ainda desparzia
Fios d'ouro no valle e na campina,
E a paizagem florente nos sorria;

Como a tua belleza peregrina
Á lympha namorada se revia
Irmã gemea do lirio e da bonina!

Só por te ver passar a flor mais bella
Desvelava as folhinhas, escondida,
No perfume exhalando amores d'ella.

E as aves a essa voz estremecida,
De quem não vê na terra a sua estrella
Gemiam um adeus de despedida.

Que doce tarde, amena, suave e triste...
Como a nuvem do ocaso desmaiando
Passou, porque a ventura não existe.

Anjo mimoso, agora em ti sonhando
 Ai se me lembro ainda como viste
 O sol sobre a montanha declinando!

Tu dizias: «assim na soledade
 «Desmaiara a rosa dos amores,
 A luz do coração, a felicidade;

Depois d'esta alegria tristes dores,
 O pungitivo espinho da saudade,
 Do sofrimento as descoradas flores.»

E alvas camélias sobre o teu cabelo
 Viçavam, como a estrellas em noite escura
 Afagando-te o rosto ainda mais bello...

Era a grinalda d'uma virgem pura,
 Alvo sonho do céu, candido anhele,
 Uma esperança de pallida ventura.

Essa esperança, filha, has de guardal-a
 No intimo do peito docemente
 Como o sonho do ceu, que nos embala.

Porque o amor, que a minha alma por ti sente
 O doce aroma da esperança exhala,
 E ha de viver por ella eternamente.

F. Guimarães Fonseca.

SONETO

Eis o primeiro verso d'um soneto,
 O segundo não fica no tinteiro,
 Com a mesma pennada — eis o terceiro,
 E só d'outro depende este quarteto.

De não ficar no quinto ainda prometto,
 Pois o sexto lhe dou por companheiro;
 Salte o setimo já para o poleiro,
 Em quanto que na forja este outro metto.

Nem se diga que o nono é côxo, ou manco,
 Que nem corre parelhas com o decimo,
 Nem que o fim do terceto fica em branco.

O difficil agora está n'um éssimo...
 Mas, se livre fiquei d'este barranco,
 O soneto — coitado — acabou pessimo!

S. d' Azevedo.

À NOITE

A celeste Beatriz desvelava-se em dar-me as
 delicias, e os encantos da sua formosura: e eu
 adormecia no regaço da bem-amada, e os sonhos
 do paraíso batiam-me na frente com as suas azas
 d'ouro e purpura.

Quando a puríssima Diana acordava do seu
 leito azul, e mostrava o candido rosto, coroado
 d'estrellas, os mais doces raios do seu olhar vo-
 luptuoso desmaiavam no collo de Beatriz, sua-
 vemente cingido pelo meu abraço.

Assim em todas as noites formosas nós voas-
 setmos ao luminoso céu dos prazeres divinos!

Porque será que o verdadeiro amor, esta ancia
 da união das almas no dulcissimo beijo, e no
 suspirado abraço, melhor abre a urna das suas
 graças, e chega aos labios o calis do seu nectar,
 quando no azul profundo do céu as lucidas estrel-
 las docemente espalham os raios do sereno albor,
 e a voluptuosa deusa, através da nuvem dia-
 phana, mostra os fulgores do seu branco dia-
 dema?

Porque mais languido é um gemido, exalado
 entre os perfumes dos roseirões em flor, por onde
 serpeia e murmura a crystallina fronte, que vai
 adormecer brandamente nas brancas dobras do
 seu leito prateado, o lago onde se banha a ca-
 belladura luxuriante de Diana, e onde se reflecte
 o raio dos olhos formosissimos de Venus?

Sente-o quem andou pelos meandros de jardim
 florente, na primavera, ao lado da sua amada, e
 a cada flor colheu um beijo, a cada estrella um
 suspiro, a cada sombra um estreitado abraço, a
 cada raio da lua um sonho do céu, um devaneio,
 e a cada solitario recosto, em banco de cedro, ou
 em verde musgo de mysteriosa gruta, mil beijos,
 mil abraços, e mil suspiros.

Sentia eu este amor ideal por Beatriz, em per-
 fumada noite de primavera, vagueando sosinho
 com ella, nas mais umbrosas veredas e sombrias
 estancias do amenissimo vergel, ora sentados na
 verde alfombra, a ouvir em doce extasi o divino
 gorgeio da ave da noite, ora segredando em sus-
 pirado colloquio as deliciosas harmonias de nos-
 sas almas puras.

Limpida como o azul d'aquelle céu era a ter-
 nura de nossos corações; não havia ainda no fer-
 voroso anhele de tão suave amor senão o sacro
 fogo d'este sentir sublime, que nos inspira o de-
 sejo de approximar o anjo de Deus, e de ver nos
 olhos d'elle o fulgor da eterna luz, e de gostar nos
 seus labios e no seu abraço o beijo em suspirada
 ancia da união das almas para o gozo infinito.

A candida Beatriz descêra da nuvem branca do
 santuario da sua innocencia, para se dar toda
 ás minhas caricias, sem que as azas do anjo se
 maculassem, ou a sua rosea tunica do pudor ce-
 leste brilhasse menos esplendida ao voluptuoso
 luar entre o arvoredado, sob as copadas tilias, nos
 odoríferos kiosques, ou na escondida gruta, onde
 apenas penetravam tenues reflexos da luz dos
 amores.

A pureza e a innocencia, alliada á elevação do
 seu espirito, bem lhe mostrava, que podia dar
 aos labios do seu amante as entreabertas rosas
 da sua mocidade, sem que o halito do mal as
 desbotasse, ou com se desvelarem aos olhos
 d'elle perdessem o viço e a formosura.

Ai n'aquella noute, voámos ambos, nas azas da poesia do céu, por imaginados deleites, libando todas as doçuras do amor divino.

Maria Alexandrina.

O SACRIFICIO

II

Eu disse-lhe o meu adeus de despedida no dia do seu infeliz noivado. Fui chorar para o seio da minha soledade, e passei n'aquelle ermo as primeiras agonias da minha vida.

As arvores do meu parque, plantadas por mim para nos darem frescura no estio, eram sem folhas nem verdura.

As aguas do lago sahiam para fóra do seu recinto, e quebravam as vergontes das roseiras e alastravam de limo escuro aservas do jardim. As aves não cantavam no bosque deserto, e um céu carregado e luctuoso cahia sobre minha cabeça em flocos negros e humidos.

O vento zania sobre o telhado e fazia tremer os vidros das janellas da minha casa solitaria.

As tardes do inverno são tristes, quando o sol se não esconde sob um céu azul e limpido, nem a luz crepuscular esmalta d'um esplendor suave os troncos despídos das arvores. A noute tomamos então de improviso, e cerra-nos a imaginação a todas as doçuras do extasi. Não ha o devanear da melancolia, em que o espirito vò suavemente pela serenidade da natureza, nem o maginar languido d'uma alma, que sonha illumiada pelos ultimos desmaios do sol.

Entre o umbral da minha porta, tremendo com o frio aspecto da minha solidão, tremendo com o frio abandono da mulher que eu amava, e fui percorrer uma a uma todas as recordações da minha perdida felicidade.

Quando li a sua ultima carta, em que ella me dizia os ultimos momentos de sua mãe, e vi o nome de Margarida quasi apagado com as lagrimas, que sobre elle cahiram no meio dos apertos d'aquelle coração, corri como desvairado até ao angulo da sala, e fitei com um olhar de louco a imagem da viciima do piedoso sacrificio.

O seu rosto era apenas illumiado pela tenue claridade, que espargia o bruxulear da luz, no meio da sala; o seu olhar melancolico parecia volver sobre mim n'uma languidez triste e suave, que me calava o amago do seio; a sua bôcca entreabria-se n'um sorriso breve e meigo, que me chamava para os beijos do amor; a sua face levemente pallida era ensombrada com o desfallecimento da luz, e ia-se escondendo na meia-escuridão, como se quizesse fugir á adoração extatica do seu amante; destacava-se d'entre os seus ca-

bellos compridos a grinalda de lirios, que eu lhe pozêra, quando pretendi estampar na tela aquella cabeça formosissima; o seu longo vestido preto dava a todo o quadro um aspecto triste, e não sei se lugubre, que me fazia medo.

Olhei para todas as partes, como se receiasse que alguém do mundo viesse interromper-me no meio da minha fervorosa adoração, e cahi de joelhos.

Passaram-se horas entre aquelle meditar amargurado, e quando me levantei, encontrei-me no meio das trevas.

A luz apagára-se de todo, e eu fiquei preso ao pavimento da sala, como se mão invisivel me estorva-se o movimento.

Correram então pela minha cabeça ideias estranhas e terriveis. Eu comparei a escuridão da minha alma á escuridão da noute, e duvidei de Deus e da providencia, e perguntei-lhe pelos dias de felicidade, pelas horas da minha ventura, que eu passára junto d'ella, estreitando-a ao coração entre as ancias do meu amor purissimo.

Desfallecido, extenuado, recostei-me no meu leito, como o agonizante. Foi uma noute eterna aquella que eu passei com as imagens da minha finada ventura a escaldarem-me a cabeça, com a desesperança dos meus presentes soffrimentos a rasgarem-me as entranhas.

Solucei o nome de Margarida com os meus gemidos, e o silencio da minha solidão horrorosa abafava-me todos os prantos.

Aos primeiros alvares do dia fugi da minha casa para não mais voltar a estes sitios, que me lembravam a mulher, que eu não deya tornar a ver.

Mas o coração mandava-me, que fosse ainda uma vez espriar as minhas amarguras pelos retiros que tinham escutado os nossos segredos, pello valle onde tinhamos colhido as primeiras flores, no olival onde escondêramos as nossas lagrimas, e na cruz onde rezáramos as orações primeiras.

E eu fui. Não pude vencer-me, que me parecia deixar o coração partido por todos esses logares, que tinham sido testemunhas da nossa felicidade.

Ai de mim! comigo ia o anjo da morte e do martyrio a guiar-me os passos para ella.

(Continúa)

F. Guimarães Fonseca.

CHRONICA

A ordem chronologica pede que eu falle, primeiro que tudo, do beneficio do sr. Apollinario no theatro de D. Luiz.

Representou-se o — *Coração de pae*. A plateia estava regular: os camarotes quasi todos cheios.

Sobresahia, porém, a *sympathica* sr.^a F., flor que, vivendo em céu diferente, veio ornar a galeria de D. Luiz com a pallidez da sua face e com a formosura de seus negros olhos!

Era um quadro, que destacava no meio de tantos.

O cabello, artisticamente penteado, afigurava-se-nos vaporosa corôa, posta ali por mão da arte, para o realce da *sympathica* alvura do rosto: — olhei-a, e pensei na Allemanha...

A cabeça era um nevoeiro capillar: pendiam-lhe vastos flocos de densa cóma.

A nuvem do Thabor devia ser assim.

Interpretei o penteado.

Temos sidos accusados de *nebulosos*, e de *intelligíveis* por quem tem tido ao menos a habilitade de entender-nos, aliás não nos responderiam; e a sr.^a F. que em cada academico tem um culto, quiz recompensar a *sympathia*, que lhe tributámos, trazendo um distinctivo que denunciasse o lado a que pertencia e o partido que abraçava.

A época vae de symbolos: é assim que eu entendi aquelle.

Intelligente, como é, veio dizer-nos: «amo a vossa escola, siga-a» e adornou-se com o emblema natural das caprichosas madeixas, e apresentou-se como enigma decifrador!

Fique pois sabendo a leitora, que, se já foi moda fallar com a *luva* e o *leque*, agora está em uso fallar com os penteados: e eu peço licença para traçar duas linhas sobre o systema.

Mulher de grandes rolos á Stuart, muito chatos, é conservadora, reage ao progresso, segue a escola do Castilho, não gosta de cauda: tem um namorô antigo; quando principiou a amal-o usava o cabello assim, e por palpito não muda, com receio de que seja mau agouro, que venha presagiar a sua morte.

Mulher de rolos para baixo, mas muito lisos, e muito lustrosos, á custa de banha branca, é apologista do meio termo; se não amou, quer amar; se não traz a greuha levantada é pelo medo da alcunha de douda. Se não é inepta, aproxima-se.

Grande mala no lugar do pente, preguiçosa; mulher, que, para se não cançar entrouxa o cabello, sem cuidar do enfeite posterior; gosta de ser vista e admirada; mas nunca se mexe, temendo o desgrenhamento..., etc., etc.

Ia-me esquecendo, por causa das cabeças das mulheres, de narrar os factos theatraes.

O *Coração de pae* é um drama, que sempre ha de agradar pela moralidade, que ensina, e sobre tudo quando é bem desempenhado como este foi.

Todos os actores se distinguiram; Apollinario, porém, de tal modo se houve no seu papel, que bem podemos dizer ser este o que o tem feito mais admirar; é um verdadeiro *pae* e sempre a mostrar o bello coração que tem.

Repetiu-se, tornou a agradecer: deram-nos tambem a Magdalena, e nós tornámos pela terceira vez a applaudir a Carlota e o Alves.

Está-se ensaiando o Casal das Giestas — e a Rainha Sancta; espera-se grande affluencia; corre como certo que as freiras de Sancta Clara assistem á recita.

O theatro Academico deu tambem duas recitas.

A 1.^a foi o concerto d'Arthur Napoleão, Casella e Noronha: não sei como os hei de louvar; só sei que me pareceram admiraveis; o que elles fizeram foi maravilhoso.

Era aqui o logar proprio de fazer muita poesia, de fallar muito da arte, de mostrar assim predilecção por um dos concertistas; peço licença para não proferir palavra sobre tal, e de não apresentar o meu juizo.

A segunda recita foi dada por alguns academicos, juntamente com o jovem Hernani Braga.

Admirei tambem a criança, e espantou-me tudo o que fez.

Os academicos levaram á scena: *a historia d'um pataco*, comedia n'um acto, que se o bom desempenho dos actores a fez realmente valer, em si não vale um *pataco*; quanto gostei da segunda: *a primeira representação*, quanto desgostei da primeira; tive a franqueza de o dizer a alguns actores, e oxalá que o distribuidor nos dê comedias como a segunda, e não se lembre de pôr em scena outra igual á primeira.

O meu amigo Faustino Sarmiento vae em breve publicar uma imitação d'um drama francez *«Le chemin le plus long*, com o titulo: — Sem penitencia não ha céu »

Cabia aqui um pomposo elogio; sei que a imitação está bem feita pelo que me dizem, e espeço em breve que m'o lerá; depois direi o que penso.

Sabe amanhã outra *carta* com o titulo a *Litteratura ramalhuda* em resposta ao sr. Ramalho Ortigão, com as iniciaes — G. F. — a respeito ainda da celebre questão «Castilho ferido d'aza.»

Consta que no Entrudo alguns academicos vão a Lisboa parodiando a *escola de Tibur*: — apromptam-se os fatos a toda a pressa: não deve ser feo não ha quem queira fazer de Antonio Feliciano.

Nem pintado, diz o rifão.

E este nem mascarado o querem imitar.

Já é gloria de originalidade! A impossibilidade do typo é o caracter da especie primitiva.

Saude a todos.

J. Valle

Expediente

Os srs. assignantes de fóra de Coimbra podem remetter o valor da sua assignatura, em estampilhas, á Redacção da — REVISTA DE COIMBRA — rua do Corpo de Deus, n.º 53. — Preço da assignatura, por um trimestre, 360 réis.

REVISTA DE COIMBRA

FOLHA BIMENSAL

N.º 6

15 de Fevereiro

1866

A ESTATUA VIVA

(Conto)

V

Os vinhos extrahidos das uvas sazoadas nos luxuriosos vinhedos de Chão e das margens pitorescas do Rheno a par dos deliciosos vinhos do Porto, Xerez e Madeira, deslisando nos copos; as pedrarias serpejando nos seios alabastrinos das mulheres; as nuvens olorosas derramadas pelos recortados tectos; as sedes d'amor inflamadas por olhos humedecidos ao volitar de pecaminosos e turbidos desejos; a alegria da formosa dónzella, que tremula, de anciedade, espera o momento em que possa revolver-se delirante nos braços do homem, que soube vencel-a; toda essa harmonica variedade, que poderia realizar as celestiaes aspirações d'um bom mahometano, ateuo no espirito conturbado de D. João quanto de extravagante pôde center um pesadêlo em noites de febre.

Correndo de taça em taça em borbotões de espuma, feria-lhe o vinho espumante a vista incerta como se fóra espadanar de sangue.

E bebia, bebia sofrego, incansável. Mas quanto mais bebia, mais crescia a sede.

Margarida era o nome, que de continuo lhe perpassava na mente enferma, era o nome que lhe contrahia os labios e que a garganta enrouquecida não ousava desprender.

Negrões e repetidos pensamentos nasciam, atropellavam-se, lutavam no interior d'aquelle craneo, por debaixo dos compridos cabellos loiros, que, frouxos, lhe pendiam sobre os hombros como abundantes floeos de seda.

Foi n'esse tempestuoso deliramento que elle deixou a mesa do banquete para, cambaliante, ir mitigar a febre nas flacidas moitas dos jardins.

La receioso da multidão. Cuidava que todos os olhos lhe soletravam n'os d'elle os lugubres pensamentos de sua alma. Queria ver-se só, que lhe não envenenassem viboras mundanas as lagrimas, reprezadas.

Era um excellente rapaz este D. João. Gene-

roso e amante não o havia mais. Tisnára-lhe porém o halito quente da sociedade as mais bellas flores de sua leal natureza.

E não se tome isto como fastidioso monologo de maúdo moralizador. A sociedade, sim senhores, foi a sociedade, que estiolou com suas evaporações calidas a delicada efflorescencia d'aquella bella alma. Viu-o rico, galhardo, franco e pedulario, e abriu-lhe os seios fetidos, e prostituiu-se ás paixões do moço millionario.

O dinheiro escorregava-lhe por entre os dedos sobre as mezas alcoolisadas dos cafés, sobre o leite enxovalhado das perdidias, sobre o empoeirado labyrintho do disturbio; e os folhetinistas galantes, os futeis da moda, alguns homens do estudo mesmo, applaudiám cupidos, lisongeando-lhe os vicios.

O prostibulo, voragem que a lei sanciona, foi a arena borrifada com o vinho de suas primeiras proezas. Cançado emfim de se estorber na crapula, no humido chão do lupanar, volvéu os despertos appetites para a recatada burguezia.

Se lhe resistia a innocencia, a palavra dinheiro, pronunciada com voz anhelante por labios torpes, abandonava o pudor aos soltos caprichos do mancebo. E muitas foram as envergonhadas pequenas, que lhe venderam a virgindade em beijos frios, em diluvios de sentidas lagrimas.

No entanto D. João augmentava em audacia. Os fallados triumphos sopravam-lhe o demonio da vaidade. Era á elegancia de seu porte, segundo elle, era á doçura de suas fallas, e não ao ouro derramado, que devia as brilhantes conquistas. Assim parecia ás vezes, com effeito, porque, entre a fina hollanda e preciosa téla de brandos e custosos leitões, de frequencia o esperavam tambem beijos aristocraticos, corpos em que a provocadora nudez ostentava á luz da esmaltada lampada, azuladas veias entumecidas de generoso sangue de gothica raça.

Não era por certo — elle o dizia — não era o dinheiro, que lhe abria os portões dos opulentos palacios. Tudo devia á graça de seus requebros, á louçania de seus donairés.

Enganava-se. Mentia-lhe o amor proprio.



Nas classes superiores, como em todas as classes, é um e o mesmo o alvo a que se faz calculada pontaria; é uma a ideia culminante. O homem, que se refestela em encarquilhados titulos de fidalgo e capitalista, tambem não tem duvida em dizer á consorte nas expressões da sua conveniencia, como o homem do povo na aberta linguagem das privações, não tem duvida em dizer-lhe, deitando olhar obliquo sobre a descuidada filha: — D. João é moço de subido merecimento. A par de colossal riqueza, tem um dos mais fidalgos braços. Bom casamento, na verdade, bom casamento para uma menina honesta.

E em seguida apresenta o moço ás senhoras. A menina cõra. D. João deseja. O pae indigita-lhe, matreiro, o casamento da filha, e sahe em cata do primo marquez com o cheiro n'uma saborosa partida de xadrez.

Mal acostumado, como estava, suppunha o mancebo utopia a pudica resistencia n'uma mulher; suppunha-a flexivel a seus carinhos como a junça ondulante ao sopro morno dos ventos. Margarida, porém, incumbiu-se de vingar o afrontado sexo. Com o desdem assanhára a vaidade do mancebo, e infiltrára-lhe no peito, vasio de crenças, o mais perigoso dos sentimentos — o amor capricho, que, á maneira da ebullicão, põe em alvorço as fezes adormecidas no fundo esterquilinio das humanas paixões. A inveja, o odio, o desespero, a insomnia, a vangloria, precipitam-se em redemoinho como satellites d'aquelle nefando e frivolo amor. D'ahi á loucura é escorregadia a estrada.

D. João, depois de absorvidas torrentes de vinho, recordava como um sonho baralhado, para elle, o lacerante tripudio no fabuloso banquete.

Repousára a cabeça n'um feixe de trepadeiras que se atiravam em festões vigorosos aos enfeitados ramos d'uma olaia, e deixára pender o corpo sobre a areia fina tapisada de esfolhadas petalas. Os olhos entreabertos demorava-os, absorto, no clarão irradiado dos salões illuminados. E as sombras voltejantes, que se desenhavam ao longe, em ondas de gaze, no crystal de espelhos, d'alli percebidos no fim das salas, julgava-as ethereas e sylphidicas visões. As ondas sonoras das afastadas musicas reboavam-lhe no tympano como lamentaveis e prolongados suspiros. Por outro lado embalavam-n'o os trinos do rouxinol, fluctuantes no cerrado laranjal. Mas tudo isto não fazia senão avivar a dôr d'aquelle pobre alma em penas.

Ter vinte annos sem conhecer appetite irrealsavel; ser orgulhoso e voluvel, e ver-se condemnado ao supplicio de Tantalos; sentir a alma manchada no viver de alvorçados desvarios, exaltada de repente n'um sentimento puro; amar

então, e ser repellido; e amar com mais força ainda, de raiva, de vergonha, por capricho; e querer afogar esse amor, agora impossivel, querer afogal-o em vinho, é comprehender a angustia por que passava D. João.

Margarida era venturosa, quanto o pôde ser uma formosa filha d'Eva. Bem o sentira elle, que a contemplára com a voluptuosidade da panthera, que espreita a appetitosa rez; elle que lhe medira os movimentos, a intensa morbidez dos olhos, a intumescencia dos seios brancos, o descorar dos labios.

Quizera, mas não podia duvidar; o visconde d'Aveleda era amado com todo o faminto impulso d'um peito virgem, em quanto elle, o herdeiro infamado d'um celebrado nome, alli tão perto, contava na effervescencia da imaginação, na febre de seu delirio, o pressuroso arfar dos corações amantes sem poder quebrar os laços, que os uniam para sempre!

E que os quebrasse? Não lhe coubera, em partilha o desprezo?

D. João chorava, chorava de humilhado. Na falta de commodas barbas, arrepelava os cabellos como um tyranno de dramalhão, medindo a superioridade que lhe levava o visconde.

Faltava-lhe a tristeza do rosto, a dignidade do gesto, a suave melancolia da palavra, e, sobre tudo, aquella mysteriosa sombra, em que se envolvia o visconde, que é para o sexo curioso uma tentação irresistivel.

Que era elle, D. João? Um moço efeminado, doudo, leviano, de labios frescos e olhos bonitos, amante de vinhos e de mulheres, aventureiro, sonhador; era o que são muitos rapazes, o que todos podem ser.

Que rumo era o seu? qual o seu destino? Abysmou os olhos pelas trevas do futuro e julgou ver, como n'um espelho nigromantico, as horas, os dias, annos, lustros, cahindo placidos uns sobre outros, monotonos, sempre os mesmos. Encontrou-se no fim, quando menos o cuidava, no despertar de immundas sensualidades, encanecido, velho. Fitava triste o passado e admirava-se de ter vivido. Era um triste sonhar aquelle. Não via uma pegada na areia movel do caminho, que marcasse sua passagem. E perguntava, suppondo-se, com effeito, desperto na decrepitude, perguntava — para que vivi?

Pensava no suicidio.

— Se a minha vida futura ha de assimillar-se á que levo passada — suspirava o moço — vivi de mais. Experimentei o gôzo, compulsei as amarguras. Estou saciado. Aspirações de gloria, aspirações generosas, em que ouço fallar tanto, não me prendem ao mundo, nada me prende, morrerei.

Mas um sopro da esperança vinha então, ao de leve, refrescar-lhe o espirito, e aspirações nunca sentidas douravam-lhe por instantes a requentada imaginativa.

É que o illudiam passageiras crenças, que, se fossem duradouras, operariam um milagre de reabilitação. O que pôde a mulher!

Assaltava-o esse borbulhar d'ideias, em quanto se contorcía, n'uma agonia mortal, no frio leito, que o acolhéra. Era tarde e bem tarde quando se ergueu vacillante. Tinha sede. Gemiam em torno multiplicadas fontes. A répreza parecia uma grande lamina de estanho cahida no regaço de pampanosas verduras. Descia a lua perpendicular sobre as aguas. Aquella formosissima solidão tinha comtudo não sei que pallida frieza de cemiterio; coava nas veias alguma cousa de pavoroso. Sentia-o D. João quando, curvando-se, bebia.

Mas porque estremece como tomado de subito terror? O desgraçado era victima de algum pesadêlo infernal. Do fundo do liquido crystal notou que se destacavam imagens monstruosas e horrendas, que não despregavam d'elle os olhos immoveis, inertes, brilhantes como de reluzente metal, e quasi ao mesmo tempo vibrou-lhe aos ouvidos argentina gargalhada. Quiz fugir, mas prendia-o como que um poderoso magnete.

Breve porém reconheceu envergonhado a fraqueza supersticiosa, que o dominára. As imagens não eram mais que estatuas do jardim, que se retratavam na face limpida das aguas.

Quando em nosso espirito acalentámos por ventura um negro pensamento, negros e feios vemos os objectos, que nos circumdam. Um espirito candido em tudo descobre rosas e perfumes; phantasmas e perseguições o que se rojou nos cuidados do crime.

A verdade d'essas palavras sopeou-a D. João.

Mas a gargaliada, aquella gargalhada, que lhe soára aos ouvidos como solta do cicciar das brizas, ou dos labios de setim de alguma fada invisivel, d'onde viria ella?

Talvez das salas do baile. Para lá voltou o moço a escandecida fronte.

Quebrára-se o encanto.

Como um templo em que, depois da festa e das harmonias mysticas do orgão e dos supplices canticos, se estende pelas naves immensas melancolico e funereo silencio, assim nos doutados salões, ha pouco banhados de luz, agora, fechadas as escuras janellas, descêra sepulchral silencio.

D. João despediu um guincho de espanto como o do cerdo ao sentir-se nas garras do lobo, e o pulou desnortado, pelo theor e fórma, porque Diniz, no Hyssope, faz pular, em certo picaresco transe, o deão d'Evora, clamando — vingança!

É que tinha sériamente meditado uma historia de sangue. Medira o esforço de sua alma e sentira que lhe quedava bem o nome de assassino. Qual será a victima escolhida para o cruento holocausto?

Chegára o terrivel momento.

Coroadas de brancas flores, similhando adornecidas pombas, erguia os valentes ramos para uma janella do palacio uma odorosa magnolia. A seu tronco estava arrimado um homem com olhos chammejantes mergulhados, através d'essa janella ainda aberta, na escuridão interior. Era D. João.

Estava alli como um fragmento de granito, firme, sem respirar, mas febril e ardente.

Soára a hora fatal em que, não longe d'elle, iam unir-se, consubstanciar-se n'um corpo só dous seres, que o infeliz quizera ver separados pela incommensuravel distancia d'um tumulo; dous venturosos, que entre suspiros, caricias, contorsões e beijos, iam, nús de trajos e de maguas, celebrar celestiaes mysterios do noivado...

Pobre D. João! Que assanhada lepra te lavrava o peito!

De repente jorraram lá dentro raios de luz brilhante, e susurraram passos inquietos.

O mancebo apertou a desvairada cabeça nas mãos tremulas. Pulava-lhe o coração na ancia febril.

Recalcada um tanto a desesperação endireitou-se ameaçador. Lampejára-lhe na mente uma ideia atroz. As janellas, que agora resplandeciam abertas, podiam ser trancadas em pouco tempo, e então a esperada vingança teria de se reprezar ainda uma noute nas lavas de seu craneo. Mas não. Era impossivel. N'uma noute perfumada como aquella, em que a natureza se desprende em harmonias, em que as auras susurram, beijando as folhas dos arvoredos, em que as fontes suspiram e as aves cantam; n'uma noute d'amores, noute como aquella, é estreito o recinto d'uma camara para duas almas, que, fundidas, vão erguer sensuaes oblatas aos pés da amorosa deusa. Não, as janellas permaneceriam abertas.

Assim pensava o mancebo, quando a leve sombra d'uma mulher se esboçou transparente no marmore d'um muro fronteiro. Era certamente a ingrata, que afanosa corria aos ferventes beijos do cubicado esposo.

— E eu, desgraçado — murmurou D. João — só, sem luz, sem esperanças, só, cercado de trevas e d'abysmos...

Deslisou-lhe a afflicção n'um riso. Recalcou novamente a dôr, e, com mão segura, apegou-se ao tronco da magnolia, atrependo por ella com

movimento arrastado e ligeiro, como de serpente. Apertou contra o peito o cano de suas pistolas, sacudiu os orvalhados cabellos, e sumiu-se na folhagem.

Então mil aves, acordadas na verde guarida, esvoaçaram assustadas, e fugiram soltando pios, até se perderem no desmaiado do luar.

(Continúa)

Alvaro do Carvalho.

Dá-me esses lábios, filha, em doce beijo,
Abre os teus seios nús em meigo abraço,
Une-te ao meu suspiro, em brando laço,
Dá-me o pomo, que vela o amor e o pejo.

Eu amo-te, açucena desmaiada,
Nas esperanças d'este sonho triste;
Etherea pomba o vôo desferiste,
E cobriu-me a tua aza immaculada.

Lambe-me os seios d'alma o fogo eterno;
Luz d'intimas doçuras me arrebatá
Lá onde em céus e nuvens se retrata
Teu rosto, o teu olhar, teu riso terno.

Põe-me no coração a suave flamma
Do teu amor n'um beijo docemente,
E verás como esta alma de repente
Toda, toda, em teu seio se derrama.

Has de morrer comigo assim unida,
«Doce morte d'amor, gôzo celeste,»
Assim unida, filha, que me deste
Morte mais doce do que a eterna vida.

Inclina para mim teu alvo rosto,
Descobre os seios, abre-me um sorriso,
Esmoia, como á tarde, em alto viso
Esmorecem os raios do sol posto.

No mar se esconde o astro do infinito,
E tu, alma de Deus, sua obra pura
Has de no mar da eterna formosura
Banhar-me coração d'amor afflicto.

Ancia do teu amor, alma querida,
É como a ancía do mar, da luz, do céu!
Rasga d'amor o escondido véu,
Abre-me o seio da celeste vida.

F. Guimarães Fonseca.

SONETO

Dormes, pallido amor, a escura nave
Cobre de sombras teu olhar piedoso;
Doce, doce, me fôra o triste gozo
De assim dormir; a noute é mais suave.

Encanta o dia a peregrina ave?
Solta no valle o suspirar mavioso,
Quando o sol bebe as lagrimas, sequioso
Da flor que a luz do céu em prantos lave?

A luz da vida em lagrimas banhou-te,
E o raio do infinito, astro da morte,
No teu berço d'estrellas coroou-te.

Sorraste emfim á venturosa sorte;
Nuvem da tarde a lua illuminou-te,
Pallido, amor, adeus, sê tu meu norte.

Maria Alexandrina.

O SACRIFICIO

III

O vento frio da manhã havia dissipado as nuvens negras, que ensombrevam o céu. No fundo do valle via-se a branca neblina destendida como um tapete alvissimo. Os raios do sol começavam de colorir a franja do horizonte com tintas de ouro e rosa. Era uma bonita manhã de inverno.

O meu coração contrastava aquellas galas da natureza, porque não havia a luz do meu sol, que viesse esplender com seus fulgores no fundo da minha tristeza.

Passava como insensível por todo esse acordar das dulcissimas harmonias da terra, e impellia-me, mau grado meu, força occulta ao theatro da minha condemnação eterna. Entrei n'essa capella, onde os remorsos do coração me trazem hoje a verter lagrimas de sangue sobre o meu desgraçado amor.

Margarida orava na sepultura de sua mãe.

Aquelle rosto pallido, onde desmaiava a saudade e a triste esperança, acompanhada de amargosa resignação, vinha gravar-se no meu pensamento, como uma visão melancolica a irradiar em sonho amoroso com desfallecimentos e ternuras.

Quando ella volveu os olhos sobre mim, tinha o lume de sua pupilla ensombrada pelas lagrimas uma côr de reprehensão suave, e de doçura triste que me sustava a respiração e a vida.

Sabi com aquella imagem internada em minha alma, e levei-a para o meu desterro como o fanal de minhas amarguras.

Os primeiros mezes passaram-se para mim envoltos n'esta escuridão da vida, que não consente que o infeliz fite uma estrella no céu, nem abraçe uma consolação na terra.

O livro do sancto penitente absorvia-me todas as horas.

Havia muita saudade e muita compunção nas minhas cogitações intimas, quando eu lia aquellas paginas d'uma poesia sanctissima, que se casavam com as minhas desventuras. E eu levei a minha cruz por dias amargos, sem que me doessem os hombros, nem me enfraquecesse o animo; e velei as minhas angustias com as trevas de mi-

nhas lagrimas, sem que a noute me despenhasse no abysmo da impenitencia: mas por fim a força sobrenatural, que me sustentava esmoreceu-se pouco e pouco, e eu cahi como o mais fraco dos homens. E nem sequer medi a altura do precipicio: se eu ia offerecer victimas em holocausto a minhas desesperanças... Que importa ao coração do homem, egoista e mau, a desventura dos outros?

Margarida transformou-se-me n'uma visão horrosa.

Vel-a todos os dias e todas as noutes nos braços d'outro, embora o amor os não abrisse como se abriam os meus a abraçar a sua sombra, que esvoaçava diante das minhas agonias; ouvir os seus gemidos de ternura que eram gozados pelos beijos d'outros labios, sorrindo-se talvez da febre que me queimava os meus; amal-a sempre, sempre, e não poder mitigar o fogo de minha alma com o esquecimento d'ella, que me apparecia em todos os logares, em todos os instantes da minha vida...

E eu vivia! se a vida é este labutar incessante com as penas d'uma angustia infinita.

Na lenta agonia da alma e do corpo ha d'estes paroxismos febricitantes, em que se deseja quebrar as algemas, e desprender o martyrio de sobre as carnes turturadas: porque se a atonia gera o desfallecimento, se a noute da existencia é sempre noute escura, e não apparece o radiar da esperança, a sua luz bemfazeja, o inferno geme debaixo do peso do nosso corpo.

Porque não tirou Deus para longe do homem o genio do mal que o domina?

Porque deixou no horto da provação da vida a tortura do pensamento?

Desde então tive só um unico desejo: — ver Margarida, amal-a, e possuil-a para sempre. Se o não conseguisse espedaçava o meu coração diante d'ella, e deixava-lh'o como a herança do seu remorso eterno.

Passou-se assim o dia de meus annos e d'ella entre milhares de recordações amargosissimas, que vinham escalear-me a cabeça, e verter-me o fel no coração.

As primicias de nossos affectos, despertados pela infancia do mesmo berço; as doçuras dos nossos primeiros beijos amimados com a fragrança das flores da nossa innocencia; os segredos do nosso futuro suspirados com as auras da tarde nos logares que viram os nossos sorrisos, e amaram as nossas illusões; todos estes sonhos da ventura passada vinham em cardumes escurecer a luz do meu espirito.

Eu despertei d'este lethargo tormentoso ao receber esta carta de Margarida, primeiro bruxulear da esperança ao meu coração desventurado, e

primeira mensageira das desgraças que iam pesar para sempre sobre mim. Guardo-a na memoria, porque foi a primeira e a ultima vez, que Margarida chorou *comigo* as amarguras do seu passamento.

«Eu lembro-me sempre... dizia ella. Á derradeira vez que me viste, offerecia eu ao Senhor de nossos corações as longas desesperanças, para que Deus pozesse na cabeça de minha mãe a corôa das perpetuas flores, que se compram aqui com a corôa dos espinhos, que me entrelaçaram na minha grinalda de esposa. Eu não sei se a Providencia precisa das nossas lagrimas para nos dar a felicidade, mas o que eu sei é que para mim não a ha na terra, apesar de ter soffrido muito. Hontem era o anniversario do nosso nascimento: lembrei-me das festas que nós faziamos ambos, das esperanças que sonhavam, da ternura com que nos deliciavamos entre os nossos innocentes folgares, e partia-se-me o coração a cada uma das imagens da nossa finada ventura. Eu pergunto por ti a todos estes sitios por onde tu passaste, meu irmão, e elles estão mudos e tristes como a minha alma. Despertam-me as lembranças do teu amor, mas não me mostram a tua face, espelho das minhas alegrias de então.

Meu marido não sabe a que attribuir a febre que me vae defecando pouco e pouco; nem a memoria de minha mãe consente que eu lhe mostre a causa de minhas tristezas. Queres que te diga, meu irmão; parece-me que não morreria tam cedo, se a mão do destino, ou da fatalidade, não tivesse plantado no intimo do meu coração a pobre flor dos nossos amores. E agora, que sinto que o tempo da minha provação me vae fugindo a passos arrebatados, não sei porque, desejava viver, e tenho medo da morte. E aqui não ha a esperança de poder viver para ti; ha apenas a dedicação ao martyrio, e a gratidão pelos beneficios, que elle me tem feito.

Quem sabe se eu o poderia amar ainda?

Se a tua imagem me não acompanhasse sempre... sempre!

Sê feliz, e esquece a que não pôde ser tua

Margarida.»

Quando acabei de ler esta carta tive uma ideia criminosa. Eu soffria por ella e por mim.

Aquelles queixumes internavam-se-me no coração, como ferro candente.

Desejava vel-a antes de morrer, abraçal-a, dar-lhe a outra metade da minha vida, para lhe salvar a sua; porque eu pensava, e queria pensar, que ella assim não resistiria á sua dôr.

Havia quatro annos que eu estava separado d'ella, e as muitas amarguras d'esta separação

tenham-me provado o animo paratodos os commettimentos.

Depois de longo combate entre o amor e a consciencia, venceu o genio do mal.

(Continúa)

F. Guimarães Fonseca.

CHRONICA

Duas palavras sómente ás nossas amaveis leitoras. Duas palavras apenas, que tempo não terão ellas de nos dar cinco minutos d'attenção. Mal chegam as horas do dia para as graves preocupações da *toilette*.

Passou o Carnaval do anno de 1866. Jazem já nos carros de lixo os tremoços, feijões, e cêra das laranginhas, que alcatificavam essas ruas, e os prosaicos inquilinos já fizeram passar o implacavel pincel do caiador por essas pinturas de gema d'ovo, que adornavam o frontispicio das mais elegantes casas. Acabou esse innocente e delicioso prazer de atirar ovos ás janellas, que n'este anno foi elevado á perfeição. Casacos, paletós e vestidos ficaram gravemente feridos nos diversos combates, e alguns de todo pereceram; muitas vidraças desabaram em ruínas.

A policia da civilisação é uma policia tyranna, que impede tão innocentes brinquedos. Progredi, esperançosos mancebos; para o anno que vem, descalçae as ruas, e atirae com os calhaus, que fazem mais estragos; e se isso ainda for pouco, matae os passageiros á queima-roupa com tiros de pistola, que ainda é mais divertido.

Estamos bem persuadidos que as nossas leitoras de bom gosto não tem saudades dos ovos e cabacinhas, mas sim dos dous deliciosos bailes que no ultimo Carnaval tiveram lugar em casa do ex.^{mo} sr. conselheiro Adrião Forjaz.

Estamos na estação dos bailes, d'este viver das damas, d'este *oasis* dos janotas, d'esta idade d'ouro dos namorados. Se vivessemos no tempo da Arcadia, diriamos que as frechas do *Deus vendado* é então que vibram os seus doces golpes, em muito peito magoado, e os corações ternos e apaixonados *ardem sobre a pyra fumegante* da mãe dos amores.

Como vivemos no prosaico anno de 1866, primeiro depois da *fusão*, e no seculo das grandes operações financeiras e carvão de pedra, diremos que mais d'um *inquilino* amoroso, terá mudado de domicilio, isto é, de coração; porque assim como o Natal e o S. João, são o tempo de se pôrem escriptos nas casas, o tempo de pôr escriptos no coração é o dos bailes. E não nos alcunhem de cynico por explicar por uma allegoria frisante o doloroso factio que se dá, na nossa sociedade.

A constancia é uma virtude *fossil* e archeologica; morreu como o patriotismo romano, ou como a honra cavalheiresca da idade média; passou de moda como os pós, os rabichos, as casacas de seda e os espartilhos de ferro.

Convençam-se d'esta verdade social (para seu governo) as donzellas, que ainda conservam as illusões poeticas da infancia e das novellas, embora as preciosas matronas da idade média ponham o seu *veto* hypocrita á lei que traduzimos do grande codigo dos costumes humanos. Todavia as que forem constantes, maior virtude mostrarão n'este seculo de volubildade. Excepções d'esta natureza são uma grande gloria. Aqui está o auctor d'este artigo que é firme como a *rocha tarpeia*. Ainda não teve em toda a sua vida senão vinte e sete paixões e meia (de diversos feitios e qualidades). E em cada uma d'estas, a deusa dos seus pensamentos, era a mais formosa, e a mais discreta de todas as damas presentes, passadas e futuras.

Corria ligeira a estação do inverno, sem que Coimbra sonhasse em bailes.

Corria, mas não era muito alegre: porque quando ha bailes a estação corre como o clarão d'aurora boreal, que brilha e desaparece logo, como um sorriso de mulher, como um amor de poeta.

Effectivamente a estação dos bailes (quando os ha) é um sonho, um clarão, um amor, um sorriso, e até uma pirueta! E passo a provar. É um sonho porque dorme a nossa vida real, a vida das amarguras, das provações e dos desenganos, quando nos arrojàmos ás brilhantes illusões d'um baile, com a alma embebida n'uma ideia de venturas phantasticas (de olhares encantadores e de tableiros de doce), e o corpo entalado nos limites d'uma casaca preta e d'uma gravata branca, como o pensamento de repentista nos quatorze versos d'um soneto arcadio.

A estação dos bailes é um clarão, porque á sua luz se patenteiam encantos, que a imaginação de Byron sonharia apenas, paixões que morreriam solapadas no parapeito d'alguma janella, ou na esquina de alguma rua, e até madeixas de cabello, que jazeriam no sepulchro com os defuntos a quem pertencem, se os bailes as não fizessem passar do funebre jazigo para as mãos de mestres Anastacio, ou Barata, e d'ahi para as fronte radiantes de muitas e mui respeitaveis matronas semi-seculares.

Tambem é o amor a estação dos bailes, porque sem elles a maior parte dos janotas não se dariam ao trabalho de amar, preferindo talvez a este entretenimento *moral*, o innocente passa-tempo do jogo do bilhar, ou do loto em qualquer *café*.

Amor sempre haveria, porém não era esse amor romantico começado n'um baile, nascido n'uma contradança, e acabado ás vezes... sabe Deus aonde. O amor é a vida das bellas, os bailes são a vida do

amor, e mesmo se querem o amor—é o grande baile da vida. D'onde nós concluímos que o amor, os bailes, e a vida se combinam de todas as maneiras imagináveis, fazendo uma trindade indivisível de tres cousas muito distinctas... mas infelizmente nenhuma verdadeira, porque segundo dizem poetas e moralistas: a vida é uma chimera, o amor é uma illusão, e o baile é uma impostura.

Mas que temos nós com poetas e moralistas, fazedores d'utopias para os habitantes da lua?

Vamos indo aos bailes, antes que venha a quaresma ou o *cholera morbus*. Falta-nos demonstrar que a estação dos bailes é um sorriso e uma pirueta.

De que é um sorriso ninguem duvida, estamos mesmo inclinados a dizer que é uma gargalhada. E que é a estação dos bailes senão uma pirueta? a pirueta dos trens d'aluguer em torno das casas de baile, dos cabelleiros em torno dos janotas, das janotas em torno das modistas, dos namorados em torno das namoradas, das namoradas em torno dos espelhos, dos espelhos em torno das toilettes, e das toilettes em torno da imaginação dos papás que as pagam, e que, unicos n'este turbilhão irresistivel, se conservam fixos sem fazerem piruetas.

Cada estação tem seus encantos e mimos. E tambem as noutes d'inverno os tem. É então que sopra o norte agudo por essas ruas, e os transeuntes, como phantasmas em cemiterio, rapidos passam amortalhados nos seus paletós felpudos e desmesurados capotes. É então para os salões de baile que convergem os encantos e as alegrias.

Embriaga-se o peito docemente com o suave calor das luzes e dos perfumes, os ouvidos com os sons da musica, e os olhos com a vista formosa d'outros olhos que lançam fogo, de labios que sorriem, de lindos collos descobertos que arfam, e que nos encantam. Quem poderá não ser poeta quando se lembra d'estas scenas deliciosas? E quem não conserva d'ellas uma grata recordação?... uma palavra meiga?... um doce olhar?... a davida d'uma rosa, que roçou um casto seio, e que nós beijámos com frenesi?

O que é n'un baile? Sejâmos physiologistas por um pouco. Contemplemos essa mó de pares que se cruza e se abraça, como a serpente da legenda, que se arremessa com o impeto febril d'um furacão!

Reparemos n'essas flores, n'essas luzes, n'esse brilhantismo!

Admitemos um pouco a rainha do baile, que a todos espanta, a todos captiva, e a todos talvez despreza... e que diremos de tudo isto? Que é um lugar onde se goza um mixto de prazer e penas, de alegria e pezarés.

Mas com todo este palavreado lá me ia esquecendo d'aquillo que principalmente queria mencionar. Quero fallar dos bailes do ex.^{mo} sr. conselheiro Adrião Forjaz. É tão raro em Coimbra um

acontecimento d'esta ordem, que o seu annuncio é sempre saudado com grande jubilo.

Foi o primeiro baile no dia 10 do corrente, para festejar o anniversario do ex.^{mo} sr. conselheiro.

Pelas 10 horas da noute estava reunido no salão um grande concurso de damas e cavalheiros. Começou então o baile com todo o calor e entusiasmo, prolongando-se até ás tres horas e meia da madrugada. O serviço foi abundantissimo, e feito com admiravel regularidade e profusão, reinando a melhor ordem no divertimento, e uma certa alegria inseparavel da satisfação que a gente sente quando se vê rodeado d'amigos, e mais que tudo de damas galantes.

E ha quem ouse dizer que em Coimbra ha poucas! Que o diga quem esteve no baile do ex.^{mo} sr. Forjaz, que o diga eu, mencionando os pares com quem dancei, e especialmente n'aquella contradança em que tive a dita de ter a meu lado um anjo de rara formosura, e de outro lado um anjo não sei se mais formoso ainda!

E pareceu-me tão breve o tempo que passei n'aquelle cen!.....

Não ha bellezas! Oh se as ha!... mas não são para mesquinhos bardos! Ora eu resigno-me, e não faço como a raposa com as uvas a que não podia chegar; e os outros... não sei, nem quero entrar nas intenções alheias. Pois o que era a ex.^{ma} sr.^a D. M. do C. F. com aquella sua toilette toda vaporosa, simples e elegante, senão uma encantadora sylphide? E D. M. J. F.?

A sua *mise* era toda modestia e simplicidade, sem olvidar as regras do bom gosto. Parecia uma *walkir*.

Tambem se tornava notavel pela sua elegancia e minuciosa escolha nos adornos, a brilhante toilette da ex.^{ma} sr.^a D. L. F.

Igualmente se distinguia o brilhante e incomparavel penteado á grega da sr.^a D. G. A. Não posso deixar no esquecimento a sr.^a D. E. M.

O delicioso penteado que a adornava, as pretas madeixas a oscularem-lhe o bem torneado collo, aquella graça natural e o sorriso que constantemente lhe adejava nos labios, davam-lhe a apparencia d'essa fada, que tanto nos maravilha nos contos das mil e uma noutes.

Não passarei tambem sem fallar da elegantissima e brilhante toilette e penteado da sr.^a D. F. XI, e da belleza angelical das sr.^{as} A. A.

Que bella reunião! Que bella galeria de senhoras bonitas, que riqueza d'ornamentos, que profusão, delicadeza e variedade de serviço! Lembrou-me, presenceando aquellas maravilhas, a scena do festim da opera Mac-Beth, parecendo-me que estava n'um palacio encantado, no meio de feiteiras beldades, ou no extasis de um sonho delicioso, capaz de inspirar um sceptico.

A amabilidade com que os ex.^{mos} srs. Forjazes receberam os seus hospedes excede a toda a expressão; todos sahiram penhorados da cavalheira recepção, feita por tão delicadas personagens.

Mas ainda aqui não vae tudo.

Os ex.^{mos} srs. Forjazes são incansaveis em arrancar Coimbra do abominavel *statu quo*, em que jaz habitualmente.

Logo se annunciou outro baile para segunda feira 12.

Mas d'esta vez era um baile em costume. A maior parte das nossas leitoras coimbricenses não carecem por certo d'estas noticias, porquanto se acharam ao nosso lado n'aquellas noutes, e frouxa tem de ser a imagem da realidade, quando a descripção não pôde deixar de ser restricta.

Ha contudo algumas senhoras que não viram estes bailes, e a ellas é especialmente destinada esta chronica. Dissemos especialmente, mas não foi bem.

Exclusivamente é que deve ser, porque não queremos levar a dôr e a saudade ao sensivel coração das leitoras que assistiram aos bailes, recordando-lhes esses momentos de prazer, que passaram rapidos como o relampago.

Não podemos aqui deixar de lamentar a teimosa persistencia das damas em não apparecerem vestidas tão propriamente como exigia o baile para que eram convidadas.

O baile redobraría de brilho se as senhoras se desenganassem a vestirem-se em costume, o que muito contribuiria para realçar a sua belleza.

Mas enfim a belleza sempre é belleza, e n'este baile tornou-se altamente notavel a da sr.^a D. B. V. Era inquestionavelmente a rainha do baile.

A sr.^a D. M. do C. F. era a sympathia personificada. O bom gosto do seu vestuario, as suas delicadas maneiras, aquelle encantador sorriso de felicidade que constantemente lhe demora nos labios fazem d'ella uma seductora creatura. Não deixaremos no olvido a sr.^a D. M. I. F., que a todos captiva com a sua belleza, acompanhada d'uma innocencia e modestia inexcitaveis.

E aquella pomba branca, vaporosa creação de Shakspeare, a sr.^a D. E. M.? É uma formosura divina, que faz a felicidade das creaturas com um seu terno olhar. Aquellas madeixas soltas no cóllo, os deliciosos requebros quando walsa, tornam-na arrebatadora. A espirituosa senhora D. F. X. tinha um penteado verdadeiramente artistico. Esta senhora possui o precioso segredo da elegancia, e arte de agradar. Mencionaremos tambem a sr.^a D. M. da P. I. na classe das mais belias, elegantes, e bem vestidas. As sr.^{as} F. F. são realmente umas creaturas muito amaveis. Possuem além da sua não vulgar formosura, uma instrucção e espirito menos vulgar ainda.

Via-se ali a bella estatua do soffrimento! No meio de todo aquelle folguedo um coração havia que pensava n'outras cousas.

A sr.^a D. M. do C. bella entre as mais bellas, não folgou n'aquelle divertimento geral; pensava na irmã querida, cujos dias estavam contados.

Pelo que toca aos cavalheiros não podemos deixar de collocar acima de todos o sr. J. V., que trajava um elegantissimo costume veneziano. Foi n'esta noute o predilecto das damas. Com effeito o sr. V. a uma delicadeza extrema junta uma amabilidade e uso de sala como poucos. A mim me disseram algumas senhoras que o sr. V. n'aquella noute não tinha rival.

I. F. era um Mephistopheles, mas em miniatura; se bem que não sabemos porque idade orçava o personagem infernal que I. F. representava. Com tudo não estava feio.

C. F. era um pagem bonitinho, mas um pouco livre.

S. B. trazia um elegante e riquissimo costume a Luiz XIII, que terminava por uma bota ainda mais elegante da mesma época.

A. M. de S. tambem se distinguia pelo seu lindo traje a veneziana, mas melhor ficaria, se em logar da capa preta a trouxesse branca.

A. F. andava rigorosamente vestido á republica. Aquella cabelleira ficava-lhe a matar. Era sobre modo elegante quando walsava com aquelles requebros tão voluptuosos, que o tornam um gentil mancheo.

A. I. ha de ser sempre o lindo A. I., e nem agora desmerecia a sua belleza com o simples costume que trazia.

De resto muitos dominós e costumes á sevilhana, que são sempre o refugio dos afflictos.

Foi pelas duas horas da manhã que o baile tornou-se delirio.

Aquellas quadrilhas *extraordinarissimas* e o galope final arrebataram-n'os a alma para um mundo todo delicias, onde de certo nos acompanhou a das galantes damas que então foram nosso par.

São dignos do todo o louvor a ex.^{ma} sr.^a D. Leonarda Forjaz e o ex.^{mo} sr. conselheiro Adrião Forjaz, não só por tirarem Coimbra do lethargo em que jaz, mas porque firmam com a sua esmerada delicadeza a alta posição que occupam na sociedade.

Coimbra 13 de Fevereiro de 1866. Ignacio.

Expediente

Os srs. assignantes de fóra de Coimbra podem remetter o valor da sua assignatura, em estampilhas, á Redacção da — REVISTA DE COIMBRA — rua do Corpo de Deus, n.º 53. — Preço da assignatura, por um trimestre, 360 réis.

REVISTA DE COIMBRA

FOLHA BIMENSAL

N.º 7

15 de Março

1866

DA IMPORTANCIA DA POESIA

MANIFESTADA NOS PIMITIVOS TEMPOS DA GRECIA,
E PELOS TROVADORES DA IDADE MEDIA

Quem poderá contestar a moralidade d'este poema, pela exaltação do amor da patria, pelos exemplos aproveitaveis, pelos conselhos maduros, e filhos da experiencia, n'uma época em que esse povo se desmembrava pelas discordias intestinas? Na Odisseya Ulysses vaga dez annos perdido sem poder abordar á sua patria. Números pretendentes dissipam-lhe os bens, concebendo alguns o projecto infame d'assassinar Telemaco, e obrigar Penelope a contrahir novas nupcias. A esposa d'Ulysses illude-os dizendo que tem d'acabar um tecido, para que o heroe Laerte morrendo (elle que tinha possuido grandes riquezas), tenha ao menos um lençol onde repouse!

A aranha arma as suas teias n'esse leito solitario; dia, e noute Penelopeahi vem derramar as suas lagrimas em vão. Tanto tempo corre depois do cerco de Troya, e Ulysses á mercê dos ventos e dos mares está longe de seu paiz natal! Telemaco parte em busca de seu pae: Vae a Pylos, Lacedemonia interrogar Meneláo, e Nestor sobre a sorte d'Ulysses.

Este, depois de muitas vicissitudes, attinge a patria dos Pheacianos, que ouvindo os seus infortunios, enchem-no de presentes, e dão-lhe um navio que o leva á ilha d'Ithaco. Ahi encontra-se com Euméo seu servo fiel, que o reconheceu; Telemaco tambem ahi se acha por essa occasião. Ulysses dá expansão á sua alma atribulada com seu filho, mas exige-lhe que elle nada faça constar da sua assistencia na terra do nascimento, muito menos de seus intentos. Entra na cidade: Minerva o guia, e com sua vara magica o faz tornar á velhice, para que elle d'este modo possa facilmente subtrahir-se á vista dos pretendentes. É introduzido em casa de Penelope; Euryclea sua ama o reconhece pelo signal d'uma dentada de javali; mas pede-lhe que guarde silencio. Sob os andrajos do miseravel, ressumbra no velho uma grande alma pelo arrojo, e intrepidez das

suas façanhas. Conscio do que se passava em volta de si; com astucia, e prudencia, espera a occasião solemne da vingança!

Sonda o coração de Penelope, esse thesouro precioso de castidade, difficil, e raro como a virtude.

Pela descripção que o velho faz do thalamo nupcial, Penelope se deixa convencer de que é seu esposo quem falla. Festas, e alegrias no palacio; tudo em volta d'elles rejuvenesce para o amor, para a felecidade; Ulysses vê-se no meio de transportes e lagrimas, ligado á sua esposa por um abraço que deve ser eterno! Aplacam-se os odios; a alma quieta e serena deleita-se em doces confidencias. É então que Ulysses, sentindo-se embalado pela felicidade nos braços da casta esposa, conta essas aventuras que formaram o tecido mysterioso da sua vida (1).

«Começou por dizer como vencêra os Ceconianos; como foi bater com seu navio ao paiz dos Lotophagos, tudo o que supportára do Cyclope, e como vingára os valentes companheiros que esse monstro devorava sem piedade; falou na sua derrota pelo reino d'Eolo, que o acolheu d'um modo affavel, e poz á sua disposição os meios para continuar a sua viagem, apesar do cruel destino que não deixava ver a sua patria tão cedo; que as tempestades de novo o arrastaram pela immensidade dos mares.

Expoz como arribára ao vasto paiz da Lestrygonia, onde naufragaram as suas embarcações, e pereceram seus bravos companheiros; como escapou só com um navio; narrou os encantos de Circe, a sua ida ao reino de Plutão para invocar a alma do Thebano Terésias, como vira seus amigos velhos, a mãe que o dera á luz, e cuidára da sua infancia; como ouvira a voz melodiosa das sereias, como navegára por esses rochedos solitarios entre os abysmos de Sylla, e Charybides, (voragens medonhas que os homens não podem evitar sem perigo); accrescentou mais o quanto tinha sido funesto o terem seus companheiros immolado os bois do sol; que Jupiter

(1) Canto 23.º, traducção de Dugos Montbert.

fulminára seu navio, restando elle só; recordou-se da sua permanencia na ilha d'Ogya habitada por Calypso, das promessas da nympha que lhe dava immortalidade se elle fosse seu esposo, dos presentes com que ella o considerára, e da sua firme resolução. Por fim relatou como depois de tantos trabalhos, os Pheacianos bondosos o receberam; as honras d'immortal que lhe tributaram, os presentes d'ouro, e ricas alfaias que lhe deram, com um navio que o trouxe ás saudosas terra da sua patria.»

Que faz Homero? Exalta o amor da patria, a grandeza d'esses heroes, e lança em rosto a infancia de seus compatriotas, que ultrajaram tão indignamente esses bravos do cêrculo de Troia; archiva esses feitos que hão de ser um monumento precioso da sua historia; abre as paginas d'esse evangelho immorredouro que os ha de ligar; o ideal da familia, da religião das crenças, das virtudes civicas tudo ahi está escripto com caracteres de fogo pela imaginação d'um poeta na imaginação da Grecia.

Tal era a utilidade d'essas duas grandes obras, que Lycurgo as mandou copiar, fazendo com que ellas se popularissem pelos rapsodos; porque não encontrava ahi só um bello devaneio d'imaginação, mas um monumento precioso de moral, e philosophia, que sustentava com mais solidez os principios da sua legislação. Solon continuou no mesmo pensamento, publicando uma lei para que esses poemas não fossem alterados. Pisistrato, Hipparco renderam tambem homenagem ao genio d'Homero, mandando compilar pelos grammaticos diversos fragmentos que existiam espalhados. No lar, de cidade em cidade, em todas as festas, por toda a parte, se escutavam os cantos d'Homero, e os povos deleitavam-se ouvindo-os, porque elles fallavam da sua origem, e da sua grandeza.

Alcixo dos Santos

A ESTATUA VIVA

(Conto)

V

Agora que a minha auctoridade de verdadeiro contraregra de theatrinho aldeão chamou convenientemente a postos os exquisitos personagens, que hão de figurar no presente capitulo, voltemos ao ponto em que deixei os suspirosos noivos na critica posição de todos os noivos.

Avalia-se, não se descreve, o alvoroço de Margarida em face de baralhadas suspeitas, mais e

mais condensadas pelas fataes palavras do visconde.

Que horrivel linguagem era aquella, com que a acolhia o esposo, no momento em que toda se absorvia na morbidez de um requintado affecto?

Se acordasse d'um sonhado paraíso, entre as ensanguentadas mãos de enraivecido carrasco, que a arrastasse sem dó pelos ignominiosos degraus de um patibulo, por certo não sentira a donzella mais pavorosa surpresa.

Para que negros pensamentos, pensamentos de morte, quando ella, esquecida como nunca da fragilidade da materia, se arroubava ditosa no antegosto de incognitos prazeres?

Voavam-lhe nos alquebrados membros repetidos calefrios de susto. Como magnetizada prendêra attonitos os olhos no visconde, e, então, n'aquella frieza de estatua, embalde procurava o attractivo, que a tinha captivado.

Não sei o que lhe viu nas mudadas feições. É certo porém que, apavorada, longe de se avisinhar, como ainda ha pouco, se afastou opprimida de supersticiosos terrores.

— Foges-me, Margarida! — diz elle com dolorido accento — Amarguras-te de me ver a teu lado! Devia ser assim. Como eu te quero não o sabes tu. Não sabes como o moribundo ama o ultimo dia da existencia que lhe foge.

— Ama-me! Não me dizem o contrario tuas palavras, teu halito gelado, a gelada atmosphaera, que te circunda? Eu mesma sinto-me repassada de frio, e de...

— E de medo.

— E de medo, sim; e de medo, que não sei explicar.

— Quebrou-se bem depressa o encantado prisma, que me mostrava a teus olhos sem os traços carregados, que a desgraça sulca na fronte de seus escolhidos. E todavia ainda se não rasgou o espesso véu, que me salva do escarneo, do teu escarneo...

— Henrique, Henrique! Sinto que se dá entre nós alguma cousa de muito extraordinario. Perde-se-me a cabeça em mil estranhas conjecturas. Encontro-te na immobildade do cadaver. Diz-me quem és, quem tu és, Henrique, que eu não sei conhecer-te...

— Nem queiras. Basta saber que sou uma pobre alma, em busca d'um corpo, que me abrigue; um coração ardente n'um peito gelado como a pedra d'uma valla funerea. Vi-te, debil creatura, através das lagrimas que me empanavam a vista; e, tal qual sou, cuidei que minhas cruciantes penas poderiam encontrar refrigerio nas tuas consolações. Aparecias-me com a auréola divina da mulher superior em volta da tua bella cabeça. Não era muito que te supposesse capaz

de lavar, sem repugnancia, com os balsamos do amor minhas leprosas e sangrentas chagas. É que aos grandes desgraçados nunca deixou de sorrir, na insomnia de suas noites, uma imagem de mulher. Ahasverus lá encontra a redempção de seu triste fadario na candida Rachel. Eu entrevia-a em ti. Julgaste-me tu pelo que parecia, e não de certo pelo que eu era. Venceu-te a apparencia, que mais d'uma vez nivela o vicio com a virtude. Amas-te-me. Ai que longa serie de gozos me veio do teu amor, Margarida! Quiz declarar-te tudo. Não pude. Tive medo que se desvanecesse n'um sôpro a minha angelica visão. E só agora reconheço que te sacrifiquei, que te arrastei talvez na minha queda, infeliz!

— Na tua queda!!

— Mas não. Conservo a ultima esperanza. Se a perder já te mostrei o veneno que escolhi. Deixar-te-hei viuva e virgem; e rica, muito rica. Das multidões, que, famintas, se hão de atropellar á entrada do teu palacio, podes eleger um esposo, que te mereça, que te dê na terra venturas do céu. Não chores, anjo...

— E eu tão innocente, tão descuidada!.. Só sabia das minhas queridas illusões. Como poderia suspeitar que o homem, que me escravizava!.. E que fosses, no teu passado, um grande criminoso, Henrique?! As lagrimas, que te regam as faces, não significariam arrependimento e absolvição? Bem sinto que te commoves...

A bôcca do visconde escancarou-se, como a desmentil-a, n'uma satânica gargalhada. Margarida tremeu até á mais recondita fibra.

N'este tempo ouviu-se lá fóra um estalido, que tanto poderia provir d'um ramo secco quebrado violentamente, como d'uma pistola armada por occulta mão.

A assustada menina correu á janella. A lua permanecia serena, prateada, no recurvado firmamento. As aves esmoreciam em trinados nas franças das olorosas selvas. Só se havia erguido certa desinquieta aragem, que balouçava os arvoredos de tal sorte, que a coma lustrosa da magnolia quasi roçava na janella.

— Diria que ouvira... — murmurou ella. E interrompeu-a nova contracção de terror.

Uma lufada de vento acabava de entrar na camara, e a lâmpada de alabastro, suspensa de rico velador, crepitando, quasi a apagar-se, difundiu phantastico clarão pelo rosto do visconde, que se destaeava inerte n'um fundo avermelhado pela chamma sacudida do gigantesco fogão.

— Criminoso, disseste tu, Margarida—exclama o visconde d'Aveleda, pesando a palavra que ella proferira.—Enganaste-te. Fui sempre honesto e virtuoso. Não, não estou manchado de crimes. Antes estivesse, que traria, quando muito, o meu

castigo no fundo impenetravel da consciencia. Mas viveria, pois, através do ouro, crimes não os vê a sociedade; e, se os vê, respeita-os.

— Que labyrintho!

— Horrroso! exclamou, proseguindo em tom de expansiva ternura — vou ser franco, é tempo. Vem, Margarida, minha esposa, vem para ao pé de mim. Reveste-te de toda a tua coragem e escuta.

— Falla, falla!

— Lembras-te d'uma promessa, que me fizeste, trasbordando affectos, comb agora tremendo de de receio, promessa que eu aceitei?

— Se fiz tantas promessas!..

— Muitas, por certo. Filhas de leviana exaltação. Pois bem, entre essas todas, prometteste seguir-mé ao cemiterio, se lá fosse minha morada...

— Virgem Sancta!

— Esqueces?—continúa com voz cavernosa— Mentiste?.. Labios d'anjo não mentem. É teu esposo, que te estende os braços...

— Mas quem és, quem serás tu?

— Vem perguntal-o ao contacto do meu corpo inanimado e frio como o de um defuncto. Receias?

— Oh Henrique!

— Vem.

— Desfalleço. Não posso mais. Tenho medo. Se ao menos fosse isto um sonho!

— Adivinhaste. Isto é um sonho. Podes voltar para casa de teu pae. Eu não sou um homem.

— Pois que és, desgraçado?

— Uma estatua.

Por absurda, que parecesse a resposta, acompanhára-a tão firme accentuação de verdade, que só de si fóra bastante a enrodilhar tres sabios e um compendio de logica, e sobre tudo o mais incredulo e chegado parente de S. Thomé.

Não é pois de estranhar a credulidade de Margarida, que logo, em continente, sem acordar da mal ageitada surpresa, viu que as luvas do visconde, pela primeira vez arrancadas, lhe deixavam as mãos a descoberto. O mesmo foi que vergar-lhe sobre os joelhos o corpo alquebrado, e suffocar um grito na garganta. As mãos descarnadas, que a estreitavam, eram feitas de marfim.

— Desmaias? — exclama elle na força do desespero — Que é da coragem, que me promettias? São todás assim as mulheres: Amante, seguias-me ao cemiterio; esposa, horrorisas-te de meus afagos, porque me não encontras calor nos membros, porque sou uma estatua. E a cabeça, que harmonisou estrophes, que te embriagaram, é esta mesma, que agora repelles. E os labios, que avivaram nos teus ancias de beijos com segredos, que tu decoravas, para os repetir sonhando, para acordar repetindo-os, são os meus. Eu sou ainda

o mesmo, que era, se me derem a perda esperança do teu amor. Que te falta, mulher? Aqui me tens. Vaes ver.

Fez um movimento. Resoaram estalos como de molas. Horror! Sobre a poltrona cahiu um corpo mutilado, disforme, monstruoso. Pernas, braços, os proprios dentes do visconde, brancos como formosos fios de perolas, tombaram sobre os feludados tapetes da Turquia, e perderam-se nas dobras de seu *robe de chambre*, que naturalmente se lhe desprende dos hombros.

O infeliz era um phenomeno, um aborto estu- pendo, que, em nossos dias, valeria muito di- nheiro a quem quizesse especular. Era elle poeta de mais para isso.

A tudo porém déra remedio a civilisação de seu tempo. Afortunados tempos!

Margarida sentiu-se como petrificada. Mas, de repente, fulgurou-lhe a loucura nos olhos. Comprimiu com violencia o coração, e, veloz como o pensamento, desapareceu por uma janella, des- prendendo um grito agudo, dolorido, que se per- deu a distancia, ao tempo que, por outra janella, se precipitava no aposento um homem com uma pistola em cada mão. Era D. João.

Por seu lado o visconde sopesara a queda de suas sonhadas aspirações. Borbulharam-lhe duas lagrimas dos olhos embaciados, que, desvairado, dirigira para o bofete em que tinha depositado o veneno, ultima esperança. Impotente porém para o approximar dos labios, não hesitou. N'uma contorsão de agonia extrema atirou-se ao pavimento e rolou sobre as brazas vivas do fogão. Cingiu-o bem depressa uma azulada, tenue, mas crescente labareda, e nem um gemido soltou.

É bem certo que as dôres da alma nem deixam perceber as da materia. Tanto as excedem. Ou- ço-o dizer aos piegas, que namoram, folgam, comem e engordam.

Nas complicadas scenas, á laia d'esta, habitua- ram-se os romancistas ao emprego das sacramen- taes palavras:— tudo foi obra d'um segundo.

Eu digo d'esta vez como elles, mas sem men- tir, o que é para ser notado, porque quando D. João furioso buscava alguém, que lhe absor- vesse as iras, divisou entre ondas de fumo uma informe massa em medonhas contracções. Voou alli. Mas recuou logo repassado de horror.

Volvêra-se para elle um rosto coroadó de la- baredas. E cravaram-se nos seus uns olhos, que, rebentados pela viveza ardente das chammas, se revolviã ainda nas ensanguentadas orbitas.

(Continúa)

Alvaro do Carvalho

TANCREDO

POEMA HEROI-COMICO

A C.

CANTO QUINTO

I

N'uma prisão horrenda e tenebrosa,
Deitados sobre palha apodrecida,
Os heroes da tragedia bellicosa
Procuravam na mente escandecida
Um meio, que na trama industriosa,
Lhes dêsse a liberdade apetecida:
Mas a vida n'um antro escuro e infecto
Paralyza os trabalhos do intellecto.

II

Tal como no diluvio, quando apenas
A secco estavam picos de montanhas,
Andavam lado a lado onças e hyenas,
As lutas e exterminio quasi estranhas;
Assim os dous rivaes, n'aquellas penas,
Viviam sem pensar em novas manhas.
Só ás vezes se ouvia um «arre burro!»
Mas jámais entreveio coice ou murro.

III

Entretanto Cecilia, atribulada,
Comprou o carcereiro a preço d'ouro,
E n'uma noute lóbrega e toldada,
As horas de terror e mau agouro,
Entrou, em amplo manto rebuçada,
No antro onde jazia o seu thesouro;
Queria a todo o transe libertal-o,
Senão dava-lhe o peito algum estalo.

IV

Guiada pela luz baça e tremente
D'um lampeão vetusto e fumegante,
Viu a pobre estendido além, na frente,
O vulto quasi nu do mesto amante,
E movida por força ignota e ardente
Lançou-se-lhe nos braços delirante;
Que concerto de beijos fervorosos!
Que arrulhar de pominhos amorosos!

V

Depois de socegada, a virgem bella,
Que não vira o javardo n'um recanto,
«Meu filho (disse) eu sou a tua estrella:
Vem comigo; rebuça-te no manto;
E escura vae a noute: a sentinella
Saboreia ao abrigo um somno sancto.
O meu corcel já ouço além ás upas,
Tu vaes na sella, eu vou-lhe nas garupas.

VI

Tancredo que n'um canto, quedo e mudo,
Vira a scena febril de puro amor,
E sentira no peito o cravo agudo
Do ciume fatal (terrivel dor!)
Dilatando os pulmões medonho e rudo,
Com voz que parecia a de Stentor:
«As armas! (estrugiu) o carcereiro
Quer deixar evadir um prisioneiro!»

VII

Aos échos d'esta voz estridulosa,
Acorda em sobresalto a força armada;
Rufam bombos, e a trompa clangorosa
Resoa e brada «sus!» apressurada.

Cecilia, como pende murcha a rosa,
Cahiu no pavimento inanimada,
Ao som do rir feroz e prolongado,
Que sahia das fauces do cevado.

(Continúa)

João Penha

SONETO

Beijei-a desmaiada, um sonho aereo
Adejava em seu rosto esmaecido;
Pallida e fria, amor adormecido
Entre as sombras da noute e do mysterio.

O anjo do céu soltára o véu funereo
Nos seus labios abertos n'um gemido,
E a luz da morte havia desparzido
Rosas na face d'um alvor ethereo.

Levou-m'a Deus — a estrella solitaria
Do céu da minha ultima ventura
Assombrado de nuvem mortuaria...

Agora a longa noute, a vida escura,
Uma lampada triste e funeraria
Entre as sombras da fria sepultura.

Maria Alexandrina

O SACRIFICIO

IV

Eu vim com o triste gôzo de quem toma uma
resolução suprema, guiado pelo dedo de ferro da
fatalidade para aqui.

Encontrei o marido de Margarida, que passeiava
tristemente n'este adro, onde eu hoje soffro todos
os tormentos do meu remorso amargo.

Disse-lhe, que a amizade, que eu consagrava a
Margarida me obrigava a informar-me da saude
de sua esposa.

— Está muito doente, respondeu-me elle.

Sua voz parecia tam maguada, que me irritou
aquella dôr, a ponto de me domar todos os instin-
tos do bem.

— E não sabe a causa do soffrimento d'ella?
perguntei-lhe eu.

— Até hoje, nem eu, nem os medicos, pode-
ram descobri-la.

— Tenha a bondade de ler essa carta, disse-lhe
eu, entregando-lh'a com o tremor d'uma impia
commoção.

Elle aceitou-a com o embaraço da increduli-
dade, e leu-a. Quando chegou ao fim, fitou-me
com um olhar desvairado, e pronunciou, titu-
beando, estas palavras, que me ficaram eterna-
mente gravadas na memoria para meu supplicio.

— O meu coração adivinhava-me isto mesmo.
Eu não podia ser amado por aquelle anjo que

tanto tem soffrido. Que Deus acabe o seu marty-
rio, e lhe dê as consolações, que eu já não posso
ter.

Depois despediu-se de mim com as lagrimas
nos olhos, foi a sua casa, demorou-se alguns ins-
tantes, e sahio para nunca mais voltar.

Eu fiquei como petrificado. e soffrimais n'aquelle
momento, do que tinha soffrido em tantas noutes
da minha amargosa solidão.

A dignidade e a virtude d'aquelle homem es-
magavam-me e aniquilavam-me a meus proprios
olhos.

Parece-me que o estou agora vendo com as
faces cavadas pelo desgosto, os olhos tristes e
pensativos, a soffrer pelas dôres da mulher, que
elle tanto queria.

Nunca pude perdoar-me as amarguras, de que
eu lhe enchi a existencia, apesar de Deus se en-
carregar de punir-me com todo o peso do seu
braço justiceiro.

Hão de ser sempre o meu remorso as lagrimas
que eu lhe vi no rosto, quando elle acabou de
ler aquella carta, para depois dizer o seu ultimo
adeus a estes logares, que elle enfeitára com as
felicidades do seu coração illudido.

Quando pude levantar-me d'aquelle prostração
do corpo e da alma corri a ver Margarida, ima-
ginando que a felicidade, que ia experimentar,
minoraria a dolorosa emoção que me atormentava.

Entrei no seu quarto apenas alumiado da luz
que penetrava pela fresta da janella, cautelosamente
cerrada.

Ao penetrar dentro d'aquelle funebre recinto,
os cabellos erriçaram-se na cabeça, porque me
parecia que entrava n'um sepulchro.

Havia não sei que de funerario n'aquelle meia-
escuridão silenciosa, que fazia parar as pulsações
do coração, e que gelava nos labios todos os sor-
risos da esperanza.

Ai de mim! eu ia assistir aos ultimos momen-
tos da mulher, que eu amava do intimo de mi-
nha alma, e que eu procurava através de todos
os sacrificios da virtude e da piedade.

O dedo de Deus principiava a mostrar-se á mi-
nha consciencia implacavel e terrivel.

A's primeiras palavras que ella me ouviu a sua
voz extenuada e desfallecida apenas pôde balbu-
ciar:

— Porque é que meu marido sahio sem me di-
zer nada? Queria vel-o porque eu sinto-me mor-
rer, e não posso ir para junto de minha mãe sem
lhe dizer o ultimo adeus.

Eu não lhe declarei a causa da sua ausencia,
porque o meu coração não me consentia que eu
exacerbasse as agonias d'aquelle martyr; mas
procurei aquietar-lhe o espirito á custa das dila-
cerantes angustias do meu amor. Baldado empe-

nho: por mais doçuras e consolações que eu buscasse para lhe amenisar aquella hora do passamento; por mais que eu lhe mostrasse o lenitivo das suas agonias na esperança da vida e da felicidade, que eu não sentia; aquella alma angelica voava cada vez mais para o centro do amor de todos os seres.

Nem uma palavra de benevolencia para mim; nem um gemido que trahisse a emoção que ella experimentaria, vendo-me alli ao seu lado, chorando com ella todas as lagrimas da vida.

A memoria dos nossos amores fugira-lhe do espirito; e só lá estava internada a virtude sublime do sacrificio da esposa e da filha.

Em todo o tempo que durou a sua agonia, ouviu-se-lhe muitas vezes o nome de seu marido misturado com o nome de sua mãe; e ao expirar disse com voz pronunciada e segura, que mais parecia de quem fallava d'além da campa, do que do estertor do moribundo:

— Que Deus lhe dê a felicidade, que eu lhe não pude dar na terra.

Seria aquelle seu ultimo pensamento para mim, ou para elle?...

V

Hoje que já a não vejo, e que tenho vertido em lagrimas de sangue todos os remorsos do meu coração, traz-me a estes sitios uma vaga tristeza, como a que sente o que ouve em noute saudosa as mestas harmonias de uma harpa dulcissima a espriarem-se pelos ermos em gemidos d'uma assonancia celeste.

A musica dos ventos da tarde a gemerem tristemente no olival escuro; os gorgeios da ave solitaria, que suspira n'estas ruinas melancolicas ao esconder do sol; o luto de que se vestiram essas paredes mortuarias; esta cruz, onde eu me abracei quando seu corpo inanimado se ia esconder para sempre no fundo da sepultura; os raios do crepusculo que vão beijar-lhe a campa, como um reflexo da luz do eterno dia onde ella vive agora; tudo isto me chama aqui nas tristes horas d'um maginar esmaecido.

Eu amo a sua memoria, como a amei a ella; e mando-lhe dos degraus d'esta cruz os meus suspiros d'uma saudade intima, que não se apagará jámais.

F. Guimarães Fonseca

ADELAIDE

Em doce pallidez o meigo rosto,
Languidos olhos de tristeza e amor,
Como um raio suave do sol posto
A esmorecer no desmaiado alvor;

Na alameda sosinha passeiava,
Branca lua, entre nuvens, docemente
A viração da tarde lhe afagava
Os cabellos n'um osculo tremente:

Soltos em fios d'ouro, que prendiam
Os perfumes das arvores e das flores;
Soltos os véus do seio, onde gemiam
Os suspiros dos candidos amores.

As mãosinhas cruzadas, levemente
O alvo rosto inclinado para o chão...
Uma lagrima vinha tristemente
E outra, e outra da luz do coração!

Luz que accendia assim tão doces prantos
Era do sacro fogo, luz do céu...
Tinha aquella saudade os seus encantos,
Suave era a tristeza, onde nasceu.

Fugira-lhe n'um raio do sol posto
A visão do seu anjo bem amado;
E deixava-lhe a sombra d'um desgosto,
Um beijo de ternura a furto dado.

Esperava-o a donzella; quando a lua
Alumiava a campina, adormecida,
Soltos os véus das flores, semi-núa,
Nos braços d'elle arfava esmorecida.

Da estrella d'alva o raio aindo cahira
Ai! sobre os anciosos labios d'ella!
E a luz do sol ironica sorriera...
Passou o sonho anciado, como a estrella.

F. Guimarães Fonseca

CRITICA LITTERARIA

DUAS OBRAS PRIMAS

I

Eu não posso fazer uma analyse d'estes dous livros, as duas mais brilhantes corôas da litteratura moderna; se eu lhes furtasse um brilhante, uma esmeralda, um rubi, a joia menos preciosa da sua formosura; se eu com as mãos profanas arrancasse do fulgido engaste o minimo raio da luminosa pedraria, tão artisticamente disposta em desenho harmonioso, tinha remorsos para toda a minha vida. Contentar-me-hei com abrir a minha alma ás suaves impressões da sua belleza divina, e deixar-me-hei levar na corrente de flores, sob a nuvem de perfumes, feliz se poderá chegar uma rosa aos labios, ou aspirar o thymiana suavissimo que se exhala dos seus calices aromaticos.

Julio Janin creou o seu estylo, diz E. Pelletan. Fez uma deliciosa creação o espirituoso Janin, que durante mais de trinta annos encantou a França, com a graça nativa e singela, iriado matiz, vivacidade e genio, malleabilidade

e harmonia d'aquelle estylo seu, inventado por elle, e depois imitado por tantos, com mal-aventurado empenho.

Elle foi o rei da critica, o mestre da suprema arte; teve plena jurisdicção sobre o theatro, sobre o romance, sobre a poesia, sobre a musica, sobre a pintura, sobre a esculptura, sobre a sciencia emfim. Quando a historia de Michelet cumprimentou Schelling, através do nevoeiro da metaphysica, não lobrigaram os philosophos da Alemanha, nem Cousin, nem Pierre Leroux, mas enxergaram o sorriso zombeteiro e fino da maliciosa analyse de Janin, e o folhetinista transformou-se em sombra de philosopho no areopago de Berlin. Julgavam-n'o assim os pensadores profundos, em quanto elle, com o riso florente de perolas e rubis, entretencia as grinaldas, cortava as palmas, e juncava de louros o caminho por onde ia desfilando diante de si uma geração de dramaturgos, romancistas, poetas, actores, actrizes, cantoras, dansarinas, reis e rainhas do theatro, idolos da França intelligente, espiritos e corações alumiados da estrella da arte, e aquecidos com os celestes raios da prateada pomba, Hugo, Vigny, Dumas, Scribe Ponsard, Mallefille, Tagliani, Beauvallet, Dorval, Rachel, toda essa pleiade brilhante, que tem muitos dos seus astros já engastados no céu da eterna luz, dourando o alvorescente diluculo da historia, em quanto os outros ainda desparzem no ambiente espiritual da humanidade as immarcesciveis flores da corôa do infinito. Para a França intelligente a opinião de Julio Janin era sempre a bemvinda, e o seu juizo — o verdadeiro interprete do sentimento do publico. Ainda que a meledicencia de Mirecourt tenha levemente picado o calcanhar de Janin, sem que o humorista do Burro Morto se dignasse volver o rosto; tem a sua elevada intelligencia, fino espirito, e milagroso scnio artistico, merecido os mais espontaneos elogios dos escriptores eminentes. O auctor da Moderna Babylonia, diz a seu respeito o seguinte: — «Ou elle explique Molière, ou elle apostrophe Paganini, ou elle saude Bossuet, ou elle faça a oração funebre da comedia, ou elle passe da phantasia á historia, de Sternio a Cicero, mostra sempre incomparavel talento.» Mas Julio Janin não se assentou simplesmente como homem d'espirito no throno da critica; teve e tem o seu logar distinctissimo no sanctuario dos creadores de boas obras, dos auctores de bons livros, distanciando-se até n'isto dos criticos vulgares, que ordinariamente não sabem fazer um livro. Perfeito, como poucos, assim na ideia como no estylo, primoroso e original, é o romance: Coração para dous Amores, de que vou dar uma despretenciosa noticia, apreciação humilde de tão bella composição, que o leitor

de certo ama de ha muito, se ainda lhe não são indifferentes as obras primas da divina arte.

Julio Janin, assim como creou o seu estylo, creou tambem os seus livros; não lhes encontra a mais escrupulosa analyse ponto de semelhança com os modelos dos eximios chefes da moderna litteratura, ainda em disfarçada imitação; porque na verdade são tambem modelos de profunda interpretação do espirito e do coração humano, originalissimos estudos da vida — as suas mais esmeradas composições.

Julio Janin aborda o nunca desatado problema: divisão da unidade do amor, do modo mais rigoroso e perfeito. Duas meninas gêmeas na formosura da alma e do corpo, gêmeas na superioridade do espirito e nas tendencias do genio, formam, por assim dizer, os dous termos da equação a uma incognita, que ainda não foi eliminada, cujo valor não foi assignado ainda por ninguem. Este grupo formoso de dous anjos está desenhado em primorosa téla de apuradissima tinta; e as molduras do quadro são de precioso lavor. Na delicadeza do desenho, nas cambiantes e gradações do colorido, n'aquelle estylo inimitavel, brilham sempre, como em nuvem de flores, as duas creações do genio da arte. Como principia a vida das gêmeas! O romancista vae desentranhar aquellas duas perolas do lodo do abysmo da degradação moral: encontra-as entre uma collecção de animaes ferozes, aleiloadas em ultimo logar, por serem julgadas de menos valor que o leão ou a panthera. Cobertas de andrajós, as innocentes crianças de quinze annos, magras e defecadas, dentro da sua caixa, que não precisava de varões de ferro para lhes retrahir os impetos da desesperação, embrutecidas, porque desde o berço, ninguem lhes ensinára sequer os primeiros rudimentos da educação humana, quasi exanimas de fome e nudez, mas com um reflexo da ineffavel belleza da innocencia e da desventura nos rostos amortecidos, destacam-se no primeiro plano do quadro, ao principio, como a sombra, como o esqueleto da figura, prevendo-se já nos leves traços a sua formosura deliciosa, depois, e pouco a pouco, illuminadas com o esplendor da inspiração ideal, até se erguerem inundadas em rosas de prima vera, deslumbrantes com a luz da mocidade e da vida.

Deixemos fallar o protogonista d'este drama singelo e tocante, na sua linguagem sentidissima.

«Quem comprehenderá os meus enlevos, toda a celestial alegria, que me iriou os olhos da alma, quando me foi dado agasalhar no manto da affectuosa dedicação aquelles dous corações, duas cordas quebradas da harpa do berço, sem as haver vibrado a vergonteia de marfim do braço amoroso de mãe? Era eu que ia insuflar-lhes o habito da vida, acender-lhes o raio da intelligencia,

e banhar-lhes as pallidas fronteiras no baptismo da religião do céu. As aguas lustraes do amor divino jorram das agruras da sagrada montanha para todos os filhos do homem, como da nevoa diaphana cabe o orvalho da noute e o orvalho da manhã, que vem com a luz das estrellas matizar todas as flores — a rosa que pende esmorecida e o lirio que entreabre o mimoso calix. A torrente que se despenha dos alcantis, o rio que sussurra sob um docel de verdura, o pequeno remanso que murmura por entre as esmeraldas do prado, a conchinha da praia, a vastidão do mar, a chuva de margaridas na primavera, e os torvelinhos nevoentos do inverno, a vaga do oceano, a ondina do arroyo, o orvalho do ceu, a perola da fonte, todo este murmúrio da natureza — é o baptismo dos innocentes.

Mas ellas, abandonadas á estúpida ferocidade do domador de feras, tinham sido creadas e educadas, como monstros: ninguem lhes havia fallado do céu, de Deus, e do Filho de Deus, que morreu na Cruz para salvar todos os homens, e até os proprios monstros. Apenas se poderá imaginar a expansiva alegria, que as alvorçou, quando lhes fallei das leis sanctas da religião, que enobrecem a natureza humana, e quando o venerando sacerdote, ancião virtuoso, que sabia os preceitos do código christão, lhes ensinou toda a historia da Cruz, abrindo-lhes a igreja, a ellas, que ainda ha pouco serviam de divertimento ao povo, e aos ociosos, como um phenomeno estranho apresentado em toda a sua nudez no meio das praças e das feiras.

(Continúa)

CHRONICA

Escusámos de dizer que toda a gente de Coimbra e das cercanias de Coimbra, tem ido ao theatro de D. Luiz admirar o drama sacro do sr. Soares Franco — a Rainha Sancta Isabel, magistralmente posto em scena pela companhia do mesmo theatro. O desempenho de todos os actores tem sido perfeitamente bom. O drama do sr. Soares Franco é um conjunto harmonioso de bonitas scenas, pela maxima parte copiadas da legenda historica da vida de Sancta Isabel.

O maravilhoso d'esta obra não descamba, como em quasi todas do mesmo genero, no grutesco irrisorio dos milagres de phantasia, adrede imaginados para armar ao effeito.

Se não ha muita unidade na composição do drama, e muita harmonia no estylo, estas duas levissimas faltas são plenamente compensadas pelo colorido e acção e vivacidade de todas as scenas

e quadros da obra, que são realmente esplendidos.

O beneficio da Carlota Velloso foi digno d'aquella eximia actriz. O theatro estava plenamente occupado pelo que ha de melhor em Coimbra, e o talento da beneficiada foi devidamente victoriado n'aquella noute.

Consta que Carlota Velloso vae ser escripturada para o theatro normal, para substituir a Manuela Rey de saudosissima memoria. É o melhor meio de suavisar a amargosa lembrança da finada actriz; talvez vá occupar condignamente o throno devoluto d'aquelle genio, tão cedo arrebatado do mundo nas nuvens da gloria e da desventura.

Ensaia-se o Fr. Luiz de Sousa para ir á scena, depois da Rainha Sancta Isabel. Não podemos deixar de elogiar a companhia e a direcção pela optima escolha, que fizeram, do primeiro e mais primoroso drama do theatro portuguez.

Oxalá que a sentidissima elegia dos amores de Magdalena de Vilhena, e das lagrimas de D. João de Portugal, seja perfeitamente comprehendida pelos actores e pelo publico, e que os esforços d'aquelles se vejam coroados do resultado mais brilhante. E a chronica pouco mais tem a relatar d'esta quinzena, a não ser que os saras litterarias do Club-Academico começaram esplendidamente sob a presidencia do Ex.^{mo} Sr. Dr. Garcia, que lhes dá todo o realce pela sua illustração provada, e character benevolo, que a todos attrahe, e anima.

Sabbado é o beneficio da actriz Maria Joanna, e do actor Pereira, ambos dignos do favor do publico. O espectáculo é attraente, e cremos que concorrerão ao theatro todos os que gostam de premiar o mérito, e coroar o trabalho.

Expediente

Por motivos de conveniencia a *Revista de Coimbra* publicará-se-ha nos dias 15 e 30 de cada mez em logar de 1 e 15, em que sahio no 1.^o trimestre.

A REVISTA DE COIMBRA — assigna-se:
Em Coimbra — na Imprensa Litteraria.

Preço

Por trimestre } Coimbra..... 300 réis
Fóra de Coimbra .. 360 »

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte á redacção — rua do Corpo de Deus, n.º 53.

Os srs. assignantes de fóra de Coimbra podem remetter o valor da sua assignatura, em estampilhas, á Redacção da — REVISTA DE COIMBRA.

REVISTA DE COIMBRA

FOLHA BIMENSAL

N.º 8

31 de Março

1866

A ESTATUA VIVA

(Conto)

VII

«Pois essas divertidas e caprichosas scenas, tão exóticas como pueris, que, enrodilhadas e e com feia catadura, teem devorado paginas e paginas em phrases de todos os tamanhos, terão alguma cousa de commum com a suave e des-affectada narração d'um promettido conto não só verdadeiro, mas até elegante!? Um conto! Chama-se isto um conto! Dos que se dizem nos serões de inverno com pasmo das imaginações rudes ou infantís poderá ser. Mas conto para gente fina e seria, para gente, que sabe de cór Edgar Poe e Hoffmann!.. Oh, oh!

Sobre tudo imperdoavel é o desaire com que o demonio do escrevinhador deixa transluzir das combinações do seu espantoso embroglio o presumpçoso intento de fazer um romance, que lhe dê azo a fingir-se modesto, chamando conto ao que, no juizo d'elle, vale bem um romance. Ora, meu senhor, se queria rabiscar cousa como romance, sofresse um tanto os impetos com que os seus esfalfados heroes se precipitam no *epilogo*; demorasse as situações com peripecias, episodios e tudo o que lhe lembrasse, capaz de augmentar o interesse e aperfeiçoar o lavor artistico da obra. Não basta encadeiar dous dissaboridos dialogos e alguns ditinhos simplorios e affectados. Dialogos! Nada mais facil. Duas pessoas, que fallam, uma depois da outra, com intermedio de pausas e reticencias... Se queria fazer-se notado sahisse a campo com seis, oito, vinte palradores, prendesse-os a uma geral conversação em que fallassem todos, alternados e simultaneamente, em grita e com moderação. Então sim. Ahi encontraria oportunidade de desvendar a sua mestria nas difficuldades da arte. Mestria essa, que ninguem ousaria contestar uma vez que alcançasse meios de se esquivar a mostrar-nos, pela estravagancia da algaravia, de que fabuloso modo se digerem bojudas vasilhas de alcohol.

N'esse caso não nos oppunhamos a que lhe le- vantassem uma estatua de barro em paga da sua *Estatua viva*. Apenas se atreveu, porém, com a parte mais plebeia e chilra d'este genero de litteratura — o dialogo, cousa que hoje nem os dous mais triviaes interlocutores quereriam alimentar; embora illuda um tanto a paradoxal apparencia da proposição. Quanto ao visconde d'Aveleda é elle, diga-se a verdade, a mais sympathica crea- ção, que póde deduzir-se do inexperto cinzel.

Porém, que destino! A astucia depravada do auctor faz que o vejámos na parte luminosa do quadro, que nos ganhe, não direi sympathia, mas um pouco de benevolencia...

Depois accende um fogão monstro e de *parti- cular estructura* que estava preparado de encom- menda, apto para receber um homem inteiro, e lança-o, com bastante pena nossa, ao meio das chammas, e assa-o, não sei bem se com tenção de o comer. Palpita-me que o vae comer. Isto não se faz em paiz civilisado e liberal! É neces- sario que o governo desenvolva toda a severi- dade, mesmo para escarmento dos antropopha- gosinhos que se escondem por essas Babylonias. Em fim, seja como for, já gastámos mais cêra do que é de lei com ruins defunctos. Oxalá que, aproveitando-lhe a lição, venha a convencer-se de que não sobra quem se empenhe nos pro- gressos praticos da agricultura, e deixe de andar tresmalhado n'estes difficeis caminhos, que nunca pés masorros logram percorrer sem sangue.»

São assim, pouco mais ou menos, as sibilantes expressões de maledicencia, que eu desprezo, sem que, todavia, deixe de vir a indignação das grandes almas offendidas inflammar-me as naca- radas bochechas.

Critica cordata e justa escutei-a sempre respei- toso. Insolencias, á laia das supradictas, não são lanças, que façam saltar da sella cavalleiros do meu jaez, nem hão de ser em tempo algum ad- moestações, que corrijam defeitos. A minha ge- nerosa indignação não me deixa responder como pedia o caso, se bem que me está borbulhando a ideia de confundir os linguareiros por meio d'uma digressão ideologica, em que podia paten-

tear os thesouros, que tenho amontoados no meu celeiro. Não quero fazer escandalo. É o que lhes vale. Em desforra, apenas prometto esmerar-me a fim de ser mais natural e correcto no seguimento do conto, que prosegue do seguinte modo:

Quando o sr. Urbano Solar, beatifico pae de Margarida, descerrava as preguiçosas palpebras, ainda saudosas dos afagos do confortativo somno, marcava o ponteiro d'um relógio, que pendia graciosamente da parede, dez horas e alguns minutos. O sancto varão não acordaria tão cedo, se o estomago, com irregulares rugidos, não accusasse certo vasio, que o horrorisava. O sr. Solar tinha horror ao vacuo; e tanto que, na deliciosa perspectiva de um substancial almoço, que lhe deslisava na mente fecunda e liberal, endireitou azafamado o collarinho, enlaçou a gravata, deu a ultima demão aos ingratos cabellos, e foi incorporar-se a seus filhos, que, já preparados, conversavam, aproveitando os raios vivificantes do sol matutino.

O dia estava d'uma formosura a derramar alegrias nos espiritos mais atribulados. Parecia concertada a natureza para acompanhar os doces enleios que deviam ser então a alma animadora da ampla magestade d'aquella habitação. O proprio sr. Urbano sentia-se enfeitado.

— O visconde? — pergunta elle, admirado de que o não acompanhassem em continente para a anhelada meza do almoço. — Ainda não vistes a nossa Margarida?..

A resposta resolveu-se em dous sorrisos frouxos, maliciosos, equivocos. Solar comprehendeu-os, quiz revestir-se de gravidade, mas, em conclusão, não teve remedio senão imital-os.

Para os innocentes, como eu, esses sorrisos não seriam só equivocos, seriam mesmo obscuros. Tenho fé, porém, que não faltariam honrados paes de familia, que, no dia seguinte ao do noivado de suas filhas, perspicazes como Urbano Solar, soubessem dar explicações. Deus me defenda de sabel-as dar alguma vez por minha parte.

Travaram os tres insignificante conversa, que ameaçava prolongar-se com serio detrimento do apparelho digestivo do sr. Solar. Mas como nem o visconde d'Aveleda nem Margarida pareciam ainda dispostos, segundo suspeitas d'um criado interrogado, a vir livral-o d'este supplicio, tirou-se de seus cuidados, e, resolvido a não esperar por ninguém, sahiu na tenção de farejar por si mesmo certos conhecidos escaninhos de gordurenta memoria.

Ao roçar na porta da camara nupcial não pôde vencer a curiosidade, e apurou o ouvido.

Nem o mais leve susurro. De dentro vinha uma restia da luz pura do sol, que mosqueava o pavimento, denunciando assim que eram já abertas

as janellas do interior, e que, por tanto, os felizes habitantes d'aquelle estreito paraíso não continuavam esquecidos em amorosos deliquios, e, além d'isso, que estava mal cerrada a porta, que, por esse motivo, dava passagem á restia do sol. Aventurou-se a empurrar-a suavemente; e sem resistencia nem rumor rodou ella sobre os flexiveis gonzos, e pôz a descoberto a parte interna da camara, inteiramente solitaria.

Entrou o bom homem despejando da garganta exclamações de pasmo, lançou a vista em roda, e dilatou as cartilagens do nariz, tocado d'um especial odor d'aquella atmosphera, que era um desespero para o ambicioso e esfamado estomago de s. ex.^a

Afiava-lhe o appetite aquelle odor. É facil de ver portanto que não podia satisfazel-o o simples conhecimento do effeito. Ao seu estado convinha mais que tudo, palpar a causa. Breve a descobriu elle no fogão, onde, entre algumas amortecidas brazas, cercada de cinza e de carvões, avultava uma massa compacta de carne, a este tempo quasi carbonizada. Revolveu-a de todos os lados, naturalmente admirado da estranheza, e no fim da investigação concluiu que não era facil determinar a casta de animal a que pertencia aquelle torresmo, mas que, feitas as contas, tinha na parte superior um provocante pedaço de loirejada polpa.

Solar era um homem de muito sizo para não saber explicar a exquisitez do facto com a exquisitez do genio do visconde d'Aveleda. Foi de semblante prazenteiro que seus filhos o viram voltar, convidando-os a acompanhal-o.

— O visconde — diz elle com affectado mysterio — parecia que de proposito se recusava a apparecer para nos obrigar a esperal-o para o almoço. Mas eu que sou velho e matreiro achei meios de me vingar.

Fui procural-o ao proprio quarto.

— E assanhou-lhe o masculino pudor — diz sorrindo o peralta — Está visto.

— Pelo contrario. Não encontrei lá sombras d'isso.

— Como assim! Pois...

— O quarto estava deserto, mas saturado d'um cheiro...

— A ambrosia, provavelmente?

— Não. A carne assada. Meu genro, cada vez estou mais convencido, é um homem de inqualificaveis caprichos, d'uma rara excentricidade. Sahiu, ninguem sabe quando, nem para onde; ao menos não ha criado que o diga; sahiu com a noiva e deixou nas brazas do fogão um immenso pedaço de carne, quasi reduzido a cinzas, com excepção da parte superior, que repelle o mais sorumbatico fastio.

— E então?..

— E então aquillo deve ser alguma precisidade da inventiva culinaria do visconde. E para seu castigo lembrei-me de lhe pregar uma pirraça, que, por cima, ha de fazel-o rir. Vinde almoçar comigo.

— Mas não será indiscrição?.. — observa o magistrado.

— Sou eu o responsavel. Depressa! que não venha elle no entretanto.

Pouco depois entrava o velho folgasão com os dous filhos na camara dos desposados, munido elle proprio dos petrechos indispensaveis para o notavel festim.

O sabor da carne não correspondia á apparencia. Era excessivamente insulsa, viscosa e adocicada. Urbano Solar, desilludido, affirmava que só a sua experiencia saberia esburgar os ossos convenientemente, assim como só o seu appetite saberia tolerar o dissaborido manjar.

O magistrado acabava de cahir n'um reflexivo abatimento, encarando com olhos desvairados já na configuração da insulsa iguaria, já no logar em que fóra encontrada. Suppunha ter tocado com a faca alguma cousa como uma caveira humana transformada pela acção do fogo.

— Meu pae! — exclama elle de repente com voz espavorida — aqui ha um terrivel segredo, um segredo muito espantoso. Este leite não dá signaes de que alguém se recostasse n'elle. Os eriaos afiançam que não sahiu ninguem d'esta casa e...

Todos estremeceram. Resoára a detonação d'um tiro, e, em seguida, sussurro e gritos no interior do palacio.

(Continúa) *Alvaro do Carvalho*

TANCREDO

POEMA HEROI-COMICO

A C.

CANTO ULTIMO

I

Mal chegou aos Quevedos assombrados
A nova do successo deshonroso,
Temendo por Cecilia, apressurados,
Ao ouro recorreram milagroso;
E logo a turba negra dos togados,
Revolvendo um registro volumoso,
Descobriu, sem espanto dos parentes,
Que os réus estavam todos innocentes.

II

Decidiu a familia, n'este apuro,
Que se dêsse a menina em casamento.

Áquelle dos amantes, que um futuro
Podesse assegurar-lhe d'espavento.
Mas Cecilia, temendo o caso escuro
D'escolherem Tancredo, um juramento
Fez logo, tão estranho e tão chibante,
Que a discussão findou no mesmo instante.

III

Assim como a cegonha, á beira mar,
Fica posta n'um pé, sombria e feia,
Depois de pouco a pouco triturar
A lagosta, que ousou surgir n'areia;
Assim Pires ficou, medonho e alvar,
Quando ouviu, da familia n'assembleia,
A mãe com voz pomposa e magistral
Firmar da filha a escolha no rival.

IV

Vencidos d'esta fórma os embaraços,
Mandou dizer a pomba ao doce amante
Que viesse, e cahindo-lhe nos braços:
«Philippe (murmurou branda e anhelante)
Sou tua; a mãe consente. Eternos laços
Nos unem mais ditosos d'ora em diante.
Ai! nem sei como aqui não cáio morta,
Que tanto esta alegria me transporta!»

V

Casaram. Fóra eterno aquelle dia
Se não fossem os beijos meio occultos.
Quando a furia da walsa mais crescia,
Era quando ao jardim dous lindos vultos
Desciam, se ninguem lá os seguia,
E beijos davam mil, livres d'insultos.
Até que emfim bateu a meia noite,
Que Tancredo sentiu, qual rijo açoite.

VI

Pensou um quarto d'hora. De repente
Despregando em precipite carreira,
Levado por idea louca e ardente,
Á ramagem subiu d'uma figueira;
Depois um laço atou com mão valente,
E mettendo a cerviz á gargalheira,
No ar se balançou, qual figo enorme,
Soltando da larynge um grito informe.

VII

Não sei se foi de rir se de chorar
A morte d'este heroe de má figura,
Que partiu d'este mundo sublunar
Sem as roncas levar do padre cura;
Eu porém já cansado de cantar,
Não achei esta morte prematura,
E creio que o leitor, já somnolento,
Tambem soltou um «bravo» ao passamento.

João Penha

AMOR E ARTE

I

Roberto da Cunha teve a infelicidade de nascer com uma alma fadada para os amores olympicos, ainda que, influenciado pelo seu temperamento, se viu mais tarde de feição pujante a sobressahir nos combates da força bruta, unica harmonia, diga-se de passagem, que elle notou entre o seu espirito e o seu corpo. Roberto era bem apesoadado, apesar da obesidade em comêço, e galanteava uma menina sylphidica, mulher de versos

e cantatas, cousa fabulosa na cintura, mão, e pé, e mais impossível ainda no theor dos habitos da vida, que ella guindava á existencia nebulosa dos espiritos, sonhando sempre com o maravilhoso ideal.

Visava-o encantado e bello, através das pro-saicis exigencias d'este mundo, onde a pozeram humildemente, de todo ao reverso da sua indole angelica e mimosa.

Roberto da Cunha tinha a felicidade de pos-suir um coração jazerino, e um abdomen pouco vulgar, por isso a vocação da supposta amante intimidava-lhe o galanteio.

— Porque diabo não amarei eu uma mulher, que possa galhofar comigo, entre o repasto de uma perna de vitella, e a deliciosa libação d'este copo de vinho? dizia elle ao commensal d'aquelle dia, rapaz de gordas letras, que o defendia no jornal da terra dos aleives assacados á sua reputação de fidalgo, e senhor de pergaminhos immaculados...

— Porque? porque v. ex.^a não quer.

— Não quero? Ora essa! Eu quero tudo, mas o que me custa, meu caro Luiz, é vel-a tão bonita e appetitosa, e chuchar no dedo. Se eu não fosse barão, palavra de honra, que me importava pouco; mas aquella resistencia ao meu nome, titulo, e dinheiro, espicaça-me. Demais a mais trocar-me por aquella semsaborão, que faz versos e é um esqueleto como ella! Que te parece, Luiz?

— V. ex.^a tem razão, disse o jornalista Luiz, atarefado com o esburgamento d'um osso.

— Já me deu a veneta de consultar os medicos, a ver se ha um remedio, para esta gordura colossal, porque eu estou colossalmente gordo, não achas?

— Nutrido, senhor, alguma cousa nutrido.

— Mais do que isso, lisongeiro, estou obéso, e Violante é como este dedo. Mas tem uns olhos e uma boquinha, que é o meu sonho de todas as noutes, Luiz, o meu estimulo de toda a sensualidade. Preciso d'aquelle creança por alguns mezes, mas desespero-me de vencel-a.

— V. ex.^a vae esta noute ao theatro; ella não falta á primeira representação do grande drama de fr. João José. Deve ser uma noute cheia para v. ex.^a e para todos. Lá continue o assedio, e teime, que a victoria a mais difficil é tambem a mais agradavel e a mais gloriosa.

Esta sentença do conselheiro aguçou-lhe o valor e a paciencia; e o fidalgo, mais socegado, adormeceu sobre a mesa entre os vapores do vinho. Acordou aos berros do creado, que lhe gritava aos ouvidos, dizendo que eram horas de ir admirar o novo drama do sr. João José.

— Qual João José? perguntou elle estremunhado, e de má catadura.

— Aquella peça que se representa agora á noute lá na casa das comedias, e que é do senhor...

— Sim, sim; traz-me as botas e a sobrecasaca.

O fidalgo apparelhou-se condignamente para ver o drama, e sobretudo a bella Violante, e foi para o theatro, cousa assim chamada no seu burgo, por certo digno de ter um cazebre baptisado com aquelle nome pomposo.

II

João José, o auctor do drama, que estimulava a curiosidade de tantos burguezes honrados, era uma pessoa gorda e avermelhada, que principiára a sua carreira litteraria «intra muros» d'aquelle reducto, onde vivia, rimando *bróa* com *próa*, e escrevendo locaes sobre os arboricidios, que os gaiatos lhe fizeram a umas romanzeiras, plantadas pelo bom do homem para lhe adornarem a entrada da casa. Andava pelas ruas d'aquelle obscuro capitolio dos seus triumphos de lenço encarnado na mão, caixa de rapé na outra, passo grave e medido, compondo o rosto com ares de escriptor sisudo e de pensador profundo, que lhe ficavam menos mal, mas que não lhe destruiam de todo os traços pronunciadissimos de pacovio e lórpa, ainda que elle teimasse sempre em atibial-os com bem intencionadas atitudes. Fallo de atitudes, porque o homem quando imaginava, que podia ser observado, parava no meio da rua, traçava o capote, e atirava com o braço esquerdo para um ponto do espaço, elevando os olhos, como em extase medonho, e segredando aos mundos da sua intuição maravilhosa algumas palavras roucas, que se pareciam com um grunhido suino, mas que n'aquelle bôcca deviam ser apostrophes magnificas a alguns genios invisiveis.

Em outra qualquer parte tomavam-no por doudo, e talvez teriam razão; ali não lhe succedia assim: desbarretavam-se, e diziam uns para os outros:— Anda a compôr alguma nova peça dos theatros...

Estava João José arroubado nas melifluas esperanças d'uma noute de ovação.

O rapazio da terra, que sabia soletrar os seus rabiscos, encarregára-se de levar á scena uma nova composição do dramaturgo.

As damas e as colarejas assistiam-lhe á gloriosa representação. Nada lhe faltava para o triumpho. Chegou a hora; e a musica, que tinha de vir de uma aldeia proxima, porque na terra só havia um cantor arripiado, e dois rabequistas de charivari, tardava extraordinariamente. Já se viam no céu as primeiras estrellas, estavam os actores no palco, guardando as devidas posições, o ponto

adormecia, a plateia cabeceava, as damas bocejavam, e musica... nem esperanças.

— Comece o espectáculo sem musica, gritou uma voz da plateia.

— Também sou d'essa opinião, disse João José, mostrando a cara detrás da caixa do ponto, esfregando os olhos, e arreganhando a bôcca n'um tremendo ah... Panno acima. Principiou a coisa. A primeira scena, se não exagerou um dos espectadores, que me contou a historia d'aquella noute, era um dialogo amoroso entre uma donzella campezina, que viera á cidade vender cebollas, e se deixára requestar d'um boticario, a quem ia comprar banha e flor de sabugueiro. Dizia ella: — Ó senhor Antoninho, dá-me dez réis de banha?

— Já se não falla assim agora, Maricas; lá por fóra nos grandes centros chama-se a isto pomada conservativa dos cabellos. Aqui te dou esta caixinha, e dentro d'ella o meu coração.

— Muita obrigada, dizia a moçoila, fazendo uma mesura, e sahindo.

Acabava a primeira scena, ainda que o dialogo não seja reproduzido na sua integra, por deferencia aos leitores serios. A segunda e as outras do primeiro acto consistiam na affluencia dos freguezes á botica, a comprarem varios ingredientes mais ou menos importantes para a saude publica.

Abria-se o segundo acto. Representava o theatro uma sala com duas cadeiras de couro, uma meza de grandes dimensões, e um espelho pregado na parede, onde estava o boticario a barbear-se. Aparecia a donzella, que o fóra no principio do chamado drama, e que já era agora mulher de casa montada, e dizia para seu feliz esposo:

— Antonio, vou cantar-te ao piano a Marianita, em quanto que tu fazes a barba.

— Pois sim, mulher, canta-me lá isso. Seguia-se o primeiro couplet, que era pouco mais ou menos assim:

A Marianita do campo
Está mulher da cidade,
Mas tem ao seu Antoninho
Muito amor, muita amizade.

Diga-se de passagem, que isto era acompanhado com harpejo de viola, tangida fóra da scena, e que a actriz, ou comedianta, como elles lhe chamavam, fingia tocar piano com os dedos em cima da meza. O espectador deixava-se illudir, porque ou dormia, ou resomnava.

N'este acto apparecia um tentador da virtude de Maria. Fazia mil protestos de ternura lorpa, e no fim roubava a mulher do seu proximo.

Principiava agora o drama e a tragedia na vida do boticario.

O homem corria mundos e mundos, viajava para se esquecer da mulher ingrata, atravessava os desertos e os povoados, e vinha a parar em fim n'uma solidão triste e medonha, coberta de rochedos, á beira-mar. Era o que representava o terceiro acto: vista de mar!

Apparecia o boticario, vestido de cavalleiro da idade media, declamava um monologo estiradissimo e pathetico, e resolvia suicidar-se. Subia acima d'um rochedo, e dizia assim em verso:

N'este rochedo altivo, e sobranceiro
Á solidão das aguas,
Vou exhalar o alento derradeiro
Das minhas tristes maguas!
Mulher, que eu tanto amei, d'este deserto
Te digo o extremo adeus;
Vive tu n'esse mundo, que eu vou certo
De viver n'outros céus.

E ao acabar esta exclamação dolorosa ia a precipitar-se, quando se formava uma trovoadade repente, fuzilava um relampago, dava um raio sobre o rochedo, e o pobre do boticario em vez de cahir no mar caíha de costas em pleno palco, a tempo que um padre apparecia d'entre os bastidores, de sobrepeliz e estola, com os braços e olhos levantados para o céu, bradando com voz espantosa e terrifica: Milagre! Milagre!

E assim acabava o terceiro acto, e disse-me o paciente narrador d'estes successos, que a plateia urrava com enthusiasmo medonho, e que nunca ouvira um estrondo de bravos e palmas, como ao apparecer do padre, e ao cahir do raio.

(Continúa)

F. Guimarães Fonseca

Recebemos a seguinte poesia á morte da actriz Manuela Rey.

O saudoso nome d'esta gloria da scena portugueza, tão cedo extincto na manhã da sua formosura — é suavemente pranteado n'essas sentidas estancias d'uma elegia singela e verdadeira.

Á MORTE

DA SYMPATHICA ACTRIZ DO THEATRO NORMAL

Manuela Lopes Rey

Em 26 de Fevereiro de 1866

Vae! das plagas do desterro
Eis-te a final resgatada;
Procura resignada
A patria que te sorri!

Soares de Passos

Era um mimo de graça e de frescura,
Dos anjos tinha a doce candidez,
Irmã gemea do lirio em formosura,
Seu gesto de suave morbidez.

Brilhava como o sol fulgente e esplendido,
Ou rosa em mez d'abril,
Ou como em azulado firmamento,
Luzem estrellas mil.

Subito... o vento gélido da morte,
Fanou a rosa que no chão cahiu!
Eclipsou o astro fulgurante,
E as estrellas do céu azul sumiu!

Tal foi, Manuela Rey, o teu destino,
Oh! sublime actriz!
Do theatro da vida o cruel fado
Baixar-te o panno quiz!

Ha pouco, celebravam-te uma festa,
Em novas ovações!
Hoje... tudo é mudado, em vez de palmas,
Tens prantos e orações!

Os louros de tuas corôas se trocaram
Em funereas flores,
E o ouropel... e as fitas roçagantes,
Perderam suas côres.

No espaço ethereo, agora, onde subiste,
Vaes ter por palco o céu!
E por pantheon de gloria, cá na terra,
Fica-te um mausoleu!

Descança pois da lide oh! genio raro,
Flor da Hespanha em Portugal viçada!
E seja-te epitaphio bem preclaro:
« Foi actriz sem rival, inimitada.

Era um mimo de graça e de frescura,
Dos anjos tinha a suave candidez,
E agora o seu talento e formosura
A inexoravel Parca lhe desfez.»

Tal foi do teu genio a sorte
Veio a morte
E de tanta gloria só
Cinza e... pó.

H. Z. A.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1866.

SONETO

Minha verde collina reclinada
Nos braços da gigante serra,
Que vê o amanhecer do claro dia,
E a luz do sol nas ondas desmaiada:

O meu prado de relva matizada
Com as rosas d'abril, e a melodia
Das aguas na corrente, que gemia
Sob os raios da lua namorada!

Ai! tudo eu já perdi, longe, no exilio...
Casta deusa do céu, astro da serra,
E das flores do campo o meigo cilio...

Já este vêu das lagrimas encerra
Vossas graças gentis!.. meu doce idillio,
A saudosa visião da minha terra!

Maria Alexandrina

CHRONICA

Ha duas quinzenas que tenho estado retirado da vida de chronista, e tenho dado graças a Deus pelos meus muitos afazeres, por que tem havido quem me tenha substituido e com tal mestria, que a minha *claque* fugiu-me, e foi adorar os que vieram occupar lugar de *mexeriqueiros* das vidas e acções de quem se pensasse bem no que era um chronista resumia a sua vida ao viver privado.

Comtudo como o homem tem duas faces e, uma d'ellas não se póde esquivar á analyse, que se entretém com estas *bagatellas*, está justificada a instituição dos chronistas pela moralidade, que espalham, com a critica, que produzem, e d'ahi esta infinita pleiade de intrigantes, que aspiram a criticos para reprehender e civilisarem.

É sempre bem vindo e bem recebido um collega illustrado, e os dous meus antecessores são illustradissimos

Agradecendo-lhes pois o bem que *chronicaram*, peço-lhes para eu continuar no meu logar.

Occupa hoje as attentões do publico conimbriense, e seus arrebaldes — a Rainha Sancta Isabel — lenda sacra em 5 actos, e 7 quadros, que, durante a quaresma, se tem dado em D. Luiz.

O nome venerando da Sancta, o culto, que lhe é tributado aqui, a fama da companhia, que executa a lenda, o empenho da direcção em apresentar cousa digna de ser vista, o nome, que o auctor tem adquirido na tribuna sagrada, são causas explicativas da espantosa concurrencia, que em 12 recitas tem havido!

A Rainha Sancta Isabel veio fazer esquecer o nosso querido Sancto Antonio, e produziu mais do que este o milagre de lembrar á direcção que não é bom desesperar, e que é sempre util e proficuo ter confiança na virtuosa esposa de D. Diniz.

A linguagem da lenda é irreprehensivel: se em algumas partes tem o classico dos tempos primévos, e n'outras a poesia hodierna, *se as flores e aves descantavam amores* já n'aquelle tempo, se, mais claro, o estylo não é igual, e não ha uniformidade no fallar dos personagens, o leitor deve lembrar-se que isto desculpa-se, porque foi na época do rei lavrador que as letras tambem muito floresceram, e que por consequencia se a agricultura caracterizou o reinado de D. Diniz, e esta deu aos homens uns certos costumes mais austeros, e um fallar mais aspero, por outro lado tambem a cultura das letras e sciencias amenizou o rigido da fórma com que o pensamento era revestido.

A primeira objecção, pois, contra a lenda não tem valor.

A descripção dos caracteres é feita com tal arte, que bem podemos chamar mestre ao que assim descreve.

O typo da Sancta é perfeito, ha ali todas as feições que a historia nos lega da sobrinha do rei Thiago, ha n'elle a prova de que Isabel não era a vergonha nem das casas de Aragão nem das de Saboya.

O auctor no fazer d'aquelle personagem estava inspirado, e isto não admira porque descrevia uma Sancta.

A mendiga, que symbolisa o remorso para o rei, e que só morre quando o vê ajoelhado e contracto, representa o ponto intermedio do drama e da tragedia: ha o delirio, vem o juizo, torna a fugir, e morre a alienada aos pés d'uma cruz, *mas contra a arte, morre de pés para a cruz.*

O papel de D. Diniz está pintado com a fortaleza dos primitivos reis.

Bilioso, ciumento, com a consciencia de que o throno era por elle legitimamente possuido, juiz feroz, soldado valente — o character do 6.º rei de Portugal devia forçosamente ser aquelle.

O filho de D. Diniz, o infante D. Affonso, mostra-se-nos na lenda n'aquelle acto da sua vida, que a historia registra para cognominar a D. Affonso 4.º além de mau pae e mau irmão, — mau filho.

É pequeno o papel, mas é vulto que sempre nos lembra ao ver o amor de mãe domando a inveja do filho revoltado contra o pae.

O irmão de D. Diniz apparece no 1.º acto só com o fim de alterar com o rei — quer ser rico, e isso não é defeito; passa hoje como aspiração universal este anhelos pelo metal, que ficámos sabendo data dos primeiros tempos da monarchia; ha barulho no palco, o rei encolerisa-se, vem a rainha faz ao cunhado uma doação *inter vivos*, que, pela simplicidade do primitivo processo, podemos guardar como certo, que era verbal, independente de official publico; — safa-se com a doação e nunca mais se intromette com a vidas dos reis de Portugal.

Os dous pagens, D. Mecia, os dous anjos, o forneiro, o padre, o menino, um velho que falla, um soldado, que chama *negregada e malefica mulher á rainha*, um barqueiro que canta, pobres, damas *de honor*, e muita gente mais, são dignos de toda a attenção; mas supponho que os principaes personagens são os que ficam apontados.

Ainda assim eu não faço *questão ministerial* d'esta minha classificação; póde haver outra melhor, aceital-a-hei.

Vamos ao desempenho.

Se o bem vestido d'um personagem nos fizesse illudir, se na caracterisação razoavel consistisse

o desempenho d'um papel, o da rainha seria um dos mais bem desempenhados: perfeitamente vestida, de fronte pallida, com louras madeixas, a Isabel da scena não é a Isabel da lenda.

A actriz, que se encarregou do papel, ostenta na declamação orgulho demais para representar a mulher que *olha para Jerusalem, que faz penitencia, que roga a Deus de dia e de noute, que jejua a pão e agua, e que traz sempre a maceral-a asperrimos cilicios; que supplica aos Archanjos do Senhor, e que voltee os olhos para Deus.*

Ha contradicção n'esta falla, e no porte da rainha.

E se o orgulho era desculpado, em nenhuma scena o devia ser mais do que na scena 8.ª do 1.º acto, em que, conscia da nobre acção, que acabava de praticar, dava parte ao rei do modo como tinha evitado *muito sangue, como tinha dado a vida á sancta amizade de dous irmãos, como tinha salvado muitos innocentes*, e n'esta scena, em que a declamação devia ser activa, e bem entusiasta, é quasi inintelligivel, as maneiras da actriz são tão submissas, que bem parece, que acaba de praticar um acto mesquinho, e que sabia ser pelo rei reprovado.

O desempenho da scena 2.ª do quadro 3.º é eclipsado pela mendiga, todas as attensões se retiram da rainha e vão convergir em Maria de Gusmão.

O quadro 4.º do acto 3.º é todo da rainha: o auctor carregou-o, porque a boa arte dramatica assim o exige, visto ser todo o quadro o preparativo para a justificação de Isabel; a sr.ª C. Velloso deixa ver as difficuldades, com que lucha, sobe, sobe, e chega a um ponto que tem de gritar em vez de declamar: lembro-me até que n'uma das noutes de recita nem declamou, nem gritou, *recitou* toda a scena 3.ª e parte da 4.ª d'este quadro até á prece, que recita em verso: o papel é de muita força, e a saude delicada e melindrosa da sr.ª C. Velloso obsta a que o papel seja fielmente reproduzido em scena.

A appareção da rainha no acampamento é de muito effeito, o quadro 6.º é para nós o mais dramatico, a actriz não deve cançar-se muito, porque basta repetir o papel como o auctor o escreveu para ser applaudida quem quer que o fizesse.

O acto 5.º na ultima falla da rainha em que o auctor pôz como rubrica — *fallando com força progressiva*, a actriz esquece-se do aviso do auctor e erguendo a voz unicamente quando diz — *Portugal* — recita os ultimos versos entre tregeitos afflitivos e com voz tão sumida que bem se póde alcinhar aquella morte a morte da peccadora e não a da justa.

Fomos ver se o auctor assim mandava que morresse Isabel, e vimos o que esperavamos, exa-

ctamente o contrario, aconselhando energia no recitativo, e não ordenando signaes, que, por communs, são trivias ás mortes ordinárias e como taes nunca possiveis nem imaginaveis na morte d'uma sancta.

A sr.^a Maria Joanna é, na lenda, a perola do desempenho, como ella diz bem tudo! como ella parece soffrer, e como illude!

Logo na scena 2.^a do quadro das rosas e flores, a actriz sobe a um ponto, que os applausos constantes e geraes da plateia bem lhe dizem que bem desempenha.

Depois todo o quadro 4.^o é d'ella: é então que a sr.^a Maria Joanna se ergue á altura de actriz distincta, é então que ella recebe a ovação com que lhe é recompensado o seu merecimento.

No delirio commove, e é difficil hoje conseguil-o, por que a época não o tolera: comtudo o papel exige-o e a actriz sahe d'esta difficuldade com uma salva de palmas.

O papel de D. Mecia, a aia da rainha, coube á sr.^a Maria Velloso.

Não soffre contestação que anda muito mal, e chega até a ser incommodo o grito desafinado, que dá na scena 2.^a do quadro 4.^o

Chamámos-lhe a *scena* do *dó* do peito, por que ainda não vimos a sr.^a Maria Velloso repetil-a, que não fosse mal: e se o *dó* nem todos dão, aquella scena já agora ha de ser dita como o tem sido até hoje.

Compreende-se facilmente que D. Mecia devia ser outro typo.

A sr.^a M. Velloso precisa estudar, e muito, se quer que a plateia a tolere; bem vê que não póde fiar-se nos grandes dotes intellectuaes como sua irmã a sr.^a Carlota Velloso: esta, ainda que hoje diga menos bem uma cousa, lá tem outro papel, em que ella se ostenta em todo o seu esplendor, e a sr.^a M. Velloso ainda não nos quiz mimosear com um papel por onde conheçamos o genero, em que está classificada.

A sr.^a C. Velloso ha de ser sempre para mim actriz distincta, cuja prova tenho no seu tyrocínio, de tres annos em Coimbra: á sr.^a M. Velloso fez-lhe mal o papel de D. Mecia, em que demais a mais trazia *balão... e balão em 1279* Sr.^a M. Velloso foi descoberta, de que nenhuma gloria lhe provém. Como nos agradou o desempenho do resto dos actores, na chronica, que vem, os mencionaremos, louvando-lhes o bem que entraram.

Vae á scena o Frei Luiz de Sousa!

É para beneficio do sympathico actor Amaral e do espirituoso actor Dias; recommenda-se por esta causa.

Passou-se a semana sancta, e entre os oradores, que mais se distinguiram, devo mencionar o sr. dr. Lima no sermão do *mandato* na capella

da Universidade: — a intelligencia do orador, e a sympathia, que por elle existe, chamou n'aquella noute innumeravel concurrencia para escutar a voz harmoniosa, embora não robusta, do joven orador.

Trilhando caminho novo, bem podemos chamar *conferencia* ao discurso proferido; e é bom que se desterre d'aquelle respeitoso logar o já cansado plangente, que, quando muito, só inculcava a fortaleza de pulmão, mas que nem sempre queria dizer robustez do espirito.

Foi feliz o orador no exordio: a comparação de Socrates e Christo foi de effeito; e de bom resultado foi tambem o desenvolvimento «de que na realização d'uma ideia, ou na applicação d'um principio está, as mais das vezes, maior merecimento do que na criação d'essa ideia, ou no idear d'esse principio».

A oração foi vasta, muitos os pontos, em que o orador tocou, grande a ideia, que demonstrava, rica a intelligencia, que se manifestava, explicação do por que foi grande a attenção de quem escutava, razão bastante da consideração em que o orador é tido.

Domingo de Paschoa tambem orou na Sé Nova o sr. Sanct'Anna, a minha amisade para com elle dispensa-me de commentarios: não é a primeira vez que sobre elle fallo, a minha opinião cada vez mais se robustece, estou firme em acreditar que o sr. Sanct'Anna é ornamento da tribuna sagrada.

Publica-se o drama do sr. Augusto Cesar de Sá — Amor de redempção — e imitação do theatro francez — quem lhe assistiu á representação deve saber que lucra comprando, por que aprende n'aquelle estudo como uma estreia dá muitas vezes um futuro cheio de esperanças.

J. Valle

Expediente

A REVISTA DE COIMBRA — assigna-se:
Em Coimbra — na Imprensa Litteraria.

Preço

Por trimestre | Coimbra..... 300 réis
| Fóra de Coimbra .. 360 »

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte á redacção — rua do Corpo de Deus, n.º 53.

Os srs. assignantes de fóra de Coimbra podem remetter o valor da sua assignatura, em estampilhas, á Redacção da — REVISTA DE COIMBRA.

REVISTA DE COIMBRA

FOLHA BIMENSAL

N.º 9

15 de Abril

1866

DA IMPORTANCIA DA POESIA

MANIFESTADA NOS PRIMITIVOS TEMPOS DA GRECIA,
E PELOS TROVADORES DA IDADE MEDIA

A idade media é a era da imaginação fecunda. Os primitivos tempos da Grecia estão para Homero, na mesma relação que esta para a Renascença. É um longo periodo de gestação da humanidade; o embrião de todas as ideias que tomam fórmulas gigantescas ahí s'encontra! É uma terrível agonia de povos, uma guerra continuada de grandes, em que a purpura dos reis feita em pedaços, e o throno vagando á mercê das tormentas, espera do Vaticano a inspiração da igreja, como Noé a palavra de Deus nas summidades do monte Ararat.

As ideias de todos os cerebros se confundem; os sentimentos os mais nobres, e os mais perversos se chocam; as philosophias de todos os sistemas combatem; as liberdades desvairam; os poderes sem uma circumscripção limitada são como uma effervescencia d'elementos heterogeneos de que a igreja é a força catalytica. O odio do escravo, a traição do homem sem recursos, e indeciso vela por toda a parte. D'um individuo a outro, de senhor a senhor, d'estes a reis não ha confiança; uma intriga os põe em guarda, e uma intriga os separa para o exterminio, e a morte. Não ha leis; se as ha contradizem-se. A igreja quer o Direito Canonico, a sociedade reclama o Direito Romano, o nobre oppõe o seu direito feudal, a plebe ignorante quer os seus costumes, as suas leis antigas. A justiça é comprada; os crimes vendem-se a peso d'ouro; inventam-se formulas as mais grosseiras para se cavillarem as leis, a prova pela agua, pelo anel, pelo ferro em brasa... Seculos de caprichos e arbitrariedades. Juntae a isso, as grandes pestes, as grandes fomes, as grandes ruínas, e tereis um seculo d'horrores! Juntae tambem o agonisar de muitas gerações, dos judeus que expiram em supplicios mais refinados que os do Tartaro.

O homem não dá um passo que não o sintam, não diz uma palavra que as paredes não ouçam;

os erros de seus paes fazem a desgraça de suas mulheres, e de seus filhos; o trabalho é o pão amassado com lagrimas, e vergonhas; a intelligencia tem medo de peccar; a razão povoa d'espectros terriveis o seu mundo como um louco; a imaginação é o delirio d'uma febre mortal; a doudice vê-se no seu aspecto horrivel, a miseria blasphema, e levanta ao céu o braço descarnado; a morte assenta-se no meio das ruínas, e os corvos vestem de lucto aquellas solidões medonhas!

Por toda a parte avulta o horror da lepra, e dizem que a antropophagia faz tambem seus estragos!

Das fogueiras sabem gritos consternados, e escuta-se nas rodas do supplicio o estalar dos ossos!

A indigencia esmola humilhada como um escravo á porta das abbadias, e conventos; o povo chora porque não pôde pagar um tributo tão oneroso; figuras sinistras correm de todos os lados, peregrinos, trovadores, cavalleiros; penitencias lugubres pelas ruas, a devoção mais fervorosa nos templos; a casa do pobre é uma furna humida, fria como uma gruta, triste como um sepulchro; a do nobre uma fortaleza que abriga uma canalha vil que insulta, e prostitue tudo; as suas festas, como as mascaradas, a festa dos doudos pintam essa alegria contrafeita, e sem sentido; no meio de tudo isto o luxo o mais esplendido, a orgia a mais devassa, e a prostituição a mais escandalosa! A vida é um suicidio lento. O monarcha, o nobre, a plebe vão pagar o seu tributo debaixo das abobodas d'um claustro, e da mortalha d'um habito, desgostosos do mundo! Que triste que não era o mundo se ao futuro ligassemos o passado. Esta tempestade que repercute d'um polo ao outro, e s'estende como um sudario negro sobre o cadaver da terra, tem as suas alternativas de risos, e esperanças que confortam. Em Maio, quando as flores abrem o calix perfumado, a borboleta se banha nas crystallinas göttas das corollas, e as andorinhas recortando os ares passam trinando pelas veigas avelludadas, quando as noutes s'estrellam de mil luzes,

escuta se a voz do trovador nas salas dos castellos feudaes ao som do mavioso bandolim, ou de de lindas serenatas!

As lindas castellãs deslumbrantes de belleza, e graça, acariciam o hospede bem vindo, e os orgulhosos barões deleitam-se na vaidosa gloria de seus antepassados. Ahi descrevem-se com enthusiasmo as façanhas dos bravos, e os typos mais delicados de mulheres figuram nas suas trovas. O trovador na idade media é geralmente um coração generoso, e nem sempre o parasita que volta enriquecido de presentes, armado cavalleiro de casa do nobre. Teem ideias elevadas e grandes; no campo de batalha encontrareis d'esses homens que entoando com enthusiasmo as suas trovas, animam de coragem um exercito, e fulminam o anathema á tyrannia dos reis, pela liberdade dos povos; que rindo-se do que apparece de ridiculo, se prestam de bom grado para a defeza d'uma philosophia sensata, creando nos povos uma linguagem facil e folgazã, o bom senso, e extirpando d'elle os preconceitos prejudiciaes. Não eram cobardes para pouparem os ridiculos de quem quer que fosse, mesmo da igreja.

Foram os trovadores da idade media que exaltando a formosura, como tinha feito Homero para um perfil grego, adoçaram um pouco os rigores d'essa vida ascetica, e aventureira, onde o homem embebido no extasis, e possuido d'um enthusiasmo cego representava essa violenta tragedia de sangue, e destruição. No amor divino que ia manifestar as suas queixas nas solidões dos desertos, na vestidão das planicies, nos montes elevados, nos blocos informes das ruinas, onde houvesse um aspecto triste para o coração, e uma voz de desespero para a alma, essa aridez monotona devia atear a sede energica, que sómente uma bebida profana, e não o calix do vaso mystico, poderia acalmar. A poesia, toda amor, é um sentimento do coração humano, que avulta pela imaginação nas concepções as mais arrojadas, nos desejos os mais impossiveis. Um exemplo frisante está na legenda de S. Graal, do vaso mystico que continha o sangue do redemptor, esse talisman de dôr como diz Quinet, que os cavalleiros procuram sem cessar, na fórmula d'um thesouro encantado, e d'uma pedra preciosa.

A poesia no seu começo arraiga-se ao homem como uma crença infantil; mas como a sua natureza vaé sentindo necessidade d'impressões diversas de dia para dia, mudam-se as scenas de tal modo, ha uma assimilhação tão vasta, que poucos vestigios ficam para a lapide, para a historia. Jesus macerado tem uma apparencia que contrista, mas a Virgem Maria é um ideal que satisfaz.

Presta-se mais á adoração, a imagem dese-

nha-se mais clara em nosso espirito, e com mais realidade para os sonhos ardentes da imaginação. Esqueceu-se Jesus pela Virgem, e a mesma Virgem a final pela mulher. O coração elevava-se; abria-se soffrego a um melhor roscio; apalpava-se mais o ideal d'aquella religião que se repartia com a mulher. Diz Quinet: «Por toda a parte a Madona da Italia se substituiu ás imagens lugubres de Christo». Esta apotheose passou do dogma para a arte, e poesia.

Em vez do emblema da sciencia infinita mil phantasmas adorados, a esposa do rei Arthur, a rainha Genoveva, a rainha Iseult a loira, a castellã de Vergy, a dama do Lago, Bertha, Ande, Alice, Clarissa, Eglantina, Morgana, Beatriz de Portinari, povoaram o paraíso dos poetas. Essa vida ascetica devia conduzir a paixões torpes e degradantes, mas á beira do precipicio, na abnegação de todos os sentimentos humanos escuta-se a voz do trovador, uma nova religião nasce, mais uma crença o salva. Um altar se eleva d'um montão de ruinas, e sobre esse altar é divinizada a mulher.

Passou d'um extremo a outro, mas assim foi necessario!

Aleixo dos Santos

AMOR E ARTE

III

Estamos no intervallo do terceiro para o quarto acto do drama de João José.

A ultima scena tinha deixado profundas impressões, e Roberto da Cunha aproveitou o ensejo de se ver extraordinariamente sensibilizado e enternecido para dizer duas cousas maviosas á sua Violante. Entrou no seu camarote com o rosto levemente ensombrado da tristeza geral, e saudou-a com esta pergunta insulsa:

— Que lhe pareceu o final d'este acto, minha senhora?

— Detestavel, respondeu ella, com um gesto de enfado e aborrecimento. Aquillo é uma burla que nos impingiram, promettendo-nos um drama decente.

— Mas, minha senhora, o auctor... objectou timidamente Roberto da Cunha.

— O auctor fazia melhor se rezasse no breviario. Escrever um drama não é rezar no côro qualquer oração rotineira. V. ex.^a gosta do entremez?

— Eu, minha senhora, sigo a opinião publica, e...

— O que? perguntou espantada D. Violante.

A opinião publica! Pois isso que ahi está, póde formar uma opinião; isso é porventura algum publico, fazedor de reputações? Onde estão ahi os corypheus da opinião?... mostre-m'os, senhor barão, disse a espirituosa menina, entre frouxos de riso.

— Está ali o visconde, que acha o drama excellente, segundo elle diz.

— Ah! o visconde... sim? perguntou ella com um ar de graciosa zombaria. Elle tambem mete a sua lóa no theatro, e faz a sua quadrinha... póde formar opinião, póde. Pois eu destouo completamente do juizo do dramaturgo visconde.

Se o drama fosse d'elle, já eu não tinha o incommodo de vir a este theatro de getas. Enganaram-me desgraçadamente.

— V. ex.^a está hoje muito severa.

— Não estou, não, atalhou a deliciosa censora, estou muito agastada contra mim mesma, por vir aqui aturar as tolices do sr. João José.

— Pois olhe, minha querida senhora, eu gosto d'aquella ultima scena, porque o estado da alma d'aquelle pobre rapaz, que se queria suicidar, mostra-me bem o soffrimento de quem ama, e vê fugir-lhe a mulher dos seus intimos suspiros.

Aqui o barão deu á gorda cara uma expressão de internadas amarguras, e aos olhos uma dolorosa tristeza, fitando-os no rosto mimoso de Violante, a ver se ella comprehendia a paixão do seu adorador.

— Então v. ex.^a já soffreu d'amores?

— Soffro ainda, minha senhora, e soffrerei sempre, em quanto que o anjo tutelar das minhas felicidades me não cobrir com a sua aza do céu.

O anjo tutelar e a aza do céu fez sorrir levemente Violante, que perguntou ao pobre namorado com uma zombeteira curiosidade.

— E onde está esse anjo celeste, que lhe inspira um tão fervoroso amor?

— V. ex.^a sabe-o de ha muito tempo. Quem havia de mover-me o coração a não ser a formosura sublime da mulher divina, que eu tenho a fortuna de ver agora ao pé de mim?

— Ah sou eu?... Julgava, que a sua primeira declaração d'amor não passava d'um galanteio de baile, distracção d'uma noute, que desapareceria da lembrança, como um leve sonho, como um passatempo trivial a todos os elegantes, de que v. ex.^a é um invejavel modelo.

— Oh minha senhora! continuou elle sem perceber o escarneo, é um grande e profundo amor, que eu jámais poderei arrancar do coração.

Desejava ter para v. ex.^a todas as perfeições humanas, para que algum dia se dignasse volver olhos piedosos sobre mim, levantar este desgraçado a todos os arrebatamentos da felicidade, que elle em vão procura na escura noute da sua vida,

onde o rosto angelico de v. ex.^a lhe apparece sempre, como a sua unica estrella a irradiar-lhe nos sonhos d'uma presentida ventura. O barão ao terminar este esforço de apaixonado sentir, trabalho de memoria, porque era a repetição do fragmento d'uma carta de namoro, que o seu amigo, o jornalista Luiz, lhe escreveu, limpou o suor que lhe reçumava da testa afogueado, e aguardou uma doce resposta aos seus desentranhados galanteios. Violante ficou pensativa e muda. Elle julgou aquelle silencio de bom agouro e continuou:

— V. ex.^a acredite que eu sou capaz dos maiores sacrificios para lhe agradar.

O meu pensamento de todos os dias e de todas as noutes é... é acordar o amor do seu coração, e...

Interrompeu-o a tempo, porque já estava desmemoriado, uma desenvolta gargalhada á porta do camarote, que se abriu para dar entrada ao amante preferido, o qual, no parecer do barão, era mais feliz por ser magro, e fazer versos. Roberto da Cunha cahiu do setimo céu dos devaneios amorosos, defrontando com aquelle homem, que era o seu rival afortunado, e que era incontestavelmente um bonito homem. Para se equilibrar entre o ridiculo vergonhoso d'uma sahida cobarde e o martyrio de se ver ali, alvo das risadas dos dous amantes, disse para elle:

— Tarda muito o ultimo acto; fazem-nos esperar mais do que valerá o desenlace da comedia.

— O desenlace d'esta pequena comedia, disse D. Violante, é pedir eu ao sr. Eduardo d'Almeida que me dê o braço para sahir d'aqui. Estou enfadada. Desejo ao sr. barão uma agradavel noute.

O infeliz Roberto não estava prevenido para aquelle pessimo desfecho—das suas ardidias esperanças. Soltou um ah! que era uma exclamação de pasmo doloroso, e foi depois vociferar com o jornalista Luiz contra o despejo das mulheres romanticas.

O drama de João José acabou pouco depois entre os berros da plateia endemoninhada, e o auctor foi chamado ao proscenio, e coroado de rosas vermelhas, presente d'um especieiro da terra, que as havia colhido com o intuito de premiar o peregrino engenho. Houve dous poetas que recitaram a João José uma versalhada, em que se fallava muito em genio, glorias de Portugal, espendor das artes, e outras parvoicadas. O dramaturgo ao sahir do theatro dizia entre o sorvo d'uma pitada e um sorriso de triumpho:

— Foi uma noute gloriosa. Desbanquei o visconde.

(Continúa)

F. Guimarães Fonseca

No mar

Dorme em paz, candida rosa,
 Vela-te em noute formosa,
 O alvo manto do luar...
 Ai tão branca, á beira mar,
 Vem a espuma docemente
 Beijar-te a planta mimosa:
 Filha, amor, anjo dormente!
 Erguem-se as brisas da noute
 Perfumadas da floresta,
 Ondula o cabelo humido
 Sobre a face doce e mesta,
 E no collo alabastrino,
 Cahe o orvalho, como a perola,
 Góttá suave d'amores
 Que dos olhos se desprende
 Da noute a todas as flores;
 E tu dormes embalada
 Pelas aguas do oceano
 Pomba fugida; anciada
 Hora do somno, ou engano
 D'alma errante, que te arrasta
 Á praia longe... deserta...
 Levanta-te, filha, esperta
 Porque a vaga somnolenta
 Lá se ergue além, já rebenta
 Contra o rochedo... a tormenta
 Vae sugir enfurecida!
 Cresce a montanha das ondas,
 Ruge do mar o furor ..
 Acorda, anjo da noute,
 Acorda lirio d'amor...

E na rocha o vulto aereo
 Branco, em sonhos desmaiado,
 Não sentia o vento irado
 Levár-lhe os cabellos d'ouro;
 E no seio docemente
 Arfa d'amor o thesouro.
 E a alva espuma do vestido
 Á branda luz do luar
 Mal cobre o corpo esquecido
 N'aquelle triste sonhar.
 Veio a onda namorada
 Beijar-lhe a mãosinha linda;
 Outra veio mais anciada
 Passou adiante, e ainda
 O labio havia esquecido
 Entreaberto n'um sorriso,
 Quando voltou, n'um gemido
 Longo — profundo — infinito!
 Era d'ancia o extremo grito
 Do gózo o suspiro immenso.
 E sobre o abysmo suspenso
 Entre o bramido das vagas
 Lá vae a estranhas plagas
 O anjo da formosura!
 Cerrou-se-lhe a noute escura,
 Quando sonhava nos céus
 A branda luz do luar...
 Cingiu-a o abraço eterno
 Da formosura de Deus.

Dorme em paz, candida rosa,
 Vela-te em noute formosa
 O longo manto do mar.

F. Guimarães Fonseca

CONSIDERAÇÕES**Sobre o brazão da cidade de Coimbra**

OFFERECIDAS AO

Sr. Dr. ANTONIO JOSÉ TEJXEIRA

I

Quando vimos, no anno de 1863, collocado nos chafarizes o brazão da cidade de Coimbra, doeunos o coração, de que o viajante curioso fizesse um triste conceito de nós, habitantes d'esta boa terra, e da sua illustre municipalidade, como pouco entendidos em cousas de historia.

Presidia então á vereação municipal o ex.^{mo} sr. conselheiro Henriques Secco. Expozemos-lhe as duvidas que se nos offereciam, para julgar pouco exacto aquelle brazão; e o illustrado presidente, ouvindo-nos com toda a delicadeza, declarou que na secretaria da Camara verificaria o que lhe expunhamos.

Com mágua vimos, porém, que depois igual brazão foi collocado no chafariz da Praça; e por isso nos resolvemos a apresentar hoje ao publico as nossas considerações. Se ellas não forem justas, esperámos que da secretaria da Camara nos illucidem, a fim de podermos emendar alguns trabalhos que temos ainda em borrão, ácerca d'este ignorado ramo da nossa historia patria.

O brazão collocado nos chafarizes é o seguinte. Em campo de prata um calix; dentro em meio corpo donzella de mãos postas, coroada de corôa de bicos; á direita serpe, e á esquerda leão rompentés: timbre — corôa *inclassificavel*.

O brazão que julgámos dever substituir por aquelle é o seguinte. Em campo de vermelho calix de ouro; dentro em meio corpo donzella de mãos postas, de vestes de prata, coroada de corôa ducal; á direita serpe de verde, á esquerda leão de ouro batalhantes: timbre — corôa ducal.

II

O brazão é uma pagina muito viva, onde podemos ler o que o nobre, de acção em acção, de gloria em gloria, ganhou para si, e com honra legou a seus descendentes, para que estes se tornassem imitadores de tamanhas proezas.

E que paginas de lealdade mais heroica, para ler e imitar, do que o brazão com que se honram os Pachecos e Farias! O primeiro mostra que, nem sempre a sorte das armas é necessaria para vencer o inimigo: o segndo, que nem vendo tirar a vida ao que lhe era de mais caro sobre a terra, entrega o castello confiado á sua guarda.

Das nossas conquistas bem alto falla o brazão dos Gamas, Barahonas, Minas, e Cão; e do nosso valor, quer sobre as encapelladas ondas do vasto oceano, quer sobre a larga extensão da terra firme, o brazão dos Mesquitas, Coelhoos, Themudos, Cesares, e muitos outros.

Oh! curvae a fronte diante do brazão dos Macedos! Respeitai-o; porque assim deve fazer o que se preza do bom nome portuguez! Foi elle que firmou a nossa independencia nos campos da famosa Aljubarrota; sellando com o sangue de Sandoval a segunda dynastia dos reis portuguezes.

Com os nobres, tambem os reinos, cidades e villas, tem o seu brazão, com que muito se honram.

Que pagina encontrará o historiador mais gloriosa e brilhante, do que essa que nos legou o sr. D. Affonso Henriques, que até hoje tremula em nossas bandeiras? Não lemos em toda ella o maior dia de Portugal — a batalha do campo de Ourique — onde sobre innumerados cadaveres se levantou uma nação, que pelas suas conquistas fez tremer o mundo? N'essa orla sanguinolenta, sobre que assentam os castellos de ouro, não lemos as façanhas, muito para imitar, do mestre de S. Thiago, D. Paio Correia, na conquista do Algarve, e o engaste de mais este florão na corôa portugueza pelo sr. D. Affonso III?

Monção, a muito leal, a filha predilecta do sr. D. Affonso III, ainda muito se ennobrece com o brazão legado por essa ascendente dos Palhares — Deu la Deu Martins — que, qual outra mulher forte da biblia, já sobre a alta muralha com ardid, já sobre o campo com a espada em punho, obrou proezas de um acrisolado valor, fazendo levantar o cerco, e pôr em vergonhosa fuga o adiantado da Gallisa, Pedro Rodrigues Sarmento, e o seu numeroso exercito.

Como esta villa, tambem a cidade de Coimbra tem por brazão uma mulher.

III

Do brazão da cidade de Coimbra, dizia Mariz em seus dialogos: «que era uma das cousas a que não sabia causa; e que houve muitos, que querendo dar-lh'a ficaram tanto áquem da verdadeira significação, que o maior fructo, que de suas opiniões colheram, foi serem uns louvados de artificiosos poetas, e outros de engenhosos moralisadores; e uns e outros de irem n'aquella materia totalmente afastados da verdade.»

E qual é a verdade? Nem elle mesmo o disse. Seguiu a tradição que diz: — Andando Ataces, rei dos alanos, occupado na reedificação da sua nova cidade de Coimbra, veiu com mão armada dar-

lhe a batalha Hermenerico, rei dos suevos em Galliza; e tal combate se deu entre os dous exercitos, que obrigou Cindasunda, filha de Hermenerico, a lançar-se entre os dous combatentes, pedindo paz. Ataces não duvidou dar-lh'a a troco da mão de esposa d'aquella que tamanho milagre tinha feito.

Para memorar esta acção, o rei dos alanos quiz que este facto não fosse olvidado; e passou-o á posteridade no brazão, que legou á sua cidade de Coimbra.

Historia que todos os escriptores relatam, e que chegou até nós, sem que algum a podesse provar em face do brazão.

No que vamos escrever, não poderemos ser louvados de *artificiosos* poetas, nem tão pouco de *engenhosos* moralisadores. Fallaremos a linguagem que nos diz o brazão; e com ella provaremos a verdade, com que alguns historiadores escrevem, e a exactidão do que julgamos verdadeiro brazão da cidade de Coimbra.

Dissemos que o campo do brazão, sobre que assentavam as insignias devia ser de vermelho e não prata; porque esta côr na armaria a primeira e mais nobre, representa esse sanguinolento combate, havido entre alanos e suevos. Ainda mais. Ella mesma nos apregoa a victima alcançada por Ataces, depois de muito batalhar, e a paz dada por este ao seu rival.

De sangue, era a bandeira sobre que assentava o féro leão de Ataces: e se este rei foi quem compoz o brazão, convencidos devemos estar, que não substituiria o campo de sangue pelo de prata, o qual em armaria tem diversa significação.

Sobre o campo vermelho assenta calix de ouro. Este significa as bodas e grandes festas, que se fizeram pela occasião das nupcias de Cindasunda, filha do rei Hermenerico, com Ataces, rei dos alanos; significa esse *bodano* ou *boddab*, que se fez pela paz, tornando amigos dous povos, que antes se odeavam do coração.

A figura dentro do calix, de mãos postas, e olhos elevados ao ceu, representa as preces mui agradecidas que a virgem envia ao Senhor, pelo acabamento da guerra. E o ser o calix de ouro, é porque este metal, em ordem o primeiro, significa nobreza, fé, sabedoria e grande poder. E todos estes dotes brilhavam em Ataces, açoute dos romanos.

Dissemos, que as vestes da virgem deviam ser de prata, porque este metal, em ordem o segundo, significa innocencia, pureza e castidade. E estas virtudes, tinha-as a virgem, que era a perola mais fina, engastada na corôa do rei dos suevos; preciosissimo thesouro, que Ataces sentia orgulho em possuir.

A virgem tem na fronte corôa ducal; e isto (é o brazão da porta d'Almedina que nol-o diz) é

uma prova, nada equívoca, de ser filha de reis a donzella que alli está; porque em regra só estas podem ser coroadas de corôa ducal, e fazer uso d'ella em seu brazão. É um documento, que a antiguidade nos legou, e que bem quizeramos respeitado, para a não vermos, como hoje, substituída por uma *corda de bicos*, sem significação possível em heraldica.

Bem combinadas estão as insignias; e mau grado as vemos completamente deslocadas. A serpe de verde era a insignia, que em suas bandeiras trazia Hermenerico, e como insignia do pae só podia occupar a direita, que é o lugar mais honroso no brazão. Á esquerda fica o leão de ouro, insignia de Ataces; e se como dizem os historiadores, foi este rei quem compoz o brazão, e o deu á sua cidade de Coimbra, é claro que n'elle devia occupar infimo logar.

Resta-nos fallar da corôa, que assenta sobre o brazão como timbre.

(Continúa)

Antonio Maria Seabra d'Albuquerque.

CHRONICA

A redacção não é responsavel pelas opiniões emittidas na chronica, que é exclusiva do chronista: é o lugar, que lhe dão, e ali pôde elle manifestar seja o que for sem ser solidario com pessoa alguma.

Aos agudos ingenhos, que leram a minha ultima chronica, pareceu ella — incrível:

aos mediocres — absurda:

aos *galants* officiosos — incivil:

aos que só dizem o que ouvem — contradictoria:

aos homens de lettras — estúpida:

aos illitteratos — exagerada:

ás actrizes — injusta:

aos inimigos — indigna de ler-se:

aos amigos — franca, sincera e justa.

Se eu tivesse de responder a todos ficava-me a consciencia inquieta, porque podia demonstrar com tal proceder, que a chronica nem foi pensada, nem reflectida. Pois, em boa hora o diga, foi uma e outra cousa. Pensei-a, porque só escrevo o que penso; reflectia, porque só digo depois de reflectir.

O desempenho da Rainha Sancta foi bom, mas não sem defeitos; se os não tivesse, seria optimo.

As actrizes fizeram o que disse, nem mais nem menos: os actores Alves, Amaral, Jacintho, Dias, Pereira, e Oliveira bem executaram o que o papel lhes impunha.

É tão raro e desusado dizer-se a verdade, e só

a verdade, que causa estranheza, quando ella é amarga, não se encobrir com o véu da lisonja, que é sempre o da mentira.

Comtudo é forçoso que o homem seja franco e imparcial no que profere — é lei, que não postergo — quem não gostar de ler não leia, quem se doer, é porque applicou á si a phrase picante, o dicto, que reprehendeu, o vocabulo que feriu, ou a chronica que censurou.....

Qui potest capere, capiat.

Os adagios populares tem certo character d'absoluto, que não falha: dá-lh'os a serie d'experiencias, que no espaço e tempo se produzem, e que depois são respeitadas, tidas e havidas como ontologia social: trago isto a pello para dizer que sempre tive como certo que «quanto maior é a nau, maior é a tormenta». Aquelle naufragio do Leviathan veio corroborar o meu pensar!

Mas isto a proposito de que? Eu digo já.

Era d'uma vez um homem que foi visitar os palacios da litteratura do seu tempo, viu-a rodeada d'arabescos, divisou-lhe infeites, que mal lhe diziam, enxergou fabulas, que a mesclavam, tropeçou em punhaes, que a ensanguentavam, fitou os tyrannos da sua comitiva, ouviu-lhe as mil imprecações, que proferia, os muitos crimes que registrava, e apesar de tudo isto agradou a esse homem o consorcio com tal deidade!

É por que elle bem sabia que d'essa mutua aliança longa descendencia devia apparecer, e que traria á sociedade a sua regeneração.

Dicto e feito: — realizado o consorcio, foi grande a geração, que nasceu, e immensos os beneficios, que d'ella resultaram.

O esposo chamava-se — Garrett:

A esposa — litteratura:

Os filhos foram Catão, D. Branca, Camões, Gil Vicente, Alfageme e muitos outros, que boa vida vão vivendo.

Em 1843 nasceu um dos filhos mais predilectos do Visconde d'Almeida Garrett.

O *baptizado* foi solemnemente festejado: a 6 de Maio de 1843 recebeu a sua *confirmação* pelas mãos do Conservatorio Real de Lisboa: entrou em *communhão*, pela vez primeira, a 4 de Julho do mesmo anno; tem feito *penitencia* por longo tempo, por se convencer que era peccado o promptificar-se a qualquer companhia que o sollicitasse; — de ha muito que não apparecia: foi requestado para contrahir o *matrimonio* no theatro normal, e só os requebros d'uma Emilia lhe faziam esquecer os galanteios de D. Maria da Conceição de Sá: a voz potente da actriz portugueza seduziu-o a ponto de ser bigamo: *ordenou-se*, que para castigo d'elle seria motejado e escarnecido, exposto á gar-

galhada publica: e foi, porque não ha theatrinho onde elle não appareça, não ha saltimbanco que não o ame: tem soffrido e muito; a *penitencia* é sempre o seu ultimo remedio.

Eil-o porém que nos apparece hoje com vida: eil-o dando attenção ás finezas d'outra dama.

Esta virtude, que elle tem de amar a mulher intelligente, foi-lhe legada por seu pae...

Oh! o visconde de A. Garrett nunca desprezou os sorrisos d'uma dama, como nunca deixou de respirar, soffrego, o aroma d'uma *rosa*!!

Frei Luiz de Sousa estava, de ha muito, retirado á vida privada; a sua existencia era nas bibliothecas: foram-no buscar, e o seu apparecimento foi, como é velho costume entre nós, recebido com a saudade pelo auctor e com a alegria de quem ama a eschola, que elle creou.

Foi exhumado para o beneficio dos actores Amaral e Dias. A plateia competentemente cheia anhelava porque lhe contassem em scena o que antes de para lá ir tinha ido no livro. Foi e escutou.

Pela singularidade do personagem, pela ideia que representa, pelo fim, com que o auctor o escreveu, o papel de Maria de Noronha chama todas as attensões sobre elle. É a filha de D. Magdalena de Vilhena, e de Manuel de Sousa: tem *treze annos*, e está *phthysica*:

Tem talento, que espanta, uma *viveza de espirito*, que faz admirar o fiel escudeiro (scena 1.^a, acto 1.^o): *comprehende tudo* (idem): *tem ingenho, dotes admiraveis*, que a mãe contempla (idem).

Vou dizer francamente, o que sinto.

Ao entrar pelo theatro eu relembra a « que a ultima scena que resume o drama, que o moralisa, a scena em que a victima vem morrer de vergonha e de dor, não se imita, nem se pinta, no pensar do sr. Rebello da Silva, e que se escreve só uma vez » — e eu perguntava a mim mesmo se a actriz poderia reproduzir tal scena?

Analysemos, começando pelo vestuario.

Maria appareceu em scena como se fosse uma menina trajando á actualidade; não havia n'ella uma cousa que a harmonisasse com sua mãe.

Os cabellos dos *treze annos* não são assim: se os queria annelados para tornal-os curtos o frisado não era bastante para no primeiro acto se distinguir do ultimo, e no ultimo é que o auctor diz: — *os cabellos soltos* — para dar a entender ou que nos outros actos anteriores os não devia trazer assim, ou que, embora os trouxesse tambem soltos, no acto 3.^o o desalinho do cabello não devia parecer-se como penteado usual do 1.^o e do 2.^o: e tão em desalinho os trazia, que os caracoes, que lhe pendiam de lado, estavam sempre incommodando a actriz, e ella sempre com a mão a affastal-os: é porque lhe faltava a *classica*

fito de veludo, rodeando-lhe a testa, e sendo-lhe prisão para o cabello.

As rosetas ethicas, que já devem conhecer-se no 1.^o acto, e que só no 3.^o tem de ser inflammadas não se notaram, e Telmo tem de dizer « que febre... e aquellas rosetas nas faces!... »

O feitio do vestido é improprio para a doente que tantos carinhos deve a sua mãe, e que tantos, cuidados lhe dá a saude da filha, por quem receia até a nova, com que ella se possa affligir; tanto era o cuidado pela sua saude — tanto mais attenção lhe devia merecer o seu vestuario; e até para conservar a unidade do traje ha por ventura, harmonia entre a mãe, carregada de veludo e a filha, vestida de seda côr de rosa, decotada, e manga curta? uma d'ellas está mal.

O sapato, que Maria calça, não é d'aquelles: ou é *de setim branco* e fita entrelaçada um palmo acima do peito do pé, ou de *duraque preto* e fita disposta do mesmo modo: onde é que alguem viu uma menina de *treze annos*, braço e peito a descoberto, vestido de côrte côr de rosa, no pino do verão — pleno Agosto — e *supato preto de polimento*?

A meia devia ser de seda: supponho que o não era, já indaguei, não tinham reparado, e eu estava longe, não podia bem distinguir.

Um celebre disfarce de renda branca, que leva quando vae com o pae a Lisboa, é de ridiculo effeito e improprio: vae uma sacola ao braço d'uma Derothea para resguardar do frio a menina, e esta ao sahir de casa para embarcar, quando o *tempo mudava tão depressa* (scena 10.^o do acto 2.^o) e quando a mãe lhe que diz tome sentido no ar para que não se esfrie (scena 6.^a, acto 2.^o), vae tambem decotada e manga curta, gorra de *blond branco*, e mantilha branca!!!

Deixemos o vestuario e vamos ao desempenho.

Eu applaudi a actriz.

Que não vá mexeriqueiro algum dizer-lhe o contrario, que mente; saudei-a com as minhas palmas, e embora de pouco valham ellas hoje para a sr.^a C. Velloso, ainda que só tiveram merecimento em épocas de tempestades partidarias em que eu fui acerrimo defensor de seu talento dramatico, comtudo pesava-me na consciencia grande remorso se não palmeasse o talento em toda a sua altura.

No papel de Maria viu-se como ella estudou, como lançou mão dos recursos, que tem, como chamou em seu auxilio a força intellectual, que possui: concebeu, e produziu o que estudou.

Fez o que eu sempre esperei, comprehendeu que era assim o papel e executou como entendeu.

Comtudo a sr.^a C. Velloso ficou muito distante de realizar o typo de Maria: excuse-me a actriz

do que lhe digo, mas a verdade é esta e só esta; tudo o mais será lisonja e por tanto mentira.

Fez uma Maria de 20 annos, foi muito, foi uma victoria o esforço: — applaudi.

A voz que o ensaio chegou a fazer aguda, conhecia-se que não era de 13 annos: nas declamações de força faltava, vinha a natural — e Maria já não tinha só 13 annos, a idade subia.

A creança transformava-se em mulher, e n'este estado a sr.^a Velloso foi inexcedível: e eu sei que podia conceber como o papel seria feito; mas sei que lhe era impossivel executal-o.

A fé, a ironia, o riso, o talento, e a agudeza, que o papel reclama, appareceu em scena, mas não foi como o que o auctor pintou no typo de Maria.

Foi a fé, que tem a mulher adulta, a ironia de quem conhece, o talento, que dá a idade a agudeza da experiencia, e em Maria tudo era espontaneo!

Disse por exemplo não muito bem o fim da scena 5.^a do acto 2.^o

Fria!.. quando ella estiver deca!

Mas vamos ao final do drama á scena 11.^a do acto 3.^o: admirei-a, foi sublime no que fez e no que disse; mas não disse nem fez o que era.

Declamou a falla como artista, que é, e para um papel, que pedisse mais de 13 annos o desempenho era de arrebatat: disse... «Mãe, mãe, eu bem o sabia, nunca t'ó disse» de modo igual como declamou no Casal das Giestas a carta, que lia ao pae, entre soluços e lagrimas, chorando a bom chorar, e eu por coherencia applaudia-a, como a tinha louvado no desempenho do Casal.

A falla toda é perfeitamente declamada, e eu sempre me sinto arrebatado quando diz: «Mãe, mãe, tu não has de morrer sem mim»... e o «mente agora para salvar a honra de tua filha, para que lhe não tirem o nome de seu pae» é proferido de tal maneira, que a sr.^a Velloso nada deixa a desejar.

O defeito, que se possa notar n'aquelle papel, vae recahir em quem distribuiu o drama, a actriz não é culpada, escolhida que fosse para o fazer, restava-lhe estudar, e isso fez, e isso é o que louvamos.

O escudeiro — Telmo Paes — coube ao sr. Alves; e, segundo entendo, foi feliz não só na caracterisação, mas no dizer o papel como o disse e sem levar o meu elogio ao exagéro, que logo se vê que é falso, sempre direi que foi um dos que mais se approximou do papel que escreveu Almeida Garret. Teve momentos verdadeiramente dramaticos: citarei coma prova na scena 1.^a aquella falla em que elle, sem depreciar Manuel de Sousa Coutinho, dá preferencia a D. João de Portugal: depois a scena 4.^a e 5.^a do acto 3.^o

são desempenhadas pelo actor com certa distincção: a prece por Maria de Noronha, o reconhecimento de D. João, a hesitação em dar parte de que o Romeiro era um impostor, tudo isto é bem feito, e tudo é bem dramatico.

O Romeiro — o sr. Amaral — luctava com a opinião anticipada do proverbial — *Ninguém*: — como dirá elle o — *Ninguém* — perguntavam todos, e supponho que disse o *Ninguém* como ninguém; e ainda assim parece-me que todos tem uma maneira especial de o dizer — elle disse-o bem, a plateia mostrou-lh'o; eu não o diria assim, fazia o acento na primeira syllaba, demorar-me-hia n'ella, arrastaria o — *Nin* — e não escolheria a ultima para demora do som: com tudo cada um é que entende pelo estudo, que faz d'uma difficuldade, como se ha de sabir d'ella.

A scena 5.^a do acto 3.^o com Telmo é reproduzida com muita arte — bem declamada é sempre de effeito: como o sr. Amaral diz bem:

«E porque não, se já me pèza a mim d'ella, se tanto me pèza ella a mim?»!

Não lhe approvo a caracterisação — similhava-se muito ao longe, com uma figura, que eu vi n'um almanack, em que o espirituoso auctor comparava o reino animal com o hominal — e trazia uma cara, que apresentava os traços leoninos; assim no Romeiro; não gostei do typo: cabelleira de estopa já não é muito da moda, e se a desculpa de trazel-a está nas fallas da scena 5.^a do acto 3.^o, em que Telmo se espanta da alvura do cabello e barba, e para o que só a noute depois da batalha bastou — a crina branca era de muito mais effeito, mais decente e não parecia, pelo escorrido, que lhe tinha cahido agua.

Que boa não era a cabelleira do sr. Alves! Era diferente, porque era annellada, mas a outra por o não ser, não é conclusão que fosse de estopa.

O padre — o sr. Oliveira — mostrou, que tinha estudado, não é dos mais principaes personagens, andou bem e não se tornou saliente no meio dos seus collegas, acompanhou os, e no que fez foi igual aos outros.

Comtudo porque será que a caracterisação é esquecida em quasi todos? e sinceramente o digo, tirando o sr. Alves eu não vejo quem se importe muito com ella.

Continuaremos no proximo numero; mas antes de rematar participo aos leitores, que não viram a comedia — O baptizado — que a sr.^a Maria da Luz fez de parteira e chamava-se Anicetta! Até breve.

J. Valle